

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RAQUEL MELO SILVA

**O COMPORTAMENTO DA LATERAL PÓS-VOCÁLICA  
NO PORTUGUÊS DE FRONTEIRA DE JAGUARÃO/RS**

PORTO ALEGRE

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RAQUEL MELO SILVA

**O COMPORTAMENTO DA LATERAL PÓS-VOCÁLICA  
NO PORTUGUÊS DE FRONTEIRA DE JAGUARÃO/RS**

Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva  
Schwindt

PORTO ALEGRE  
2024

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Raquel Melo  
O comportamento da lateral pós-vocálica no  
português de fronteira de Jaguarão/RS / Raquel Melo  
Silva. -- 2024.  
137 f.  
Orientador: Luiz Carlos da Silva Schwindt.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Lateral pós-vocálica . 2. Sociolinguística  
Variacionista. 3. Fonologia. 4. BDS Pampa. I.  
Schwindt, Luiz Carlos da Silva, orient. II. Título.

Raquel Melo Silva

O COMPORTAMENTO DA LATERAL PÓS-VOCÁLICA  
NO PORTUGUÊS DE FRONTEIRA DE JAGUARÃO/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Porto Alegre, 22 de fevereiro de 2024.

Resultado: aprovada com conceito A.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Schwindt (Orientador)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Prof. Dr. Felipe Bilharva da Silva  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Prof. Dra. Laura Helena Hahn Nonnenmacher  
Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS)

---

Prof. Dra. Valéria Neto de Oliveira Monaretto  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Dedico este trabalho  
a minha mãe, Mirtes Melo.

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Mirtes Melo, pela alegria, esperança, carinho e paciência. Este trabalho foi sonhado por nós duas, em conjunto, como sempre.

Ao professor Luiz Carlos Schwindt, pela orientação e colaboração ao longo do mestrado.

Aos colegas do MorPhon, pelas trocas de conhecimento e experiências, que enriqueceram minha jornada acadêmica.

Aos membros da banca de defesa dessa dissertação, professores Felipe Bilharva, Laura Hahn e Valéria Monaretto, pela leitura cuidadosa do texto e pelos valiosos comentários e sugestões durante a defesa.

A Júlia Ricardo, pela ajuda essencial na realização da parte estatística do trabalho.

Ao professor Rogério Borges e aos estudantes do Núcleo de Assessoria Estatística do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela colaboração fundamental durante os últimos meses de escrita.

Ao professor Paulo Borges, por disponibilizar os dados do BDS Pampa.

A Manuele Bandeira, pelos conselhos, incentivos, amizade e consideração.

Aos colegas e amigos Paula Rosinski e Oscar Solari, pelas trocas e apoio.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de cursar o mestrado.

“O melhor que o mundo tem está nos muitos mundos que o mundo contém, as diferentes músicas da vida, suas dores e cores: as mil e uma maneira de viver e de falar, crer e criar, comer, trabalhar, dançar, brincar, amar, sofrer e festejar que temos descoberto ao longo de milhares e milhares de anos.”

Eduardo Galeano

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo principal analisar o comportamento da variante velarizada [ɫ] da lateral pós-vocálica na cidade de Jaguarão/RS, utilizando os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008). Sob essa perspectiva, postula-se que a variação do /l/ pós-vocálico pode ser influenciada tanto por fatores linguísticos quanto por fatores sociais. No português brasileiro, a lateral em posição final de sílaba é conhecida por sua alofonia posicional (Câmara Jr., 1985), podendo manifestar-se a partir das variantes alveolar [l], velarizada [ɫ], vocalizada [w], apagada [ø] ou rótico. Embora estudos em diferentes regiões do Brasil apontem para a tendência à vocalização desse segmento, resultados de pesquisas realizadas na Região Sul (Quednau, 1993; Espiga, 1997, 2001; Dal Mago, 1998; Tasca, 1999, entre outros) indicam outras realizações possíveis, como o uso das variantes alveolar e velarizada. A análise desse trabalho foi conduzida com base em um *corpus* composto por 20 entrevistas sociolinguísticas provenientes do Banco de Dados Sociolinguísticos da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense (BDS Pampa). A estratificação dos participantes se deu a partir das variáveis sociais *faixa etária*, *gênero/sexo* e *escolaridade*. Após oitiva e transcrição das ocorrências da lateral nos áudios, os dados foram classificados quanto às variáveis linguísticas *contexto fonológico precedente*, *contexto fonológico seguinte*, *tonicidade da sílaba*, *posição da lateral na palavra* e *frequência lexical*. No total, foram registradas 1.580 ocorrências da lateral pós-vocálica, sendo 1.207 (76,4%) ocorrências da variante vocalizada e 373 (23,6%) da variante velarizada, esta última representando a variável resposta do trabalho. A análise estatística foi conduzida utilizando a Plataforma R (R Core Team, 2023). Das variáveis preditoras consideradas, foram selecionadas estatisticamente significativas o *contexto fonológico seguinte*, a *faixa etária* e a *escolaridade*. Os resultados indicam que a produção da variante velarizada é favorecida pelas consoantes subsequentes de ponto de articulação alveolar e velar. Quanto às variáveis sociais, observou-se maior chance de ocorrência da lateral velarizada na fala de indivíduos pertencentes a faixas etárias mais elevadas e na daqueles que possuem baixos níveis de escolaridade.

**Palavras-chave:** lateral pós-vocálica, Sociolinguística Variacionista, Fonologia, BDS Pampa.



## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the behavior of the velarized lateral [ɫ] variant in the post-vocalic position in the city of Jaguarão/RS, using the theoretical framework of Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008). From this perspective, it is postulated that the variation in post-vocalic /l/ can be influenced by both linguistic and social factors. In Brazilian Portuguese, the lateral in the final position of a syllable is known for its positional allophony (Câmara Jr., 1985) and can manifest as alveolar [l], velarized [ɫ], vocalized [w], deleted [ø], or rhotic variants. Although studies in different regions of Brazil point towards a tendency for the vocalization of this segment, results from research conducted in the Southern Region (Quednau, 1993; Espiga, 1997, 2001; Dal Mago, 1998; Tasca, 1999, among others) indicate other possible realizations, such as the use of alveolar and velarized variants. The analysis of this work was conducted based on a corpus consisting of 20 sociolinguistic interviews sourced from a sociolinguistic database named Banco de Dados Sociolinguísticos da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense (BDS Pampa). Participant stratification was carried out based on social variables such as *age*, *gender* and *education level*. Following the listening and transcription of occurrences of the lateral in the audio recordings, the data were classified according to linguistic variables, including the *preceding phonological context*, *following phonological context*, *syllable tonicity*, *lateral position* and *lexical frequency*. In total, 1.580 occurrences of post-vocalic lateral were recorded, with 1.207 (76.4%) instances of the vocalized variant and 373 (23.6%) instances of the velarized variant, the latter being the variable of interest in this study. Statistical analysis was conducted using the R Platform (R Core Team, 2023). Among the considered predictor variables, the statistically significant were the *following phonological context*, *age* and *education level*. The results indicate that the production of the velarized variant is favored by subsequent consonants of alveolar and velar articulation points. Regarding social variables, there was a higher likelihood of the occurrence of the velarized lateral in the speech of individuals belonging to older age groups and those with lower levels of education.

**Keywords:** post-vocalic lateral, Variationist Sociolinguistics, Phonology, BDS Pampa.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Linhagem genealógica da Sociolinguística.....	22
Figura 2 – Posição articulatória da lateral alveolar e velarizada.....	40
Figura 3 – Espectograma das palavras <i>led</i> e <i>yell</i> .....	41
Figura 4 – Usos da lateral pós-vocálica na Região Sul.....	52
Figura 5 – Ocorrências do /l/ pós-vocálico nas capitais brasileiras.....	53
Figura 6 – O processo de vocalização de /l/ representado pela Geometria dos Traços..	55
Figura 7 – Representação da unificação do traço [coronal, +anterior] pela variante [l]	59
Figura 8 – Representação da unificação do traço [coronal, -anterior] pela variante [ɫ]	60
Figura 9 – Representação da unificação do traço [labial] pela variante [w].....	60
Figura 10 – Representação geométrica dos três estágios da regra telescópica da lateral pós-vocálica.....	61
Figura 11 – Regra telescópica da lateral pós-vocálica revisada.....	65
Figura 12 – Diagrama do contínuo português-espanhol.....	85

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação de estudos que tratam sobre a lateral pós-vocálica no Brasil .....	69
Quadro 2 – Caracterização geral dos informantes.....	89
Quadro 3 – Variáveis sociais e linguísticas do trabalho .....	99

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência média dos formantes de [l] em Hz .....	42
Tabela 2 – Ocorrências de vocalização da lateral em posição interna e final: frequência e peso relativo .....	50
Tabela 3 – Distribuição inicial do /l/ pós-vocálico.....	102
Tabela 4 – Distribuição da variável resposta nos dados.....	103
Tabela 5 – Distribuição da variável <i>contexto fonológico precedente</i> nos dados.....	105
Tabela 6 – Distribuição da variável <i>contexto fonológico seguinte</i> nos dados.....	105
Tabela 7 – Distribuição da variável <i>tonicidade</i> nos dados .....	107
Tabela 8 – Distribuição da variável <i>posição da lateral na palavra</i> nos dados .....	107
Tabela 9 – Distribuição da variável <i>gênero</i> nos dados.....	109
Tabela 10 – Distribuição da variável <i>faixa etária</i> nos dados .....	109
Tabela 11 – Distribuição da variável <i>escolaridade</i> nos dados .....	110
Tabela 12 – Modelo de regressão inicial – Realização da lateral velarizada pós-vocálica em Jaguarão: análise multivariada de efeitos mistos.....	112
Tabela 13 – Modelo de regressão final – Realização da lateral velarizada pós-vocálica em Jaguarão: análise multivariada de efeitos mistos.....	117

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Correlação entre o /l/ velarizada e a <i>frequência lexical</i> dos vocábulos.....	108
Gráfico 2 – Efeito da interação entre as variáveis <i>faixa etária</i> e <i>gênero</i> na realização da lateral velarizada.....	111
Gráfico 3 – Realização dos vocábulos da amostra e suas frequências lexicais.....	116

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 Explorando a Sociolinguística Variacionista .....</b>	<b>20</b>
2.1.1 A Sociolinguística como área interdisciplinar dos estudos linguísticos.....	20
2.1.2 A Sociolinguística Variacionista de William Labov .....	25
<b>2.2 A lateral pós-vocálica no Português Brasileiro.....</b>	<b>38</b>
2.2.1 As laterais: caracterização acústica e articulatória .....	38
2.2.2 Surgimento do português brasileiro e a variação da lateral pós-vocálica.....	43
2.2.3 Estudos variacionistas sobre o comportamento da lateral pós-vocálica no Brasil.....	49
<b>2.3 A comunidade de fala escolhida e as variedades linguísticas do contexto fronteiriço .....</b>	<b>73</b>
2.3.1 A cidade de Jaguarão: passado e presente .....	73
2.3.2 O contato linguístico e as variedades da fronteira Brasil-Uruguai.....	79
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>87</b>
<b>3.1 Constituição do corpus.....</b>	<b>87</b>
<b>3.2 Caracterização das variáveis .....</b>	<b>90</b>
<b>3.2.1 Variável resposta .....</b>	<b>91</b>
<b>3.2.2 Variáveis preditoras .....</b>	<b>92</b>
<b>3.2.2.1 Variáveis linguísticas.....</b>	<b>92</b>
3.2.2.1.1 Contexto fonológico precedente.....	92
3.2.2.1.2 Contexto fonológico seguinte.....	92
3.2.2.1.3 Tonicidade da sílaba .....	93
3.2.2.1.4 Posição da lateral na palavra .....	93
3.2.2.1.5 Frequência lexical.....	94
<b>3.2.2.2 Variáveis extralinguísticas .....</b>	<b>94</b>
3.2.2.2.1 Gênero/sexo .....	94
3.2.2.2.2 Faixa etária .....	96
3.2.2.2.3 Escolaridade.....	98
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>101</b>
<b>4.1 Análise estatística.....</b>	<b>101</b>
<b>4.2 Distribuição geral e considerações iniciais sobre as variáveis.....</b>	<b>102</b>
<b>4.3 Análise multivariada .....</b>	<b>110</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>124</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>127</b>
<b>7 APÊNDICE .....</b>	<b>135</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No Português Brasileiro (PB), a depender da sua posição na sílaba, o fonema lateral /l/ pode apresentar diferentes realizações. Quando localizado antes de uma vogal, em posição pré-vocálica, independentemente de estar no início ou no meio de uma palavra, manifesta-se como uma aproximante lateral alveolar, como observado em palavras como *lata* e *mola*. Quando se encontra depois de uma vogal, em posição pós-vocálica, é reconhecido por sua alofonia posicional (Câmara Jr., 2015 [1970]). Nessa posição, a lateral pode apresentar diversas realizações.

Uma delas é a variante velarizada (por exemplo, em *materia[t̪]* e *origina[t̪]*), cuja diferença em relação à variante alveolar é marcada pela significativa retração do dorso da língua, concomitantemente ao movimento em direção aos alvéolos. Também pode apresentar uma forma vocalizada [w] (como observado em *ma[w]vado* e *instrumenta[w]*), que representa um estágio posterior à forma velarizada. Nesse estágio, não há mais o contato da língua com os alvéolos; ocorre apenas a elevação do dorso da língua e um leve arredondamento dos lábios.

Além da velarização e da vocalização, a lateral também pode sofrer processo de rotacismo, vindo a manifestar-se como um rótico (como em *final[r]* e *ba[r]de*), segmento que, assim como as laterais, também pertencem à classe das líquidas por compartilharem fenômenos fonológicos e restrições fonotáticas. Por fim, em determinadas variedades linguísticas, a lateral pode também não se realizar, sofrendo um processo de apagamento [Ø] (como em *so[Ø]dado* e *anzo[Ø]*). Em nosso trabalho, assumimos a perspectiva de que o fonema /l/ pós-vocálico da subjacência, ao emergir na forma de superfície, pode se materializar por meio das supracitadas variantes.

A variação da lateral pós-vocálica é antiga e já foi documentada nos primeiros trabalhos descritivos do PB, como os de Amaral (1955 [1920]), Nascentes (1953 [1922]), Marroquim (2008 [1934]), Silva Neto (1970 [1952]), Câmara Jr. (2015 [1970]) e Lopez (1979). Dentre os processos fonológicos que a lateral pós-vocálica pode sofrer, estudos variacionistas mais recentes identificaram que a vocalização desse segmento é a tendência predominante nos dialetos brasileiros. Leite, Callou e Moraes (2002) observaram sua predominância em variedades faladas no Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Recife (PE) e Salvador (BA), com a concorrência das variantes alveolar e velarizada somente em Porto Alegre (RS). Costa (2003) encontrou resultados quase que categóricos para a

vocalização em Porto Alegre. Resultados que apontaram para a maior produtividade da variante vocalizada também foram identificados por Hora (2006) em sua investigação em João Pessoa (PB), Hahn e Quednau (2007) em Londrina (PR) e Nedel (2009) em Lages (PR).

No entanto, estudos que abrangeram cidades situadas na região sul do país revelaram um cenário mais diversificado, com resultados distintos em comparação com outras regiões. Estes estudos destacaram a presença significativa das variantes alveolar e velarizada nessas localidades, em contraste com a baixa realização da variante vocalizada. Quednau (1993) identificou a predominância dessas variantes nos dialetos falados em Monte Bérico (RS), Taquara (RS) e Santana do Livramento (RS). Espiga (1997; 2001) constatou um alto índice de preservação da lateral alveolar na região dos Campos Neutrais, que engloba as cidades do Chuí (RS) e Santa Vitória do Palmar (RS). Dal Mago (1998) observou que a vocalização foi mais frequente apenas nas três capitais dos estados do sul do Brasil; nas outras cidades consideradas, indivíduos dividiram-se entre as variantes velarizada e vocalizada. Tasca (1999) constatou a predominante presença da variante alveolar em Panambi (RS), Flores da Cunha (RS) e São Borja (RS). Moras (2017) retornou a Flores da Cunha e observou um progresso na aplicação da regra de vocalização, que se tornou predominante nesta comunidade de fala. Por sua vez, Azambuja (2017) constatou a forte presença da variante velarizada em Antônio Prado (RS). Esses estudos e seus resultados serão discutidos na seção 2.2.3.

As cidades que exibiram comportamentos diferenciados na realização da lateral pós-vocálica compartilham características em comum, como suas diferenciadas localizações e limites geográficos (algumas delas situadas em regiões de fronteira com outros países, como Santana do Livramento e Chuí, na fronteira com o Uruguai), seus históricos distintos de colonização e ocupação dos territórios (como nas cidades colonizadas por descendentes de italianos e alemães, como Flores da Cunha e Taquara respectivamente) e os iminentes contatos linguísticos (identificados em maior ou menor grau, a depender da região) que surgem fruto das condições excepcionais em que se encontram.

A cidade de Jaguarão, escolhida para este trabalho e localizada no estado do Rio Grande do Sul, na fronteira com Rio Branco, no Uruguai, destaca-se por sua posição fronteiriça. Segundo Reichel (2006), grande parte do território gaúcho, até quase o término do Período Colonial, fez parte da área de dominação do Império Espanhol, englobando as campanhas do Uruguai e da Argentina. Neste contexto, as fronteiras que



desempenharam um papel crucial no passado colonial dos Impérios Ibéricos situavam-se dentro de um espaço maior, em uma região caracterizada pela mobilidade e indefinição. Logo, essas delimitações atuaram mais como “fronteiras-zona”, estimulando contatos e intercâmbios do que “fronteiras-linhas”, que separam sociedades e dividem culturas.

Os avanços e recuos das linhas demarcatórias durante o período colonial levavam os habitantes da América meridional a perceber a fronteira como uma possibilidade de estabelecer redes de trocas e contatos (Reichel, 2006). Dessa maneira, a fronteira não era só uma linha que definia onde que um território iniciava e terminava, mas uma zona de intercâmbios em que predominavam interações entre grupos sociais. É essa interação entre os grupos que possibilita que ocorra o contato entre a língua portuguesa e espanhola; a zona de fronteira entre os dois países é o local onde essas línguas relacionam-se. Portanto, é de se esperar que as formas linguísticas dos habitantes de regiões fronteiriças apresentem diferenças expressivas em relação àquelas observadas em áreas em que tais interações dialetais não ocorram.

Segundo Elizaincín (1975), os estudos linguísticos de comunidades que se encontram em zonas de fronteira proporcionam aos pesquisadores dados cada vez mais ricos, que comprovam a existência de sistemas que interagem tanto no campo da fonologia quanto na gramática e no léxico. Nesta pesquisa, acredita-se que o falar de Jaguarão, moldado e influenciado pelo contexto geográfico em que o município se encontra, pode fornecer dados relevantes para a compreensão das complexidades linguísticas presentes neste cenário cultural e geográfico distinto. A cidade investigada localiza-se na fronteira brasileira com o município uruguaio de Rio Branco, a uma distância de aproximadamente 400 km da capital do estado. A escolha baseia-se na percepção de que o falar dessa localidade permanece pouco explorado, sendo, portanto, um terreno fértil para investigação de aspectos linguísticos ainda não devidamente documentados. Neste sentido, a pesquisa busca preencher uma lacuna ao examinar, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]), a variação da lateral pós-vocálica nessa região, com o objetivo de contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a diversidade linguística existente nas cidades em zonas de fronteira no Brasil.

As 20 entrevistas sociolinguísticas utilizadas para essa investigação foram retiradas do Banco de Dados Sociolinguísticos da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense (BDS Pampa). Os dados foram transcritos e codificados com base em variáveis previamente estabelecidas e as rodadas de análise estatística foram conduzidas

utilizando a Plataforma R (R Core Team, 2023). A estratificação social dos participantes da pesquisa se deu a partir das variáveis *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*. No que diz respeito às variáveis linguísticas, os dados foram categorizados com base no *contexto fonológico precedente*, *contexto fonológico seguinte*, *acento*, *posição da lateral na palavra* e *frequência lexical*.

Com base na vasta literatura existente sobre a variação da lateral pós-vocálica nos dialetos brasileiros, bem como em estudos previamente conduzidos sobre este tema em cidades da região Sul do Brasil, foram formuladas as seguintes hipóteses que orientaram a realização deste trabalho:

1. Como a proximidade com a fronteira pode influenciar o comportamento linguístico dos falantes das cidades localizadas nessas áreas (Quednau, 1993; Tasca, 1999; Espiga, 1997, 2001), pressupõe-se que, na comunidade de fala de Jaguarão, variantes mais conservadoras do /l/ pós-vocálico sejam predominantes, especialmente a variante velarizada;
2. Fatores linguísticos e sociais determinam a variação linguística da lateral pós-vocálica presente em Jaguarão;
  - 2.1 Acredita-se que a variante velarizada seja influenciada pelas vogais altas no contexto fonológico precedente (Quednau, 1993), pelos segmentos de articulação velar no contexto fonológico seguinte (Espiga, 2001), pela localização em sílabas tônicas (Tasca, 1999; Azambuja, 2017), pela posição medial ou final nos vocábulos (Quednau, 1993; Tasca, 1999) e por palavras de maior frequência lexical.
  - 2.2 Postula-se que falantes do gênero masculino (Tasca, 1999) pertencentes à faixas etárias mais elevadas (Tasca, 1999; Espiga, 1997; 2001) e com menores níveis de escolarização (Tasca, 1999) estejam mais propensos à utilização da lateral velarizada.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos. Neste primeiro capítulo, dedicado à introdução, apresentamos uma visão abrangente do contexto em que este trabalho se insere, assim como delineamos o escopo da abordagem utilizada. Ademais, apresentamos a justificativa da relevância do assunto escolhido e também as hipóteses que nortearam a pesquisa.

O segundo capítulo divide-se em três seções principais. A primeira seção concentra-se na fundamentação teórica do trabalho, explorando os fundamentos da

Sociolinguística como uma área interdisciplinar dos estudos linguísticos. Discutimos também tópicos da Sociolinguística Variacionista de William Labov, abordando pontos essenciais para a compreensão das variações linguísticas em contextos sociais específicos. A segunda seção traz uma revisão teórica detalhada da lateral pós-vocálica. Inicialmente, investigamos as características acústicas e articulatórias das laterais. Em seguida, direcionamos nossa atenção para a lateral pós-vocálica no PB, discutindo aspectos históricos de sua formação e evolução na língua. Abordamos também estudos que investigaram o comportamento da lateral pós-vocálica no Brasil e, em destaque, aqueles que analisaram o falar de cidades localizadas em regiões colonizadas por descendentes de italianos e alemães, ou que se localizam em região de fronteira com países hispanofalantes da América do Sul. Já a terceira seção explora as origens e o desenvolvimento da cidade de Jaguarão, assim como se concentra a examinar estudos prévios e questões relacionadas ao contato linguístico existente nas cidades em zona da fronteira Brasil-Uruguaí.

O terceiro capítulo é dedicado à metodologia utilizada, em que delineamos os passos adotados para a realização da pesquisa. Exploramos a constituição da amostra e delimitamos a variável resposta do trabalho e as variáveis preditoras. Ao delimitar essas variáveis, discutimos a relevância de sua inclusão na análise.

O quarto capítulo dedica-se à descrição e discussão dos resultados encontrados. Analisamos os resultados do estudo, estabelecendo relações e contrastando-os com estudos anteriormente realizados.

Por fim, o quinto capítulo sintetiza as descobertas, análises e reflexões apresentadas ao longo do trabalho, comparando os resultados encontrados com as hipóteses delineadas no início desta seção introdutória.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Explorando a Sociolinguística Variacionista

#### 2.1.1 A Sociolinguística como área interdisciplinar dos estudos linguísticos

Tanto o Estruturalismo quanto o Gerativismo não incluíram em seu escopo de análise os aspectos da natureza social da linguagem. O objetivo principal do primeiro foi a descrição das línguas enquanto que o objetivo do segundo foi a criação de um modelo teórico formal que descrevesse a constituição da competência linguística do falante. Saussure (2012 [1916]), ao estabelecer a dicotomia de *fala* vs. *língua*, reconheceu que a língua é um fato social, sendo adquirida pelos indivíduos no seu convívio em sociedade. No entanto, ao priorizar o caráter estrutural do fenômeno linguístico, desconsiderou a natureza multiforme e heterogênea do discurso, estabelecendo que o objeto da linguística deveria ser a *fala*. Essa perspectiva foi adotada por Bloomfield, que também desconsiderou o aspecto social da linguagem.

Chomsky (2002 [1957]) também reconheceu a homogeneidade linguística e optou por não considerar o conteúdo social contido nas formas linguísticas. Para ele, os linguistas devem distinguir entre os aspectos importantes e menos importantes da linguagem e do comportamento linguísticos. Os aspectos importantes dizem respeito às descobertas dos universais linguísticos enquanto os menos importantes referem-se ao uso das expressões linguísticas específicas em contextos variados. Sua proposta foi de que o objeto dos estudos linguísticos deveria ser a *competência* linguística e não a *performance* de um falante/ouvinte ideal, uma vez que a performance poderia ser afetada por fatores externos e, portanto, estava fora do interesse dos pesquisadores da linguagem.

Em ambas as vertentes teóricas, a definição de linguística tem sido moldada de forma a não abranger a análise do comportamento social nos estudos sobre a linguagem. Ainda que tenha abordado a língua como um fato social e reconhecido o estudo dos fenômenos linguísticos externos como sendo um campo frutífero de análise, Saussure (2012) argumentou que é possível conhecer o organismo interno da língua sem levar em consideração estes fenômenos externos. Joseph (2012) observou que a língua, para Saussure, é um “tesouro”, uma “coleção de impressões” que são depositadas no cérebro de cada membro de uma determinada comunidade de fala; é como se fosse um dicionário, do qual cada indivíduo possui um exemplar idêntico.

A língua ser um “fato social” dialoga com a terminologia *instituição social* proposta pelo neogramático William Dwight Whitney (1827-1894). Alguns autores

consideram que Whitney, juntamente a Saussure, seja o precursor da linguística moderna, uma vez que as ideias do americano influenciaram o pensamento do mestre genebrino.

Whitney foi o primeiro autor a imprimir a definição dos fatos sociais na sua caracterização do que é língua. Em sua perspectiva, a língua era algo social, e não individual. Ao definir a língua como instituição social, afastou dela a influência da ação individual, uma vez que ela pertence à sociedade. Conforme Silva (2012), o pensamento de Whitney sobre a natureza da linguagem foi um ponto de virada nos estudos da linguagem, uma vez que sua definição de língua como instituição social significou que ela é uma criação humana, e, assim como todas as outras instituições sociais, constantemente adapta-se às vontades e necessidades dos indivíduos. A língua é um elemento exterior, e, portanto, o indivíduo não teria a capacidade de criar conscientemente formas linguísticas novas ou modificar intencionalmente as formas já existentes.

Aluno de Saussure, Antoine Meillet (1866-1936) também considerou as condições sociais como elementos relevantes para a explicação dos fatos da língua. O linguista foi pioneiro ao publicar um texto que descreve a língua como um fenômeno de natureza social. As ideias de Meillet foram inspiradas na concepção sociológica de “fato social” proposta por Émile Durkheim (1858-1917). Durkheim (2007 [1895], p. 3) descreveu os fatos sociais como “maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem.” São conjuntos de comportamentos, valores, costumes e normas que exercem controle sobre os indivíduos em uma sociedade, independentemente das preferências individuais de cada um. Embora independentes da consciência do indivíduo, os fatos influenciam constantemente o seu comportamento social e a sua realidade.

Meillet (1948 [1918]), influenciado pela noção durkheimiana, declarou que as condições sociais desempenham influência sobre a língua e, por isso, ela é eminentemente um fato social, uma vez que persiste como entidade independentemente dos indivíduos que a utilizam. Apesar de não ter nenhuma realidade por si só, exceto pela soma dos indivíduos que a usam, ela é exterior a cada um deles. Para Meillet (1948 [1918]), a língua não é um sistema independente de relações conforme proposto por Saussure, uma vez que as diferenças sociais podem resultar em diferenças linguísticas; isto é, os fatos sociais podem interferir nela.

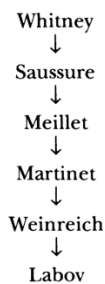
Meillet teve André Martinet (1908-1999) como aluno. A dissertação de Martinet foi um estudo do seu próprio dialeto num período em que, de acordo com Bragança

(2017), o foco predominante dos estudos dialetológicos estava em questões de natureza macroculturais, como religião, arte e moral. Seu estudo dialetológico tratou de como os diferentes usos linguísticos desempenhavam papel fundamental nos valores que diferenciavam subgrupos étnicos. Ao analisar seu idioleto, Martinet interessou-se pelas causas internas que condicionam e promovem a mudança linguística. Orientou Uriel Weinreich (1926-1967) em sua tese de doutorado que originou a conhecida obra *Línguas em Contato*, que trata de temas como contato linguístico, interferência e bilinguismo.

De acordo com Koerner (1991), Martinet incutiu em Weinreich um forte interesse pela linguística histórica e pela explicação das causas da mudança linguística. Posteriormente, Weinreich orientou William Labov (1927-), e os trabalhos de Labov sintetizaram as tentativas anteriores de uma abordagem sociológica para questões relativas à mudança linguística. Para uma melhor visualização da cronologia e relação existente entre os linguistas precursores de Labov, Koerner (1991) propôs uma linha genealógica que inicia em Whitney e segue em direção à sociolinguística contemporânea, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Linhagem genealógica da Sociolinguística

From Whitney to Labov



Fonte: Koerner (1991, p. 62)

Quando Meillet escreveu sobre a mudança linguística sob uma perspectiva da sociologia durkheimiana, ele não nomeou essa abordagem. A primeira proposta da Sociolinguística como uma disciplina acadêmica foi feita por Currie (1952). De acordo com Huebner (1996), subsequentemente, o termo foi bastante usado em livros e artigos, especialmente naqueles publicados pela revista *Word*, organizada pelo Círculo Linguístico de Nova York e editada por Weinreich. Na década de 1950, essa revista desempenhou um papel significativo na publicação de trabalhos acadêmicos sobre a relação entre linguagem e sociedade.

O termo Sociolinguística como uma área de estudos que considera a relação entre linguagem e sociedade foi, de fato, cunhado numa conferência organizada por William Bright em 1964. Os trabalhos apresentados na conferência, que contou com a presença de linguistas como Dell Hymes, John Gumperz, José Rona e William Labov, basearam-se na ideia de que esse novo campo de estudos deveria levar em conta a diversidade linguística associada à diversidade social nas análises das línguas. Segundo Campoy-Hernández (2014), a Sociolinguística consolidou-se como uma área interdisciplinar, uma vez que se desenvolveu teoricamente e metodologicamente a partir da Antropologia, Etnografia, Sociologia e Dialetologia. O trabalho de Hymes sobre antropologia e folclore no uso criativo da linguagem, o de Gumperz sobre os estudos etnográficos interacionais, o de Rona sobre o contato linguístico na fronteira Brasil e Uruguai e o de Labov sobre a variação linguística são algumas das matrizes disciplinares dessa área ampla. Por ser um campo multidisciplinar de estudos, um objeto pode ser analisado sob variados ângulos, uma vez que os estudiosos têm objetivos e perspectivas teóricas distintas.

Como a Sociolinguística não é um campo unificado, que possui uma teoria única e abrangente do uso da linguagem em sociedade, alguns pesquisadores distinguiram a sociolinguística de uma Sociologia da Linguagem. Nessa perspectiva, a Sociolinguística é o estudo entre as relações estabelecidas entre língua e sociedade que visa aperfeiçoar a teoria linguística e, através de uma abordagem empírica, compreender como as línguas funcionam em variadas situações comunicativas. Por outro lado, a Sociologia da Linguagem visa explorar como as estruturas sociais podem ser mais bem compreendidas através da análise linguística.

Para Hudson (2001), a diferença entre Sociolinguística e Sociologia da Linguagem está centrada no objeto de estudo do pesquisador; depende se o objetivo da análise é a língua ou a sociedade. Trudgill (1978 *apud* Wardhaugh, 2006), ao examinar os diferentes tipos de estudo que levam em consideração a linguagem e a sociedade, observou que certos trabalhos possuem objetivos quase que predominantemente sociológicos. Esses estudos não se enquadram efetivamente na Sociologia da Linguagem, pois não possuem metas linguísticas claras. Um exemplo é a Etnometodologia, que utiliza dados linguísticos para análises sociológicas. No entanto, existem estudos que utilizam métodos qualitativos e combinam conhecimentos de Sociologia e Linguística, ainda que o foco da análise seja a sociedade, como nos trabalhos da área de Sociologia da Linguagem, Etnografia da Comunicação, Linguística Antropológica e Multilinguismo, por exemplo. Por fim, há uma última categoria de estudos que, segundo Trudgill (1978),

constitui a Sociolinguística propriamente dita. São as investigações que, baseando-se em observações de como a língua é utilizada em situações sociais concretas, têm por objetivo analisar questões linguísticas. Nesse tipo de estudo, o objetivo não é analisar profundamente determinada sociedade, mas investigar a natureza da variação linguística. A Dialetoлогия, a Sociolinguística Variacionista e a Geolinguística fazem parte das áreas pertencentes a essa última categoria.

Para Bright (1966), a tarefa dos sociolinguistas é demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, ou seja, evidenciar que tais variações não são “livres”, conforme proposto por linguistas do Círculo de Praga, mas estão correlacionadas a diferenças sociais sistemáticas. Ao tentar caracterizar a ampla gama de estudos sociolinguísticos existentes e possíveis de serem realizados, Bright (1966) observou que existem variados fatores que condicionam a diversidade linguística. Três desses fatores, que se cruzam para condicionar um tipo específico de comportamento linguístico, são: a) identidade social do falante (emissor), importante em situações em que o discurso está correlacionado a diferentes estratificações sociais ou de gênero; b) identidade social do receptor (ouvinte), importante para se identificar as possíveis alternâncias no estilos de fala, a depender de quem o discurso está se direcionando; e c) o contexto social, que compreende todos os elementos contextuais possivelmente relevantes no momento da comunicação efetiva.

Quatro anos antes da publicação do texto introdutório de Bright (1966), que forneceu algumas diretrizes para a pesquisa sociolinguística, William Labov, orientando de Weinreich na Universidade de Columbia, já havia realizado seu trabalho seminal, sua dissertação de mestrado sobre a variação fonética de ditongos em Martha's Vineyard (Labov, 1962). Dois anos depois, finalizou sua tese de doutorado sobre o inglês falado na cidade de Nova York e como ele era utilizado entre diferentes grupos sociais (Labov, 1964).

Seus estudos marcam o início da Sociolinguística Variacionista, uma abordagem que utiliza de métodos quantitativos na análise de dados com o objetivo de mensurar a relação entre fatores sociais e linguísticos. Os resultados obtidos nos estudos conduzidos por Labov (1962, 1964) evidenciaram a estratificação social nas comunidades linguísticas e como a transição entre diferentes grupos sociais influencia o uso da linguagem. Estes estudos demonstraram que a língua é um sistema heterogêneo e organizado, no qual determinadas formas linguísticas podem servir para marcar uma identidade social específica.



### 2.1.2 A Sociolinguística Variacionista de William Labov

A dissertação de mestrado de Labov tratou da variação dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos. Diferentemente do inglês falado na região da Nova Inglaterra, na região nordeste do país, a variedade falada em Martha's Vineyard era marcada pela centralização das vogais nucleares dos ditongos decrescentes (por exemplo, em *house* [həʊs] em vez de [haʊs]). Para sua análise, Labov (1972 [2008]) coletou 69 dados de fala de moradores da ilha por meio de questionários lexicais e leituras de textos, além de promover situações em que houvesse fala espontânea, emocional e monitorada. Atribuiu ao fenômeno analisado quatro graus de centralização: nenhuma, pouca, bastante e máxima, e inicialmente o relacionou a fatores linguísticos, como, por exemplo, o ambiente segmental em que se encontravam e os fatores prosódicos que poderiam interferir na produção. Como esses fatores linguísticos por si só não foram suficientes para explicar o índice elevado de centralização na comunidade analisada, Labov (2008) direcionou sua atenção para o estudo das forças sociais que exerciam influência na ilha.

É importante destacar que a ilha de Martha's Vineyard foi dividida em duas partes: ilha alta e ilha baixa. Enquanto que a ilha baixa é caracterizada pela presença de vilarejos e abrigava três quartos da população, a ilha alta é predominantemente rural, com apenas algumas fazendas e casas de veraneio isoladas. Observando a distribuição geográfica da centralização, Labov (2008) percebeu que a população da ilha alta rural favorecia mais a centralização dos ditongos do que aqueles que moravam nos vilarejos da ilha baixa. Com isso, tentou encontrar correlações sociais que pudessem justificar este primeiro resultado divergente observado.

Na época da pesquisa, a ilha sofria com falta de industrialização e não conseguia sustentar-se economicamente pela pesca, agricultura ou pecuária, tornando-se dependente do turismo de verão. Labov (2008) observou que a crescente dependência em relação aos turistas atuava como uma ameaça à independência pessoal dos locais, que temiam serem expropriados de suas terras. As reações variavam desde desprezo total até grande entusiasmo pelo fato de o turismo impulsionar a economia local. Verificou também que a maior resistência aos turistas foi encontrada na ilha alta, que foi justamente a região que apresentou maior frequência de centralização dos ditongos. Os resultados indicavam que, diante da ameaça do crescente número de turistas na região, os moradores da ilha alta tentavam sinalizar sua identidade através da diferença fonética nos ditongos analisados. A centralização dos ditongos, adquiriu, portanto, significado social, uma vez que quando

“um homem diz [rɛit] ou [hɛʊs], está inconscientemente expressando o fato de que pertence à ilha: de que ele é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence” (Labov, 2008, p. 57).

Os moradores nativos de Martha’s Vineyard estavam divididos em quatro grupos étnicos. Havia, além dos veranistas, os descendentes de famílias de origem inglesa, portuguesa e indígena. Labov (2008) descobriu que a centralização dos ditongos ocorria com maior intensidade entre os membros mais jovens desses grupos étnicos na ilha. No caso dos descendentes lusitanos, o alto grau de centralização na faixa etária entre 31 a 45 anos foi explicado pelo fato de que a maioria dos membros dessa terceira geração de portugueses considerava-se nativa da ilha, identificava-se com o modo de vida local e rejeitava a ideia de se tornar *yankee*.

Os descendentes de origem inglesa dessa faixa etária também apresentaram um alto índice de centralização, enquanto que aqueles da faixa etária anterior, com menos de trinta anos, demonstraram uma baixa incidência desse fenômeno. Labov (2008) observou uma conexão entre os planos de permanência dos moradores na ilha e a centralização dos ditongos. Os estudantes de ensino médio que planejavam deixar a ilha no futuro tendiam a adotar a pronúncia utilizada na Nova Inglaterra; por outro lado, os que planejavam permanecer adotavam traços que os identificavam como residentes locais. O significado da centralização parece estar correlacionado com uma atitude positiva em relação à ilha; indivíduos que têm uma visão positiva do local tendem a exibir maiores índices de centralização, enquanto aqueles que têm uma atitude negativa utilizam menos desse fenômeno em sua fala.

Durante muitas décadas, os descendentes indígenas da ilha foram relegados a um *status* de cidadãos de segunda classe. Sua relação com os descendentes portugueses e ingleses estava longe de ser amigável; os indígenas sentiam-se geográfica e socialmente restringidos pelos outros grupos. Apesar de desejarem preservar sua identidade indígena, sua língua nativa já não existia mais, e sua luta pelo reconhecimento de seu *status* nativo precisava ser expressa no idioma do colonizador. Desse modo, os índices de centralização dos indígenas aproximaram-se daqueles apresentados pelos descendentes de ingleses.

O estudo em Martha’s Vineyard comprovou que fatores como profissões, gerações de indivíduos e grupos sociais desempenham um papel significativo na maneira como as pessoas se comunicam e nas variações linguísticas que surgem entre os diversos segmentos de uma população. Dois anos após a sua investigação da centralização dos

ditongos, Labov (1964) publicou sua tese de doutorado sobre o inglês falado em Nova York.

Um dos estudos realizados pelo autor em sua tese foi sobre a variação do rótico em coda silábica nas lojas de departamento da região de Manhattan. Com este trabalho, Labov (1964) procurou comprovar sua hipótese de que a pronúncia ou não do /r/ final servia como um marcador social na fala dos moradores da cidade, indicando sua origem social ou identidade dentro de uma comunidade de fala. Além disso, ele buscava demonstrar que eventos de fala rápida e espontânea poderiam ser utilizados como base para conduzir um estudo científico sobre a linguagem.

Labov (1964) utilizou para sua análise uma amostra de dados de fala casual coletados entre os funcionários de três lojas de departamento: a Saks da 5ª Avenida (com 68 funcionários entrevistados), a Macy's (com 125) e a S. Klein (com 71). Se classificadas de acordo com o *status* social dos clientes que elas atraem, a Saks seria considerada a loja mais sofisticada, com produtos de luxo e preços elevados; a Macy's estaria num meio termo, com preço e prestígio medianos; e a S. Klein ocuparia o último lugar do ranking, oferecendo produtos de menor qualidade e preços mais baixos.

Labov (1964) recolheu os dados dos funcionários a partir de um simples questionário informal, aproximando-se dos participantes e pedindo informações sobre um departamento específico. A resposta esperada por parte dos funcionários era a frase “*fourth floor*”, uma sentença composta por duas palavras que contêm a variável resposta em final de sílaba. Após este primeiro procedimento, para induzir um estilo mais monitorado da fala, o entrevistador respondia com um “como?” e aguardava a resposta do funcionário, de maneira que cada funcionário pronunciava a frase duas vezes, resultando em quatro ocorrências da variável analisada em dois contextos distintos. Essa breve interação evocava as formas desejadas no contexto e com o contraste estilístico esperado.

Os resultados encontrados por Labov (1964) comprovaram uma estratificação no uso do /r/ nas três lojas consideradas. Os dados coletados de cada participante mostraram, em um primeiro momento, que os empregados da Saks pronunciavam mais o /r/ final do que os da Macy's, e os da Macy's pronunciaram mais que os da S. Klein, numa ordenação similar ao público que cada loja se destinava. A pronúncia do rótico final ocorreu com mais frequência na repetição da segunda sentença. Os funcionários da Macy's foram aqueles que mais alternaram entre a pronúncia do rótico na fala casual e monitorada – a realização do rótico na repetição da sentença demonstrou que estes vendedores tentam

incorporar o som como pronúncia padrão, ainda que não esteja presente em sua fala casual diária. Na Saks, este comportamento não se destacou. Para o pesquisador, nessa loja, os funcionários parecem ser mais seguros com seus padrões de fala e com a utilização do rótico como pronúncia padrão.

Em seguida, Labov (1964) cruzou a variável resposta com as variáveis *raça*, *sexo*, *idade estimada* e *ocupação* a fim de determinar se a realização do rótico poderia ser mais atribuída a um grupo específico da população do que ao comportamento geral dos vendedores. A conclusão deste cruzamento de variáveis foi que os funcionários de faixas socioeconômicas mais elevadas que trabalham em lojas mais sofisticadas exibiram com maior frequência a pronúncia total do rótico enquanto que a não realização do segmento foi comportamento padrão dos vendedores pertencentes a classes sociais mais baixas.

Os resultados da pesquisa de Labov (1964) revelam não apenas a influência do ambiente socioeconômico nas manifestações linguísticas dos vendedores, mas também destacam a notável capacidade desses profissionais em ajustar seu estilo de fala de acordo com a clientela específica atendida. Em ambientes frequentados por clientes de classe alta, Labov (1964) observou uma maior incidência da pronúncia do rótico entre os vendedores. Por outro lado, em estabelecimentos frequentados por uma clientela de classe baixa, a menor taxa de pronúncia desse segmento foi identificada como o padrão linguístico predominante.

Além do estudo da produção do rótico nas lojas de departamento de Nova York, Labov (1964) incluiu na sua tese de doutorado o que ele considerou o levantamento mais importante do seu trabalho: uma investigação mais ampla sobre o inglês falado no Lower East Side, uma vizinhança localizada na parte sudeste de Manhattan. A escolha da localidade se deu porque a região representava bem a estrutura social da cidade, uma vez que contava com moradores nova-iorquinos de classe média, trabalhadora e baixa, além de incluir as principais comunidades étnicas da cidade, incluindo os italianos, judeus, irlandeses, alemães, ucranianos e porto-riquenhos. Nesse trabalho, a escala de classe socioeconômica foi dividida em *classe baixa*, *classe operária*, *classe média baixa* e *classe média alta*.

O foco principal de Labov (1964) em seu estudo em Nova York foi observar a relação existente entre a estratificação social e língua. De acordo com Gumperz e Cook-Gumperz (2008), durante as décadas de 60 e 70, os sociolinguistas foram confrontados com o crescimento da diversidade de comunidades étnicas dentro de uma sociedade

urbana estratificada por classes. O objetivo principal dos estudiosos da época era descrever a situação linguística e as diversas variedades de fala existentes.

Para realizar o levantamento linguístico da região, Labov (1964) coletou dados por meio de amostragem aleatória e, em sua análise, utilizou dados de fala e escrita de 340 indivíduos, que resultaram em 150 horas de conversação gravadas, além de 200 testes de reações subjetivas e 200 formulários de autoavaliação. Quanto à definição das variáveis linguísticas do trabalho, Labov (1964) tentou identificar características de pronúncia que revelassem padrões de variação social e estilística na cidade. As variáveis consideradas foram a realização ou não do rótico em final de sílaba (em palavras como *car*); realização das fricativas interdentais /θ/ e /ð/ como fricativas ou oclusivas alveolares (como em *thin* e *this* respectivamente, e as alturas das vogais baixa frontal [æ] (como em *bag*) e média-baixa [ɔ] (como em *caught*). Nesta parte da pesquisa, Labov (1964) dedicou atenção especial ao papel que o estilo poderia desempenhar nos resultados encontrados, privilegiando situações comunicativas em que pudessem ser observados estilos variados. Para além da fala espontânea e casual, ele identificou e isolou outros estilos contextuais possíveis de serem encontrados dentro de uma entrevista sociolinguística. A própria *entrevista* é um dos contextos possíveis, e essa situação normalmente gera episódios de fala monitorada. Identificou também contextos *de leitura*, em que os participantes leem um texto solicitado pelo entrevistador. Além disso, *a pronúncia de palavras isoladas* pode colaborar para uma fala mais cuidadosa, assim como a solicitação de leitura de uma *lista de palavras que formam pares mínimos*.

Além disso, Labov (1966) também conduziu um estudo sobre as atitudes linguísticas dos falantes a respeito das variáveis consideradas. De maneira geral, constatou-se que os nova-iorquinos demonstram insatisfação em relação ao seu modo de falar. A percepção subjacente a essa insatisfação foi a crença de que indivíduos de outras regiões não valorizavam a forma de falar característica da cidade, levando-os a buscar modificar sua expressão na esperança de se distanciarem do estigma associado ao seu modo de expressar-se. Diante dessa consciência, a maioria dos nova-iorquinos preocuparam-se com a correção linguística e esforçaram-se conscientemente para ajustar sua fala, especialmente quando estavam envolvidos em conversas mais formais ou monitoradas.

No caso da realização do rótico, Labov (1972) observou que a sua ocorrência era um marcador de prestígio, resultado que coincide com aqueles encontrados na pesquisa nas lojas de departamento. Em ambientes de fala informais, apenas a classe média alta

utilizou o /r/ pós-vocálico. Por outro lado, em contextos mais formais, verificou-se um aumento notável da pronúncia do segmento por outros estratos sociais. Na leitura das listas de palavras e dos pares mínimos, as situações de fala mais monitorada consideradas no trabalho, a classe média baixa realizou o /r/ com mais frequência do que a classe média alta. Esse comportamento de hipercorreção observado na classe média baixa foi interpretado como um indicador sincrônico de uma mudança linguística em andamento. Este comportamento também foi encontrado em outros indicadores fonológicos. A análise dos dados permitiu que Labov (1964) concluísse que a classe média baixa teve maior propensão à insegurança linguística dada a grande variação linguística observada dentro de certo contexto estilístico, a hipercorreção constatada e as atitudes negativas em relação ao seu próprio padrão de fala. Por terem essa insegurança quanto a sua própria maneira de falar, os indivíduos de classe média baixa tenderam a adotar as formas de prestígio da classe social mais elevada, o que explicou, por exemplo, os resultados encontrados para a realização do /r/ elevada do rótico em contextos mais formais.

Em geral, os resultados do estudo das lojas de departamento refletiram-se de maneira mais ampla na análise do falar dos moradores nova-iorquinos do Lower East Side. Para Gordon (2013), o aspecto mais marcante deste estudo de Labov (1964) não foi a demonstração de que as diferenças sociais tinham correlações linguísticas, mas sim que essas correlações eram surpreendentemente regulares. Ao explorar essas correlações, o pesquisador encontrou estrutura. Essa estrutura é evidente na correlação entre estilo e classe, como visto acima, e resultados semelhantes foram encontrados na análise de outras variáveis linguísticas consideradas, como a realização da fricativa interdental /θ/. Labov (1966) identificou uma relação similar entre a estratificação social dos participantes e a redução da realização deste segmento como consoante oclusiva [t]. O mesmo padrão foi observado quando se analisou essa ocorrência em relação ao estilo de fala dos informantes. As substituições de [θ] por [t] foram mais frequentes na fala casual e diminuíram à medida que a situação comunicativa foi tornando-se mais formal. Essa relação entre classe e estilo serviu como evidência para sustentar a proposição de Labov de que Nova York constituía-se como uma comunidade de fala<sup>1</sup>. Embora nem todos falassem exatamente da mesma forma, os nova-iorquinos ainda compartilhavam um

---

<sup>1</sup> “A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso dos elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas (...)” (LABOV, 2008, p. 150).

conjunto comum de normas linguísticas, haja vista a concordância geral em se usar a variante [t] em contextos de fala casual e [θ] em contextos formais (GORDON, 2013).

O trabalho de Labov foi pioneiro em vários sentidos. Para Bell, Sharma e Britain (2016), ele inovou na concepção e no planejamento de um projeto linguístico que contemplasse a utilização de uma amostra urbana e aleatória, assim como introduziu metodologias inovadoras para a realização de entrevistas sociolinguísticas com o objetivo de extrair diferentes estilos de fala. Contribuiu para o desenvolvimento da variável sociolinguística, que revelou padrões sociais e estilísticos sistemáticos na língua, e estabeleceu métodos analíticos para quantificar a variação linguística, relacionando-a a fatores sociais. Por fim, demonstrou que uma mesma variável linguística poderia servir tanto para sinalizar a estratificação social quanto a estratificação de estilo. O estudo empírico sobre Nova York fundou a Sociolinguística Variacionista, uma área da linguística que busca explorar a interação entre língua e sociedade, e identificar os mecanismos que influenciam na implementação das mudanças linguísticas por meio de análise qualitativa de um corpus representativo de uma comunidade de fala específica.

A Sociolinguística Variacionista de Labov foi influenciada por diferentes correntes teóricas da linguística e conciliou, numa só área, conhecimentos de pesquisa linguística, dialetológica e antropológica. De acordo com Bragança (2017), a) da *pesquisa linguística*, a Sociolinguística Variacionista manteve a noção estruturalista de língua como sistema abstrato e a concepção gerativa formal de língua como um sistema de regras; b) da *pesquisa linguística histórica*, herdou a compreensão de que a mudança linguística é regular; c) dos *estudos dialetológicos*, herdou a prática de descrever línguas contemporâneas de centros urbanos que possuem falantes de diferentes classes sociais e o tratamento dos elementos linguísticos, que passaram de unidades isoladas para parte de um sistema; e, d) dos *estudos antropológicos*, herdou o viés etnográfico com foco na descrição da forma linguística de áreas geográficas específicas.

Os estudos de Labov (1964, 1966) sobre Martha's Vineyard e Nova York, e a pesquisa de Marvin Herzog (1964) sobre dialetologia e língua ídiche, ambos pesquisadores orientados de Uriel Weinreich, resultaram no ensaio *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística* (Weinreich; Labov; Herzog, 1968). O ensaio, clássico da Linguística Histórica, propõe uma discussão sobre a fundamentação empírica de um modelo teórico capaz de lidar com a heterogeneidade e mudança nas línguas, desde a escolha do objeto de estudo da teoria até a comprovação empírica e as implicações metodológicas.

Em contraposição à concepção do falante-ouvinte ideal proposto pela Teoria Gerativa e da noção de homogeneidade linguística, Weinreich, Labov e Herzog (1968) propõem que uma Teoria da Variação precisa considerar o componente social na análise linguística, uma vez que não é possível se conceber uma análise da língua sem que se considere o que há de social nela. Nessa perspectiva, língua e sociedade são inseparáveis. Porque a língua é intrinsecamente social, ela é constituída de variação; esta, por sua vez, é inerente ao sistema linguístico. Por ser constituída de variação, é heterogênea, comportando diversidade e mudança. Nesse sentido, uma Teoria da Variação e da Mudança Linguística deve explicar os fenômenos linguísticos com base no caráter heterogêneo e variável que as línguas possuem. Aqui, é importante ressaltar que a heterogeneidade das línguas não as faz aleatórias ou desordenadas, mas sim, permite enxergá-las como o sistema estruturado que elas são, o que as torna passíveis de análise.

Ao determinar alguns dos princípios gerais para a elaboração de uma teoria, os autores introduziram o conceito de *variável linguística*, descrita como um “elemento variável dentro de um sistema controlado por uma única regra” (Weinreich; Labov; Herzog, 1968, p. 105) que deve ser rigorosamente delimitada para que seja considerada integrante da estrutura linguística. Para se definir as variáveis linguísticas – que podem ser fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, pragmáticas, entre outras – a atenção do linguista deve estar em sistemas linguísticos que estejam em competição, não em complementariedade. Se os sistemas coexistentes complementam uns aos outros, então não haverá mudança linguística, daí a necessidade de que estejam em competição.

Ao definir-se a variável, é preciso que se faça uma descrição linguística rigorosa das condições que regem a alternância entre ambos os sistemas, considerando fatores linguísticos e seus ambientes condicionadores. Ademais, para o estudo da mudança linguística, é também necessário se considerar as atitudes sociais dos indivíduos perante determinados elementos, uma vez que essa avaliação pode contribuir na determinação da história da língua nas comunidades. É preciso, portanto, ter em mente que as variáveis linguísticas podem revelar uma estrutura sociolinguística complexa, na qual o seu valor é determinado por fatores tanto de natureza social quanto linguística. Neste sentido, a interpretação dos dados relativos à mudança linguística exige uma compreensão completa da complexa estrutura sociolinguística em jogo em vez de depender unicamente da observação da distribuição em tempo aparente ou real.

A análise dos dados em tempo “aparente” é utilizada para estudar a mudança linguística comparando a fala de diferentes gerações. Baseia-se no pressuposto de que a



variação observada entre as faixas etárias de uma população pode fornecer informações sobre a mudança linguística em curso em uma comunidade de fala (Labov, 1994). Ao coletar dados de falantes de diferentes faixas etárias, pesquisadores podem melhor compreender como as formas inovadoras adentram em uma comunidade, assim como podem acompanhar como essas formas se espalham de um grupo social para outro e acabam por se estabelecer em toda a comunidade ou não. No entanto, nem sempre a variação entre diferentes faixas etárias significa mudança em progresso. Às vezes, pode ser simplesmente gradação etária (*age grading*), fenômeno em que os falantes, num determinado momento de suas vidas, modificam seus discursos para se alinharem às normas dos adultos (Chambers, 2008), especialmente quando se trata da fala de indivíduos adolescentes.

Para Weinreich, Labov e Herzog (1968), nem toda variação e heterogeneidade linguística envolve mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade. Para examinar a mudança linguística, é possível também utilizar uma análise em tempo real, em que é feita uma observação da variação comparando dados de dois períodos distintos do tempo. Para realizar essa observação em tempo real, os sociolinguistas têm duas opções (Labov, 1994): a) eles podem “revisitar o passado” ao comparar dados de um novo estudo com outros realizados anteriormente, ou, b) podem “repetir o passado” ao retornar à mesma comunidade depois de um período de tempo e refazer a coleta de dados. Ao voltar a uma comunidade, estudiosos podem realizar um *estudo de painel* ou um *estudo de tendência*. Num estudo de painel, realiza-se o recontato com os informantes de uma amostra de dados anterior e conduz-se o mesmo tipo de coleta de dados realizado antes com o objetivo de acompanhar o comportamento deste indivíduo em dois períodos distintos de tempo. Num estudo de tendência, realiza-se uma nova coleta de dados na mesma comunidade, replicando a metodologia utilizada na coleta de dados anterior, porém sem recorrer aos mesmos participantes. Labov (1994) considera que a combinação de observações de uma comunidade de fala em tempo aparente e real é o método básico para um estudo da mudança em progresso.

Quaisquer considerações sobre a mudança linguística devem refletir as mudanças de cima, com consciência social (*change from above*) e as de baixo, sem consciência social (*change from below*), propostas por Labov (1994). O sociolinguista refere-se às mudanças de cima e de baixo relacionando-as aos níveis de consciência e as posições socioeconômicas. As mudanças de cima, introduzidas pela classe dominante, referem-se às formas linguísticas prestigiadas socialmente, que gradualmente são adotadas pelos

indivíduos de classes sociais mais baixas. Essas formas prestigiadas não afetam imediatamente a fala casual dos sujeitos, mas tornam-se mais evidentes em situações de fala monitorada, conforme pôde ser visto no alto número de realização do rótico pós-vocálico em contextos mais formais na pesquisa de Nova York (Labov, 1966) por indivíduos de classes baixas. Por outro lado, as mudanças de baixo são caracterizadas pela espontaneidade, originando-se no vernáculo e representando a operação de fatores linguísticos internos. Essas mudanças ocorrem abaixo do nível de consciência social dos indivíduos, sendo frequentemente imperceptíveis até que estejam em estágios avançados. Diferentemente das mudanças de cima, as mudanças de baixo não são conscientemente adotadas pelos falantes, mas emergem organicamente na evolução da língua, muitas vezes passando despercebidas até que se tornem estabelecidas.

Com o objetivo de compreender o fenômeno da mudança e seus mecanismos, Weinreich, Labov e Herzog (1968) introduzem cinco princípios empíricos que consideram relevantes e que devem ser considerados por uma Teoria ao se analisar a evolução de uma estrutura linguística. O primeiro princípio é o *problema dos fatores condicionantes*, que trata do conjunto de mudanças possíveis de ocorrer e suas limitações, que podem ser de caráter social ou linguístico. Tratar das possíveis restrições a determinadas mudanças ajudaria na compreensão das causas da mudança, uma vez que cada restrição exige uma explicação e cada explicação pode influenciar no entendimento da mudança (Labov, 1982).

O segundo é o *problema da transição*, que diz respeito aos estágios intermediários entre dois estados de uma língua para se tentar compreender como a linguagem muda de um estado para outro sem afetar a comunicação entre os indivíduos de uma mesma comunidade de fala. Para os autores, ao se considerar determinadas variáveis pelo traço arcaico/inovador, é possível se observar o processo da mudança linguística; é através dessa observação *in vivo* que se pode compreender aspectos da mudança que não podem ser completamente apreendidos a partir de documentos do passado e que se pode traçar a rota da mudança de uma forma para outra.

O terceiro é o *problema do encaixamento*, que trata da mudança e de sua relação com o sistema linguístico e a estrutura social como um todo. Considerando que a estrutura linguística em mudança está encaixada numa estrutura social mais ampla de uma comunidade de fala, para se resolver este problema, é preciso descobrir as “correlações entre elementos do sistema linguístico e entre esses elementos e o sistema não linguístico de comportamento social” (Labov, 2008, p. 193). Para os autores, além de demonstrar a

motivação social da mudança e sua correlação com a estrutura social, é preciso também mostrar como essa estrutura social incide sobre o sistema linguístico abstrato.

O quarto é o *problema da avaliação*, que leva em consideração a avaliação de membros de uma comunidade de fala e suas atitudes sobre uma determinada mudança linguística. Para Labov (2008), este problema pode ser abordado de forma direta, correlacionando as atitudes e aspirações gerais dos informantes com seus comportamentos linguísticos, ou de maneira indireta, medindo as reações subjetivas dos falantes à determinada variável. Questiona-se também neste problema se as avaliações negativas são capazes de influenciar diretamente no curso da mudança linguística.

O quinto e último problema é o *problema da implementação*, que trata dos estímulos e restrições da sociedade e da própria estrutura linguística que influenciam na implementação da mudança. Ao investigar este problema, busca-se compreender as razões específicas que levam a uma variação linguística em um determinado momento e contexto, analisando-a em comparação com a sua ausência em outra língua que compartilha contextos semelhantes. Weinreich, Labov e Herzog (1968) propuseram que a mudança linguística inicia quando um dos traços característicos da variação na fala, ao se difundir através de um subgrupo da comunidade de fala, assume certa significação social associados a este grupo. Como a mudança linguística está encaixada na estrutura linguística, ela acaba generalizando-se a outros elementos do sistema, mas tal generalização não é instantânea, e a mudança na estrutura social da comunidade costuma intervir antes que o processo se complete. Com a entrada de novos grupos na comunidade de fala, as mudanças secundárias tornam-se primárias, e a transição de uma variável para se tornar uma constante resulta na perda de qualquer significação social que o traço alguma vez possuiu.

A obra *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística* de Weinreich, Labov e Herzog (1968) ofereceu os princípios e diretrizes que orientaram o que veio a ser conhecido como Sociolinguística Variacionista (também conhecida como a Teoria da Variação e Mudança Linguística). Com base em Gordon (2003), são três os princípios que ficaram conhecidos por definirem o “paradigma laboviano”: a concepção de que a variação é intrínseca ao sistema linguístico; o reconhecimento que uma análise que leve em conta o aspecto social da língua pode fornecer revelações valiosas aos estudos linguísticos; e a ideia que a aplicação de métodos quantitativos em um grande volume de dados pode revelar padrões onde a observação casual percebe apenas a desordem.

Os sociolinguistas variacionistas consideram a língua por seu caráter social, como propriedade de uma comunidade de fala, composta por uma heterogeneidade ordenada. Não é do interesse a análise do idioleto de um único indivíduo, uma vez que ele, por si só, não representa a sociedade do qual faz parte; o objeto de interesse é a comunidade de fala. Para Labov (2008), não é possível estudar a mudança linguística sem levar em consideração a vida social onde ela ocorre. As pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua como uma força que age no presente e que é passível de estudo.

Como é uma área empírica, é de seu interesse que o *corpus* de análise seja com base em dados observados, coletados a partir da produção de falantes pertencentes a comunidades de fala específicas. As entrevistas sociolinguísticas realizadas em Martha's Vineyard e, posteriormente, em Nova York, foram inovadoras nesse sentido. A coleta de dados para a pesquisa no Lower East Side, principalmente, utilizou de variadas técnicas, como a já citada entrevista sociolinguística, a leitura de textos e elicitación de palavras individuais. Para além dessas técnicas empregadas, Wardhaugh (2006) observou que podem existir outras, a depender do interesse do linguista. A coleta dos dados depende do estudo a ser realizado. Algumas pesquisas exigem a observação discreta de eventos linguísticos que ocorrem naturalmente, como no caso de conversas. Outras exigem a realização de pesquisas rápidas e anônimas ou do preenchimento de questionários escritos. Há aquelas que demandam a implementação de elicitación e manipulação experimentais, como a leitura de uma lista de palavras e experimentos de percepção *matched-guise*<sup>2</sup>.

Variadas técnicas podem ser empregadas, mas o método que tem sido mais utilizado para a composição de um corpus é a entrevista sociolinguística, realizada de maneira pessoal com indivíduos que utilizam a variedade linguística sob investigação e que, muitas vezes, nem sabem que o seu uso linguístico é o foco da investigação. De acordo com Labov (2008), o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser desvendar como as pessoas se comunicam quando não estão cientes de que estão sendo observadas; paradoxalmente, a obtenção desses dados se dá por meio de uma observação sistemática. É o *paradoxo do observador*, que deve ser minimizado para que a não

---

<sup>2</sup> Técnica utilizada para avaliar as atitudes de falantes sobre diferentes línguas, variedades e códigos linguísticos. “Este método é estrategicamente empregado para avaliar as percepções do ouvinte e possíveis vieses na avaliação de variações linguísticas, com foco particular no isolamento da influência da identidade do falante no processo de julgamento” (GAIES; BEEBE, 1991).

naturalidade da situação não seja prejudicada. Uma das abordagens sugeridas envolve o envolvimento do entrevistado em questionamentos e tópicos destinados a reavivar emoções intensas que ele experimentou anteriormente.

A escolha das variáveis normalmente precede a coleta de dados. A variável resposta assim como as preditoras dependem da regra variável a ser analisada. O conceito de regra variável traz consigo a suposição de que não há variação livre; esta regra se estabelece quando se relacionam uma ou mais formas linguísticas que alternam entre si. É uma regra variável no sentido que as variantes são realizadas de maneiras distintas a depender de fatores linguísticos e sociais atuantes. Conforme Cedergren e Sankoff (1974), o pré-requisito inicial para se fazer uma análise de regra variável é se ter a percepção da existência de algum tipo de escolha entre duas ou mais palavras, sons ou estruturas feitas pelo falante durante seu desempenho linguístico. A escolha entre formas co-ocorrentes somente se justifica se o processo de escolha entre essas formas variantes for não-previsível a partir de algum tipo de informação contextual e se este processo entre duas formas for recorrente.

Para Labov (2008), a análise correta da variável linguística é o passo mais importante numa pesquisa sociolinguística. Para definição desta variável, é preciso escolhê-la levando em consideração o *princípio da contabilidade (accountability)*, que defende que todas as variantes que fazem parte de um contexto variável devem ser levadas em consideração, não apenas aquelas que tendem a confirmar a hipótese do pesquisador. Ou seja, para além da análise de uma variável específica, é preciso que se identifique todas as possíveis formas variantes linguísticas que competem com ela num mesmo contexto. De acordo com Milroy e Gordon (2003), o *envelope de variação* deve ser composto por variantes que co-ocorrem num determinado contexto específico.

Após a escolha da variável, o pesquisador deverá embarcar em um processo de estudo do objeto escolhido, circunscrevendo o contexto em que a variável se encontra, os fatores linguísticos e extralinguísticos, a partir de hipóteses. Essas hipóteses devem ser fundamentadas através do conhecimento de como a língua funciona, de leituras do que já foi feito e do que está sendo feito (Tagliamonte, 2006).

Com os dados em mãos e as variáveis definidas, o próximo passo é a análise quantitativa dos dados. Para Guy e Zilles (2007), o objetivo final dos estudos quantitativos é identificar e explicar a ocorrência de fenômenos linguísticos, além de poder testar hipóteses e comparar abordagens alternativas. Com os dados em mãos, é preciso codificá-los, interpretá-los e explicá-los. A codificação se dá através do exame do

corpus coletado e identificação das ocorrências da variável, além da classificação destas segundo um esquema de codificação planejado. A interpretação e explicação dos dados tentam responder o que é que os resultados encontrados significam. A análise em tempo aparente, combinada com uma análise em tempo real através da comparação dos resultados encontrados com aqueles obtidos em pesquisas anteriores, permitirá identificar se, em uma determinada comunidade de fala, um fenômeno encontra-se estável ou se está em curso uma mudança linguística.

## **2.2 A lateral pós-vocálica no Português Brasileiro**

### **2.2.1 As laterais: caracterização acústica e articulatória**

O modo de articulação lateral, conforme caracterizado por Ladefoged (1975), envolve a obstrução da corrente de ar ao longo do centro do trato oral, com o fechamento incompleto entre um ou ambos os lados da língua e do céu da boca. O estreitamento do perfil da língua e a obstrução decorrente da oclusão em algum ponto ao longo da linha sagital média do trato vocal faz com que um volume de ar saia livremente pelas suas laterais.

Existem cinco possibilidades de pontos de articulação que contrastam as laterais existentes nas línguas do mundo: dental, alveolar, retroflexa, palatal e velarizada (Ladefoged; Cochran; Disner, 1977; Ladefoged; Maddieson, 1996). Os sons dentais normalmente são produzidos com a lâmina da língua, com variação livre quanto à projeção da ponta da língua entre os dentes ou não. Os sons alveolares, por outro lado, são produzidos com a ponta da língua em direção aos alvéolos. A lateral retroflexa é produzida com o toque da ponta da língua no palato duro, na região pós-alveolar, enquanto a lateral palatal é aquela cuja produção envolve o contato do dorso da língua com o palato duro. Geralmente, a posição da lateral palatal dorsal contrasta com a da lateral alveolar apical. Em relação à produção da lateral velarizada, o único contato articulatório ocorre entre o dorso da língua e o véu palatino.

A lateral velarizada [ɬ] é resultado do acréscimo de uma articulação secundária à uma primária. A articulação secundária é um gesto de menor grau de fechamento que ocorre simultaneamente ao gesto primário. Ladefoged (1975) defendeu que as articulações secundárias devem ser consideradas em conjunto com as vogais, já que podem ser descritas de maneira semelhante. Seguindo essa linha de pensamento, Rogers (2000) observou que uma maneira de se compreender as articulações secundárias é pensar nelas como a adição de uma qualidade de vogal a uma consoante. Logo, a velarização

pressupõe, além do movimento da ponta da língua em direção aos alvéolos, uma segunda articulação em que o dorso da língua é elevado em direção ao véu palatino, semelhante à posição que a língua assume na produção da vogal [u], sem que ocorra o arredondamento dos lábios (Ladefoged, 1975).

Para Sproat e Fujimura (1993), todos os alofones da lateral são produzidas por meio de um movimento primário apical e um movimento secundário dorsal. Tanto na articulação da lateral alveolar quanto na da lateral velarizada, ocorre o movimento da língua em direção aos alvéolos, juntamente com a retração do dorso da língua e o abaixamento de sua parte medial. Esses dois últimos movimentos são mais significativos na produção do alofone velarizado. Portanto, a articulação da lateral é composta pelos movimentos *consonantal apical* e *vocálico dorsal*.

O primeiro movimento, o apical, resulta em uma obstrução extrema do trato vocal, enquanto o segundo, o dorsal, não produz essa obstrução; ou seja, o movimento apical é considerado um gesto consonantal, enquanto o dorsal é vocálico. No estudo acústico articulatório de Sproat e Fujimura (1993), observa-se que, na produção do alofone alveolar, o movimento da ponta da língua precede o abaixamento do dorso, enquanto que o oposto acontece na produção do alofone velarizado. A lateral velarizada é considerada mais vocálica por possuir um gesto apical menos extremo e uma retração dorsal mais significativa. Neste sentido, os pesquisadores propõem que a produção tanto da lateral alveolar quanto da velarizada é gradiente, ou seja, que há um contínuo físico de articulação responsável pelos processos fonéticos, que pode ser descrito em termos de gestos apicais e dorsais. Consequentemente, os autores defendem que os dois alofones possuem uma mesma entidade fonológica, com a diferenciação ocorrendo na implementação fonética.

Os segmentos laterais são propensos a variações em sua produção, dependendo do contexto fonético em que se encontram. Ladefoged (1975) exemplificou a alofonia posicional da lateral por meio de palavras da língua inglesa. Os exemplos demonstram que há uma diferença articulatória na pronúncia da lateral em diferentes contextos, como quando está em posição de ataque, antes de uma vogal (como em *leaf*); quando o mesmo segmento está entre vogais dentro da palavra (ex. *feeling*); antes de uma consoante (ex. *field*) e no final de palavra (ex. *feel*).

Como observado por meio dos exemplos, nos contextos em que o /l/ encontra-se antes de uma consoante, entre vogais ou em posição final de sílaba, além do contato da ponta da língua com os alvéolos, verifica-se o arqueamento do dorso da língua. O

primeiro movimento caracteriza-se como a articulação primária do segmento, o segundo, a articulação secundária. O processo de levantamento do dorso da língua em direção ao véu palatino resulta na lateral denominada *dark* [ɫ], ou seja, na lateral velarizada, em contraste com a *light* [l], que é a lateral alveolar e possui apenas a articulação primária.

Figura 2 – Posição articulatória da lateral alveolar e velarizada



Fonte: Grimson (1970)

A qualidade vocálica de um segmento baseia-se na premissa de que os segmentos vocálicos têm maior afinidade com os núcleos silábicos, enquanto os consonantais têm afinidade pelas margens silábicas. Observando o padrão básico CV de formação silábica, os segmentos consonantais tendem a ser mais proeminentes em posição inicial de sílaba enquanto os vocálicos são mais salientes nos finais de sílaba. Dado que os segmentos consonantais localizados no final de uma sílaba costumam ser articulados de maneira mais fraca do que aqueles em posição pré-vocálica, Sproat e Fujimura (1993) apontaram que a qualidade da lateral pode normalmente ser prevista com base na posição que ela ocupa na sílaba, corroborando assim o argumento de Ladefoged (1975). Além disso, os autores descobriram que a mudança na qualidade da lateral é influenciada pela duração da sua fronteira prosódica adjacente: quanto maior for a força da fronteira, e, portanto, mais longa sua duração, maior é a tendência à realização do alofone velarizado; quanto menor a força da fronteira e, conseqüentemente, de mais breve duração, maior é a tendência à realização da lateral alveolar.

As laterais, por serem semelhantes acusticamente às vogais, apresentam uma estrutura de formante nítida em seu espectro acústico. Lehist (1964) realizou uma análise de quatro alofones laterais: um em início de sílaba (alveolar), um medial (encontrado em dissílabos), um intervocálico (resultado da adição de sufixos) e um final (velarizado). Ao examinar os formantes das laterais alveolar e velarizada, observou que estas apresentaram valores baixos para F1, variáveis para F2 – parecendo adiantar a posição do F2 da vogal seguinte – e elevados para F3. Os valores formânticos da lateral alveolar para F1, F2 e F3

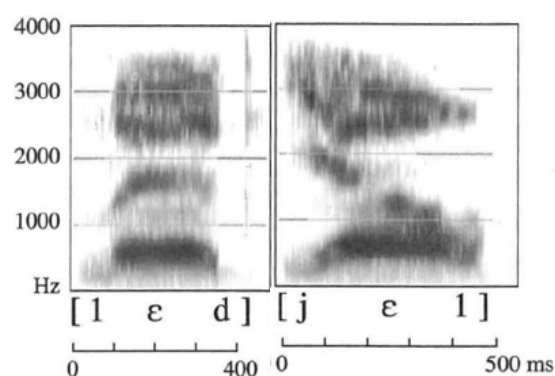


foram, respectivamente, 295, 950, 2610 Hz; já para a velarizada foram de 455, 795, 2585Hz.

Indo ao encontro dos resultados encontrados na análise de Lehiste (1964), Ladefoged e Maddieson (1996) observaram, por meio da análise acústica das laterais aproximantes vozeadas, que o primeiro formante normalmente possui uma frequência baixa. O segundo, a depender da localização da oclusão e do perfil da língua, pode ter uma frequência central dentro de uma faixa bastante ampla. Já o terceiro, normalmente, apresenta alta frequência. As laterais possuem uma estrutura acústica semelhante à das vogais, com uma média de formantes de cerca de 250 Hz, 1200 Hz e 2400 Hz, dependendo da combinação das características articulatórias do som das vogais vizinhas.

Ladefoged (1975) destacou uma mudança marcante no padrão de formantes que é característica das laterais sonoras. Quando a lateral é apical e está adjacente a vogais, observa-se uma mudança abrupta na formação dos formantes, tanto no início quanto no fim de sua produção, como no caso da lateral inicial na palavra '*led*', conforme mostrado na Figura 3. Por outro lado, no caso das laterais dorsais que aparecem no final de palavras, como no exemplo da palavra '*yell*' no espectrograma abaixo, essa mudança não é tão acentuada. Isso ocorre porque essas laterais, devido ao seu pouco ou nenhum contato central, têm uma semelhança acústica com uma vogal posterior não arredondada.

Figura 3 – Espectrograma das palavras *led* e *yell*



Fonte: Ladefoged (1975)

Em seu estudo pioneiro sobre os aspectos acústicos das líquidas no PB, Silva (1996) elaborou um experimento para investigar essa classe de segmentos em diversas posições, como em início de palavra, final de palavra, entre vogais e em encontro consonantal. A análise da lateral revelou que sua duração e as frequências dos três primeiros formantes permitem identificá-la por meio da continuidade espectral, uma

trajetória de formantes bem definida e uma forma de onda regular. Essas características marcam sua semelhança com segmentos vocálicos.

A análise estatística da duração das laterais permitiu afirmar que, embora haja diferenças na duração média nos diferentes contextos considerados, as líquidas se comportam de maneira semelhante, e sua duração não é influenciada pela vogal tônica da palavra. Os valores mais altos de duração da lateral foram encontrados em início de sílaba (126ms), intermediários em posição intervocálica (91ms) e final (82ms), e baixos em grupos consonantais (68ms).

A vogal tônica influenciou apenas os valores médios de F2 da lateral intervocálica, uma vez que, em logatomas<sup>3</sup> com vogal tônica posterior, o valor encontrado de F2 foi maior. No caso da lateral em início de palavra e em grupos consonantais, os valores dos formantes não indicaram influência da posição silábica - seja em ataque simples ou ramificado - sobre sua configuração; a única diferença acústica observada entre elas foi a duração. Quanto à lateral em final de palavra, a autora chamou a atenção para seu caráter peculiar, pois teve a impressão de que ela é produzida como algo entre uma lateral velarizada e uma semivogal. Neste contexto final, a velarização do segmento lateral é observada pela queda dos valores de F2 e pela dificuldade em separar a vogal tônica da sílaba, independentemente de sua natureza, do [l] que a sucede, o que sugere a formação de um ditongo.

Tabela 1 – Frequência média dos formantes de [l] em Hz

Posição da lateral	F1	F2	F3
Inicial/em encontros consonantais	334	1.313	2.194
Intervocálica (início de sílaba, meio de palavra)	333	1.308	-
Final	340	829	-

Fonte: Cristóvão Silva *et al.* (2019) com base em Silva (1996)

Os valores médios de frequência dos formantes apresentados na tabela acima indicam que a lateral intervocálica e a inicial/em encontros consonantais são acusticamente semelhantes, com valores próximos uns dos outros. No entanto, em relação

<sup>3</sup> “Para a montagem do corpus, decidiu-se utilizar logatomas e palavras que seguem a forma de dissílabos paroxítonos. (...) Decidida a estrutura silábica a ser empregada, optou-se por montar um corpus de logatomas, porque, desejando-se estudar vários contextos vocálicos adjacentes às líquidas, nem sempre havia palavras para integrar tal corpus (...)” (SILVA, 1996, p. 33)

ao [l] final, observa-se uma frequência semelhante de F1 em comparação com os demais, mas uma frequência mais baixa em F2. A diferença nos valores de F2 está relacionada ao ponto de articulação da lateral, sendo um indicador do recuo da língua para a região posterior do trato vocal. O valor baixo de F2 é característico do ponto de articulação velar da lateral e de vogais altas posteriores arredondadas, como o [u].

Em resumo, as laterais são sons produzidos com o fechamento incompleto entre um ou ambos os lados da língua e o céu da boca. Possuem uma articulação que resulta em uma obstrução parcial da corrente de ar, variando de acordo com o ponto de articulação e envolvendo movimentos específicos da língua. Podem ser classificadas em diferentes tipos, com base em suas variações articulatórias. Sua produção envolve movimentos da ponta da língua, do dorso e do palato. As características acústicas das laterais no PB variam, considerando os diferentes contextos fonéticos em que podem ser encontradas, como em posição inicial e final de palavras, entre vogais e em encontros consonantais. Pela observação da formação dos formantes, foi constatado que as laterais compartilham semelhanças acústicas com as vogais. Além disso, as laterais finais demonstram comportamento peculiar, uma vez estão sujeitas a processos de velarização e sugerem formações de ditongos. Essa variabilidade da lateral final, encontrada na evolução do latim para o português e também mencionada nos primeiros estudos dialetológicos do PB, será explorada na próxima seção.

### **2.2.2 Surgimento do português brasileiro e a variação da lateral pós-vocálica**

A expansão do Império Romano deixou marcas nos povos que conquistou. Na Península Ibérica, a colonização romana deu-se no século III a.C, durante as Guerras Púnicas, com a anexação deste território à Roma. Paralelamente à conquista territorial, os romanos impuseram aos povos peninsulares a sua cultura, os seus hábitos, religião e também a sua língua, o latim, a língua do Lácio na Itália Antiga. Durante o domínio romano, embora não tenha havido uma imposição direta do latim nem a proibição dos idiomas nativos, o processo de latinização ocorreu de maneira indireta. O latim foi imposto com rigor nas transações comerciais e tornou-se o principal meio de comunicação nos contatos entre a população latina e não latina, além de ser estabelecido como a língua oficial em todos os documentos oficiais (Bassetto, 2005).

Embora haja poucos registros detalhados sobre os povos e as línguas nativas da Península Ibérica na época da conquista romana, é conhecido que essa região abrigava diversas nações com línguas e culturas muito diversas. No entanto, com o latim sendo a

língua de prestígio ensinada nas instituições educacionais, as demais línguas faladas pelos peninsulares, com exceção do basco, enfraqueceram gradualmente e, ao longo do tempo, desapareceram desses territórios.

As línguas românicas, também conhecidas como neolatinas, têm sua origem no latim. No entanto, o latim introduzido pelos romanos nas terras da Península Ibérica era o chamado latim vulgar, uma variedade linguística popular e repleta de variações, que se ramificava em diferentes dialetos sociais. Esse latim vulgar contrastava com o latim clássico, que era mais estável e servia como base para a língua escrita e literária da época. As línguas neolatinas se originaram a partir do latim vulgar e, em grande parte, resultaram da língua oral em constante evolução. As línguas que se desenvolveram durante o período de ocupação romana e após a dissolução do Império Romano no Ocidente são diferentes evoluções do latim, sendo que o português representa as inúmeras transformações ocorridas na Lusitânia e a influência dos diversos idiomas utilizados na região naquela época.

Durante o período colonial do Brasil, o português trazido pelos colonizadores europeus coexistia com a língua geral tupi, utilizada por indígenas de diferentes tribos. Mais tarde, com o início do tráfico de africanos, também ocorreu a interação do português com línguas africanas. Nessa época, a população brasileira era formada principalmente por portugueses europeus, indígenas e africanos escravizados.

Com a decadência da língua geral — o tupi — na segunda metade do século XVIII, a língua portuguesa trazida para o Brasil foi designada língua oficial do país. No entanto, a riqueza linguística dos falares indígenas e africanos influenciaram principalmente o léxico do português. Segundo Câmara Jr. (1985), é possível afirmar que, desde o início, o Brasil apresentava condições propícias para o desenvolvimento de uma identidade linguística própria e a formação de uma variedade de língua comum, diferenciando-se do português europeu.

As diferenças entre o português falado no Brasil e aquele falado em Portugal são resultado do uso da mesma língua em dois territórios nacionais distintos, cada um com sua própria história e características únicas. Para Ribeiro (1933), a língua do Brasil não é uma língua completamente nova, mas revela as nuances, as variações e a originalidade do pensamento americano. A língua falada no Brasil é essencialmente a língua portuguesa, mas enriquecida na América, emancipada e livre nos seus próprios movimentos. Portanto, a gramática dessa língua não é a mesma dos portugueses, e as diferenças regionais refletem estilos e métodos diversos.

Embora compartilhem muitas características, é importante enfatizar que o português do Brasil é uma língua autônoma, completa em si mesma, e não uma simples variedade ou dialeto do português europeu, conforme destacado por Leite de Vasconcelos (1911), Coutinho (1938) e Nascentes (1953). O PB possui regras específicas, variações distintas e características próprias em relação ao léxico, morfologia, sintaxe e semântica. Essas singularidades linguísticas resultam da evolução que o português experimentou no território brasileiro, influenciado pelas diferentes línguas que aqui encontrou. Segundo Coutinho (1938), é na fonologia que se observam as diferenças mais profundas entre os dois portugueses. Um dos traços que diferenciam o PB do europeu é a realização variável do fonema /l/ pós-vocálico, objeto de estudo desta dissertação.

No português europeu, o segmento lateral em final de sílaba ou palavra é caracterizado por um traço articulatório distinto velar e é pronunciado como [ɫ], envolvendo “uma elevação da língua na parte posterior da boca, conhecida como velarização” (Mateus *et al.*, 2003, p. 998). Por outro lado, no PB, o comportamento desse segmento é variável, frequentemente manifestando-se em duas variantes: [ɫ], a forma velarizada, ou [w], a forma vocalizada.

Em seu estudo da história da língua portuguesa, Silva Neto (1970) observou que o /l/ latino apresentava três pronúncias distintas: 1. uma inicial (como em *lepus*) e medial intervocálica (como em *color*); 2. uma geminada (como em *ille*) e 3. uma quando seguido por consoante (como em *albus*), depois de consoante (como em *clarus*) e no fim de palavra (como em *sol*). Para Nunes (1945), o latim possuía uma lateral dental, palatal e velarizada. A lateral dental ocorria no início de palavra. A palatal também aparecia no começo do vocábulo ou dentro dele, se seguido de /i/ ou outro /l/. Já a velarizada verificava-se no fim de palavra e, no interior desta, se precedida por /e/, /a/, /o/ e /u/ ou consoante que não fosse lateral. Na transição do latim para o português, Leite de Vasconcelos (1911) observou que a lateral sofreu diversas transformações, resultando em três espécies presentes no português: uma alveolar, em posição inicial de palavra, outra velarizada, em posição final de sílaba, e outra palatal.

O /l/ do latim inicial manteve-se no português, como em *largu* > *largo* e *lepore* > *lebre*. A lateral em posição intervocálica, com exceção de alguns casos, desapareceu devido ao contexto linguístico em que se encontrava, como em *volare* > *voar* e *solo* > *soo* > *só*. A queda do /l/ intervocálico é atribuída ao século XI. Nesses casos, a lateral era pronunciada unindo-se à vogal antecedente, desta maneira, ocupando posição final de sílaba. Leite de Vasconcelos (1911, p. 295) argumentou que, por ter se unido à vogal

anterior e estar em posição pós-vocálica, esse /l/ “guturalizou-se, caindo em seguida”, como em *mala* > ma[l]a = mal-a > maa > má. Já quando a vogal que seguiu a lateral foi -i (t), -e(t) e -e (ou -ae), o segmento formou sílaba com a vogal precedente e manteve na palavra, caindo a vogal seguinte, como em *salit* (t) > *sal*, *solet* (t) > *sol*. Conforme Teyssier (1980), a síncope da lateral intervocálica incidiu em um grande número de palavras e contribuiu para criar vários grupos de vogais em hiato. No entanto, se o /l/ intervocálico for seguido de /e/ e /i/ e de outra vogal, ele acabou palatalizando-se, como em *filiu* > *filho*, *palea* > *palha* e *muliere* > *mulher*.

No português, as consoantes são finais porque tinham posição idêntica no latim ou porque se deu a síncope de algum fonema final. Segundo Coutinho (1938), no latim, com exceção de *f*, *g*, *h*, *p* e *q*, todas as outras consoantes poderiam aparecer em posição final. Na evolução desta língua para o português, as consoantes *l*, *r*, *n* e *s* tornaram-se finais pela queda de algum fonema. No caso da lateral, a síncope foi observada em vocábulos como *fidele* > *fiel* e *legale* > *leal*. Já no que diz respeito à lateral geminada, a passagem para o português resultou num segmento único, como em *capillu* > *cabelo* e *catella* > *cadela*.

No português arcaico dos séculos XIV e XV, Leite de Vasconcelos (1888-1889 *apud* Pinho; Margotti, 2010) observou que houve muitos registros do uso de *ll* em final de sílaba, diferentemente do que acontecia nos séculos passados. O autor encontrou registros de palavras escritas como *tall*, *qual* e *sinall*. A hipótese levantada pelo autor é de que foi nesse período que se iniciou a velarização da lateral pós-vocálica final, representada pela ortografia de *l* duplo.

A vocalização do /l/ velarizado em final de sílaba no latim foi constatado por Nunes (1945 [1919]). O fenômeno foi observado a partir da ortografia de palavras em manuscritos da época do latim imperial, como no caso de *calculus*, encontrada escrita como *cauculus*, e o nome próprio *Albia*, escrito *Aubia*. Na passagem para o português, se o chamado /l/ *pinguis* (Silva Neto, 1970), isto é, aquele em posição de coda silábica, fosse precedido por /a/, vocalizava-se em [w]; se precedido por /u/, vocalizava-se em [i]. Exemplos do fenômeno são observados na transformação das palavras *altariu* > **outeiro** e *palpare* > **poupar**, *multu-* > **muito** e *ascultare* > **escuitar** (no português arcaico). Já quanto ao /l/ em final de palavra, Coutinho (1938) observou que, na língua portuguesa, às vezes, este segmento aparece vocalizado, como em *vergéu* (*vergel*), *mantéu* (*mantel*) e *alvanéu* (*alvanel*). Entretanto, destacou que, nos derivados de *chapéu* (*chapel*), por exemplo, o /l/ conservou-se, como em *chapeleiro*, *chapelaria* e *chapelada*.

No falar popular do PB, o comportamento variável do /l/ pós-vocálico já foi atestado nos primeiros estudos dialetológicos da primeira metade do século XX, como os de Amaral (1955), Nascentes (1953) e Marroquim (2008).

Um dos pioneiros da dialetologia brasileira, o trabalho de Amaral (1955) teve como objetivo analisar e caracterizar a variedade linguística falada no interior de São Paulo, que tinha fama de corromper o vernáculo com “muitos e feios vícios de linguagem”. A realização da lateral pós-vocálica no falar paulistano apresentava variação. Na posição final de sílaba, era comum ocorrer o fenômeno conhecido como rotacismo, que consiste na troca da consoante lateral /l/ por um som rótico, como em *qualquer* > *quarquer* e *papel* > *paper*. Também foi observado que, nas palavras terminadas por *al*, *el* e *ol*, a lateral costumava sofrer um processo de apócope, de maneira que *mal* tornava-se *má* e *sol* tornava-se *só*. O autor explicou que, antes da queda da lateral, esta transformava-se em /r/ e depois desaparecia. Além disso, constatou que, em locuções adverbiais como *tal qual*, houve a queda apenas do /l/ no final da palavra, uma vez que o anterior tornou-se intervocálico, resultando num “*talequá*”.

Já Nascentes (1953), em seu estudo realizado sobre a variedade falada no Rio de Janeiro, atestou que a lateral final era pronunciada pela “classe culta” e aparecia exageradamente no uso de pessoas pedantes. Por outro lado, os cariocas da “classe semiculta” costumavam vocalizar a lateral, transformando-a num /u/ quando precedida por /a/, /e/ e /i/. Embora não fosse o objetivo da análise, o estigma social dos fenômenos fonológicos apareceu com frequência nas descrições da obra de Nascentes (1953), e a variante vocalizada da lateral foi caracterizada como sendo a de menor prestígio social na sociedade da época.

Ao estudar o linguajar de Alagoas e de Pernambuco, Marroquim (2008) observou que, no falar dessas regiões, a troca de /l/ por /r/ era um fenômeno geral, como em *calçada* > *carçada*. Os sujeitos daquelas regiões não pronunciavam o /l/ em posição medial, que se transformava em /r/, nem o /l/ final, que desaparecia no linguajar popular. No falar das classes mais escolarizadas, a pronúncia de palavras sem a lateral final era malvista. No entanto, mesmo entre as pessoas pertencentes ao “meio culto”, foram observadas ocorrências do fenômeno de rotacismo.

Silva Neto (1970) apontou para uma tendência à vocalização do /l/ velarizado em final de sílaba em palavras como “Brasil” e “Carnaval”, assim como mencionou ocorrências de supressão do segmento ou sua substituição por um rótico. A realização variável desse segmento, assim como em Nascentes (1953 [1922]), pareceu carregar um

forte estigma social. Suas aparições são tratadas como “vulgarismos” encontrados em todo o país, e menciona-se que, contra a tendência da vocalização do segmento, “levanta-se com muita força o ensino escolar” (Silva Neto, 1963, p. 184).

Esses estudos linguísticos, ao caracterizarem as diferentes variedades do PB, destacaram a variação da lateral pós-vocálica, que, em determinados falares, sofre processos de vocalização, apagamento e substituição por róticos. Essas descrições do português falado nas diferentes regiões do Brasil demonstram como a variação da lateral é reflexo da diversidade linguística que permeia a língua. Além disso, essas análises evidenciam como certos fenômenos fonéticos frequentemente estão associados a estigmas sociais, refletindo a complexa interação entre a linguagem e a sociedade.

Ao discutir a descrição do PB, é fundamental destacar a colaboração de Joaquim Mattoso Câmara na descrição e classificação dos fonemas da língua. Em sua análise da estrutura do português, esse linguista destacou que os únicos segmentos consonantais que podem ocupar posição pós-vocálica na língua são as líquidas, as fricativas não-labiais e as nasais. O grupo das líquidas engloba tanto róticos quanto a lateral.

A lateral pós-vocálica é considerada posterior por alofonia posicional (Câmara Jr, 1985), ou seja, sua variação é definida pelo contexto fonético em que se realiza. Nesse contexto, além do movimento da língua em direção aos alvéolos, há o levantamento do dorso posterior em direção ao véu palatino, resultando na vocalização desta consoante. Portanto, a produção deste segmento envolve uma interrupção na elevação da ponta da língua em direção aos alvéolos. O levantamento do dorso da língua não interrompe a corrente de ar e, concomitantemente, há um leve arredondamento dos lábios, resultando em um /u/ assilábico, ou seja, uma semivogal. O resultado desse processo fonológico acaba por tornar homônimas as palavras *mal* e *mau*, assim como *vil* e *viu*, por exemplo. Neste sentido, o autor afirmou que a lateral em final de sílaba desaparece da língua e, portanto, das líquidas, apenas o /r/ poderia ocupar este lugar.

Segundo Demasi (1995), não é possível atestar que a vocalização da lateral seja um processo inovador, uma vez que é um fenômeno muito antigo, presente no latim e durante a evolução das línguas românicas. Entretanto, nos dialetos do Brasil, costuma ser um processo ativo quando o segmento está em posição interna ou final de palavra. Teyssier (2014 [1980]) reiterou, com base nos estudos realizados na época, que a produção vocalizada não era categórica em território nacional; havia diferentes pronúncias do /l/ final do PB. Na pronúncia comum, este segmento vocalizava-se em [w]. Somente no extremo sul do Brasil é que se mantinha a distinção entre produção velarizada



e vocalizada. Em registros mais coloquiais, no entanto, encontravam-se ocorrências de apagamento da lateral e casos de rotacismo. Somente anos mais tarde, a variante velarizada da lateral foi reconhecida por Câmara Jr. (1985). Neste sentido, foi admitida a preservação de um traço dental ou alveolar nas variedades faladas no Rio Grande do Sul.

Em resumo, na língua portuguesa do Brasil, a lateral realiza-se em posição pré-vocálica como dental ou alveolar [l] e, em posição pós-vocálica, pode ocorrer como velarizada [ɫ], vocalizada [w], apagada [Ø] ou rótico. No entanto, a vocalização ou não da lateral em coda silábica apresenta-se como um fenômeno que ainda distingue variedades do PB, daí o interesse da linguística brasileira em analisá-lo sob diferentes perspectivas teóricas.

### **2.2.3 Estudos variacionistas sobre o comportamento da lateral pós-vocálica no Brasil**

Como observado, a produção variável do /l/ pós-vocálico nas diferentes regiões brasileiras já foi identificada nos primeiros estudos dialetológicos do PB. Posteriormente, pesquisas sob a perspectiva da Teoria da Variação Linguística reconheceram e comprovaram o comportamento diversificado da lateral em posição de coda silábica em diversas localidades, relacionando-o, por vezes, ao contato com as línguas de imigrantes ou entre as línguas faladas nas zonas de fronteira do país. Inicialmente, apresentaremos as pesquisas que, por abrangerem diversas localidades em todo o território nacional, possibilitaram uma visão ampla da variação da lateral (Altenhofen; Klassmann, Koch, 2002, Leite; Callou; Moraes, 2003; Pinho; Margotti, 2010, dentre outros). Em seguida, nos concentraremos em estudos sociolinguísticos que exploram os fenômenos fonológicos desse segmento em cidades localizadas em zonas de contato linguístico no Rio Grande do Sul (Quednau, 1993; Dal Mago, 1998; Tasca, 1999; Espiga, 1997, 2001; Azambuja, 2017; Moras, 2017).

A mudança linguística envolvendo a lateral pós-vocálica, presente em algum grau em todos os dialetos brasileiros, está ocorrendo rapidamente, segundo Collischonn (2014). Ainda que, como visto, não seja um processo novo nas línguas do mundo, a vocalização desse segmento é uma característica distintiva no PB. Conforme observado por Collischonn (2014), nos poemas de Gonçalves Dias e de Manuel Bandeira, não se encontrou rimas entre palavras com *l* final e com *u* final. No entanto, a situação é diferente quando se analisa as canções de Chico Buarque, por exemplo. Em *Beatriz*, é possível observar a rima entre as palavras *céu* e *papel*. Músicas de Beto Guedes e Ronaldo Bastos

também apresentam essas rimas. Essas evidências sugerem que o predomínio da vocalização no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte é relativamente recente, tendo sido identificado nessas regiões a partir da metade do século passado.

O estudo realizado por Leite, Callou e Moraes (2003) considerou dados da década de 1970 do Projeto da Norma Urbana Linguística Culta (NURC) e comparou a produção da lateral em cinco capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre. Como resultado, identificaram diferentes estágios do processo de vocalização nessas localidades, que foram sistematizados na tabela abaixo.

Tabela 2 – Ocorrências de vocalização da lateral em posição interna e final: frequência e peso relativo

Cidades	Posição interna (como em <i>alma</i> )			Posição final (como em <i>carnaval</i> )		
	Ocorrências	Frequência (%)	Peso relativo	Ocorrências	Frequência (%)	Peso relativo
Rio de Janeiro	249/278	90	.90	209/226	92	.93
São Paulo	250/290	86	.87	237/242	98	.94
Recife	226/253	89	.90	313/323	97	.97
Salvador	207/288	72	.72	240/265	91	.91
Porto Alegre	116/215	54	.54	138/255	54	.55

Fonte: Leite, Callou e Moraes (2003)

Nas quatro primeiras cidades, os resultados indicaram um processo avançado de vocalização, com percentual de ocorrência em torno de 90%, enquanto que, na última cidade, o fenômeno apareceu em menor número, com percentual de 50%. No entanto, foi observado um aumento progressivo de vocalização nos participantes mais jovens de Salvador e de Porto Alegre, tornando a vocalização quase categórica nesses dois dialetos entre essa faixa etária. Houve ainda, nesta última cidade, uma curva de estabilidade para as mulheres e de mudança para os homens. Além disso, foi constatado que a vocalização da lateral em posição final de palavra ocorreu com maior frequência quando esse segmento foi precedido por uma vogal baixa e com menor frequência quando precedido por uma vogal posterior alta arredondada.

Com o objetivo de documentar as peculiaridades dos falares dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, variados fenômenos fonológicos e morfossintáticos foram analisados na confecção do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS). Os dados reproduzem o português rural falado por uma

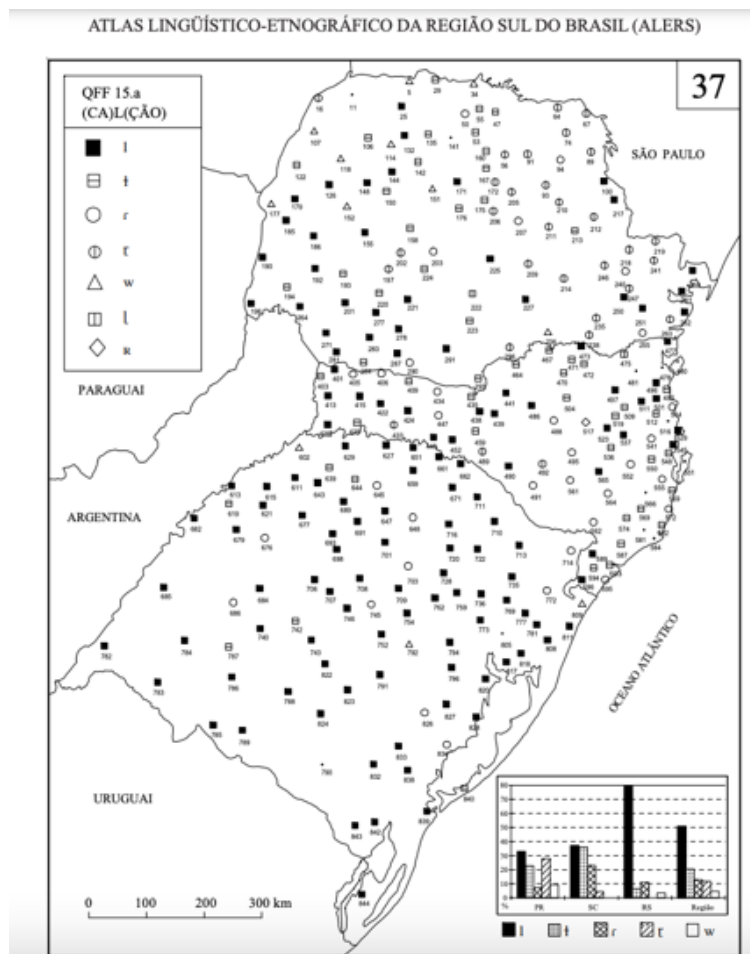
classe menos escolarizada, o que é justificado pelo interesse pela fala conservadora dessas pessoas.

Com o propósito de registrar as particularidades linguísticas dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, foram analisados diversos fenômenos fonológicos e morfossintáticos durante a elaboração do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS). Os dados refletem o português rural falado por uma classe menos escolarizada, o que se justifica pelo interesse na preservação da fala conservadora dessas pessoas. Para elaboração do atlas, foi realizado um tratamento cartográfico das variantes usadas nas regiões em questão, abrangendo uma grande parte das particularidades que caracterizam os dialetos desses lugares.

O mapeamento cartográfico dos dados visa proporcionar clareza na apresentação das informações e permite destacar os fenômenos linguísticos, evidenciando as diferenças existentes entre comunidades ou grupos sociais. Um dos fenômenos fonológicos considerados no Atlas da Região Sul (Altenhofen; Klassman; Koch, 2002) é a realização variável da lateral em coda, que, como visto, difere no processo de vocalização, quase categórico no resto do país.

Os resultados documentados apontaram para um predomínio no uso da variante alveolar nos três estados da Região Sul, com o Rio Grande do Sul apresentando a maior frequência dessa pronúncia na posição pós-vocálica. Esse resultado é observado no mapa linguístico abaixo, que representa cartograficamente as diferenças fonéticas na produção oral da lateral na palavra “calção”, confirmando a pronúncia diferenciada desse segmento nessa região geográfica.

Figura 4 – Usos da lateral pós-vocálica na Região Sul



Fonte: Altenhofen, Klassmann, Koch (2002, p. 213)

Com base nos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), Pinho e Margotti (2010) empreenderam uma análise geolinguística pluridimensional da lateral pós-vocálica em todas capitais do país. Ao segmentá-lo por regiões, eles observaram que a vocalização do /l/ final é predominante no PB, com uma frequência total de quase 88%. Além disso, identificaram ocorrências de róticos, principalmente nas cidades do Centro-Oeste, devido às características dos dialetos dessa região. Por outro lado, o apagamento desse segmento foi mais comum no Nordeste e no Norte, ainda que em pequena quantidade.

Figura 5 – Ocorrências do /l/ pós-vocálico nas capitais brasileiras

		l	ɫ	w	ø	Rótico	RP	Totais
Norte	Macapá			83	1		4	88
	Boa Vista			85	3			88
	Manaus			82	5		1	88
	Belém			80	8			88
	Rio Branco			83	5			88
	Porto Velho			83	2		3	88
Nordeste	São Luís			80			8	88
	Teresina			76	12			88
	Fortaleza			72	11		5	88
	Natal			77	9		2	88
	João Pessoa			74	11		3	88
	Recife			65	19		4	88
	Maceió			67	19	2		88
	Aracaju			76	9		3	88
	Salvador			70	14		4	88
	Centro-Oeste	Cuiabá			72	4	7	5
Campo Grande			1	66	3	6	12	88
Goiania		1		78	3		6	88
Sudeste	Belo Horizonte			83	3		2	88
	São Paulo			79	5	1	3	88
	Vitória			81	1	1	5	88
	Rio de Janeiro			82	1		5	88
Sul	Curitiba			83	4	1		88
	Florianópolis			84	2	1	1	88
	Porto Alegre	8	8	71	1			88
	<b>Totais</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>1932</b>	<b>155</b>	<b>19</b>	<b>76</b>	<b>2200</b>
	<b>Percentuais</b>	<b>0,41%</b>	<b>0,41%</b>	<b>87,81%</b>	<b>7,04%</b>	<b>0,87%</b>	<b>3,45%</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pinho e Margotti (2010, p. 77)

Quanto à preservação da lateral, os autores destacaram que apenas no estado do Rio Grande do Sul foram identificados registros da lateral em suas formas alveolar e velarizada. Essas ocorrências foram encontradas na fala de informantes mais velhos da capital gaúcha, o que indicaria estar havendo um processo de mudança em que o PB deixa de ter a lateral alveolar em posição de final de sílaba. No entanto, apesar de outras ocorrências da lateral pós-vocálica terem sido identificadas em Porto Alegre, a vocalização continua sendo predominante nessa cidade. Para Pinho e Margotti (2010), isso indica que o fenômeno estaria se espalhando da capital para o interior e ganhando adesão entre as novas gerações, o que sugere uma mudança linguística em favor dessa forma inovadora.

Vários estudos descritivos do português gaúcho investigaram a variação da lateral pós-vocálica, levando em consideração o contato linguístico da variedade falada no Rio Grande do Sul com línguas de imigrantes europeus no interior do estado, como o italiano e o alemão. Além disso, outros estudos observaram o contato entre línguas nas cidades localizadas nas fronteiras com os países hispanofalantes da América do Sul. A situação de contato em que certas comunidades se encontram tem possibilitado a condução de pesquisas sobre as particularidades linguísticas dessas regiões. Essas situações de contato acabam por despertar o interesse dos estudiosos, uma vez que são campo fértil para novas

descobertas. Neste sentido, é de interesse deste trabalho os estudos realizados sobre a lateral pós-vocálica, considerando cidades localizadas em zonas de contato plurilíngue ou situadas em áreas fronteiriças a países onde se fala espanhol.

O trabalho pioneiro de Quednau (1993) utilizou um *corpus* formado a partir de dados disponíveis no Projeto Variações Linguísticas no Sul do País (VARISUL). As vinte e oito entrevistas utilizadas pertencem a participantes de quatro regiões socioculturais distintas, que representam os diversos grupos étnicos presentes no Rio Grande do Sul: região metropolitana (representada por Porto Alegre), região de colonização alemã (Taquara), região de colonização italiana (Monte Bérico em Veranópolis) e região fronteiriça (Santana do Livramento). O objetivo foi verificar se havia relação entre a variação da lateral e esses grupos étnicos a partir da análise de variáveis linguísticas e extralinguísticas. Para isso, a variável resposta definida foi a vocalização da lateral e as variáveis preditoras foram *grupo étnico, sexo, faixa etária, acento, contexto fonológico precedente e seguinte, posição da lateral e sândi*.

Dentre as variáveis linguísticas, o *acento* e a *posição da lateral* se destacaram como as mais significativas. A vocalização é favorecida quando o segmento se localiza em posição tônica e pré-tônica apresentando valores de frequência iguais (ambas 47%), contrastando com os valores baixos encontrados nas átonas finais (23%). No que diz respeito à posição ocupada no vocábulo, a vocalização mostrou-se mais atuante quando diante de processos morfológicos de composição e derivação sufixal (70%) pelos sufixos *-mente* e *-zinho*, como nas palavras “geralmente” e “animalzinho”.

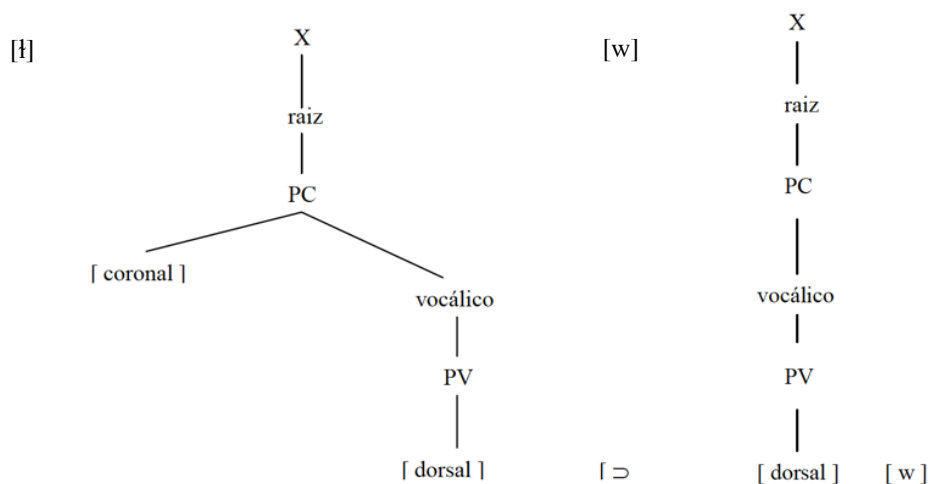
Das variáveis extralinguísticas, aquela que se mostrou estatisticamente mais relevante para a vocalização do /l/ pós-vocálico foi o *grupo étnico*. Como esperado, participantes oriundos da região metropolitana foram aqueles que mais aplicaram a regra (com 91%), seguidos por aqueles da região fronteiriça (27%), de migração italiana (23%) e alemã (20%). Com base nos resultados obtidos, Quednau (1993) afirmou que a vocalização é praticamente categórica na região metropolitana e que se trata de uma regra telescópica, porque, na derivação fonológica do segmento, há a perda de uma etapa intermediária.

Como a mudança direta de [l] para o [w] é bastante extrema, envolvendo mudanças significativas nos traços dos segmentos, postulou-se que, em determinado momento, existiram todos os estágios da lateral, ainda que atualmente algum deles não sejam observáveis. De acordo com Lopez (1980 *apud* QUEDNAU, 1993), em sua análise do dialeto carioca, o /l/ pós-vocálico passa por três estágios de mudança quando está em

posição final de sílaba: primeiro, torna-se velarizado [ɮ]; em seguida, velarizado e labializado [lw]; e, por fim, vocalizado [w]. Trata-se, portanto, de uma regra telescópica, em que os estágios intermediários da mudança ainda podem ser ouvidos. Os resultados encontrados por Quednau (1993) comprovaram essa constatação. Além de indicar a mudança em estado avançado na capital gaúcha, também demonstraram que a regra aparece em estágios mais incipientes nas localidades em que há presença de outros idiomas, sugerindo uma possível influência desses idiomas na fonologia do português falado nessas regiões.

Além da análise estatística e probabilística realizada, Quednau (1993) também formalizou o processo de velarização e vocalização da lateral através da Geometria dos Traços proposta por Clements (1989; 1991). Neste modelo, os traços dos sons são organizados hierarquicamente e independentes entre si. O processo pelo qual a lateral pós-vocálica passa para chegar até a sua versão vocalizada, o estágio final da regra telescópica proposta, é formalizado na figura abaixo.

Figura 6 – O processo de vocalização de /l/ representado pela Geometria dos Traços



Fonte: Quednau (1993, p. 85)

Em posição pós-vocálica, inicialmente, a lateral pós-vocálica pode sofrer um processo de velarização. Essa transformação pode ser explicada pela adição de um nó vocálico à lateral alveolar. Com isso, a lateral velarizada passa a apresentar traços de articulação tanto de consoante quanto de vogal. Essa articulação secundária caracteriza essa variante como uma consoante complexa. Na geometria deste segmento, a velarização é formalizada pela ligação do ponto de vogal (PV) ao ponto de consoante (PC). Em

seguida, é acrescentado ao PV o traço [dorsal], que caracteriza as consoantes produzidas com uma constrição no dorso palatino.

Em posição de final de sílaba, também foi observado que o /l/ pode sofrer processo de vocalização. Neste caso, o traço [coronal] que caracteriza a variante velarizada é desligado, e o segmento resultante acaba por se conectar apenas a traços vocálicos. Neste sentido, a passagem do segmento velarizado para o vocalizado é simples, resumindo-se apenas à perda de um traço. Por meio da Geometria dos Traços, Quednau (1993) conseguiu explicar, descrever e formalizar de maneira satisfatória os processos pelos quais o segmento passa até chegar ao seu estágio final.

Dado o vínculo entre fonologia, morfologia e sintaxe, a pesquisadora também explorou o contexto no qual as regras de velarização e vocalização se aplicam, considerando a gramática como um todo. Para isso, a pesquisadora baseou-se nos princípios teóricos da Fonologia Lexical. Neste sentido, ela considerou que o português seja estruturado em um componente lexical, onde ocorre a integração entre regras fonológicas e morfológicas, e um componente pós-lexical, que se ocupa com os resultados da sintaxe.

Sem se aprofundar na questão da estratificação do léxico do português, foi proposta a existência de dois níveis: um no qual as palavras são derivadas através de sufixos comuns, chamados de primários (como *-aço*, *-eiro*, *-dade* etc), e outro que dá conta das palavras derivadas a partir de sufixos especiais (como *-íssimo*, *-mente* e *-zinho*). Iniciando a análise pelos vocábulos derivados através de sufixos primários iniciados por vogal, Quednau (1993) analisou a palavra “pincelada” e observou que, nesses casos, não se criou contexto para aplicação da regra de vocalização. Isso ocorreu porque a silabação das palavras acabou por colocar o /l/ numa posição pré-vocálica, onde se realiza como alveolar, como é padrão no PB. No entanto, no caso de vocábulos derivados por sufixos primários que se iniciam em consoante, como no exemplo de “maldade”, há contexto para aplicação das regras de vocalização. O acréscimo desses sufixos faz com que a lateral permaneça em posição pós-vocálica, contexto apropriado para aplicação da regra variável.

As mesmas observações feitas para os sufixos primários se aplicam aos sufixos especiais. Quando a palavra é derivada por sufixos especiais que iniciam com vogal, não há contexto para a aplicação da regra; portanto, a vocalização não se aplica, como no caso de “malíssimo”. Contudo, os vocábulos derivados por sufixos especiais iniciados por



consoantes sofrem processos de vocalização, uma vez que a silabação dessas palavras permite que a lateral permaneça em contexto pós-vocálico, como em “animalzinho”.

A pesquisadora também analisou como as regras variáveis de vocalização e velarização se comportam em palavras compostas, descrevendo seu funcionamento no componente pós-lexical. Partiu-se do princípio de que o processo morfológico de composição faz parte deste componente. Quando duas palavras são combinadas, e a primeira termina em uma lateral e a segunda começa com uma vogal, ocorre uma ressilabação. Neste caso, a lateral, que antes era pós-vocálica, passa a ocupar uma posição pré-vocálica e é realizada como alveolar, como em “papel arroz”.

Quando a palavra que segue aquela terminada com a lateral é iniciada por uma consoante, existe um contexto favorável para a aplicação da regra de velarização, uma vez que a lateral permanece em posição pós-vocálica devido à ausência de ressilabação, como em “papel carbono”. Quando a variante [w] aparece, ela resulta da aplicação da vocalização no componente lexical. De acordo com Quednau (1993), no caso dos compostos, há uma distinção no componente de aplicação das regras de velarização e vocalização: a primeira regra é aplicada após a etapa de combinação entre as palavras, desde que a lateral permaneça na posição VC; a segunda regra é aplicada no componente lexical.

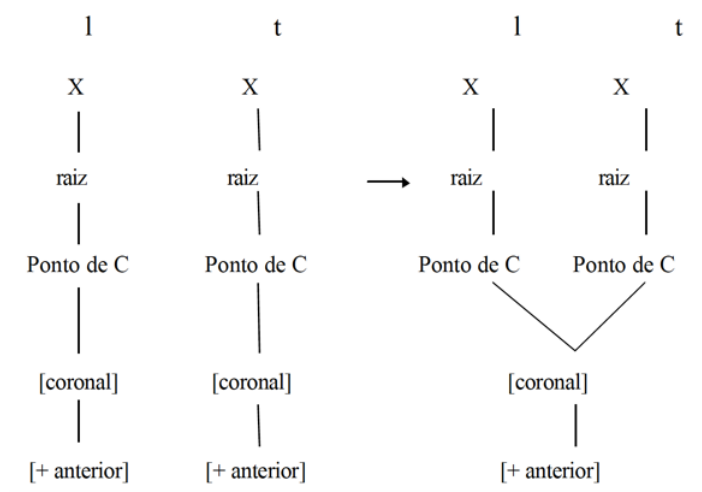
As observações feitas sobre palavras compostas também são aplicáveis no nível da frase. Quando o elemento seguinte à lateral pós-vocálica é uma vogal, pode ocorrer a ressilabação no componente pós-lexical, o que impede a formação do contexto necessário para a aplicação das regras. No entanto, a lateral pode vir vocalizada do componente lexical, resultando na existência de formas como “anima[w] era”. Já quando o elemento que segue a lateral é uma consoante, tem-se contexto para aplicação das regras de vocalização e velarização.

Para Quednau (1993), os indivíduos que possuem a variante velarizada não utilizam variante vocalizada e vice-versa. A partir da análise das ocorrências das regras variáveis em estudo em diversas formações morfológicas e sintáticas, a pesquisadora postulou que a variação da lateral pode ser explicada pela aplicação das regras em diferentes níveis lexicais. As pessoas que velarizam a lateral aguardam pela ressilabação que ocorre quando as palavras são combinadas, ou seja, aplicam essa regra variável no componente pós-lexical. Por outro lado, aqueles que utilizam variante [w] conferem à vocalização um *status* de regra categórica, e por isso, lexical.

O estudo de Espiga (1997) analisou a variação da lateral pós-vocálica no português gaúcho do Chuí, cidade fronteiriça, com base em dados do BDS Pampa. O enfoque sociolinguístico teve como objetivo não apenas identificar mudanças linguísticas e quantificar as variações, mas também entender como as influências externas afetam a linguagem na região fronteiriça. O estudo incluiu dezoito informantes e considerou como variável de resposta a realização fonética da lateral, podendo realizar-se como alveolar, velarizada ou vocalizada. As variáveis preditoras, como usual nos trabalhos sociolinguísticos, dividem-se em linguísticas (*vogal precedente, tipo de sílaba quanto ao acento, lugar de constrição do contexto fonológico seguinte, ponto de articulação da consoante seguinte, modo de articulação da consoante seguinte e tipo de fronteira vocabular*) e extralinguísticas (*faixa etária e grau de contato com outras variedades dialetais do PB*). É válido destacar que os critérios utilizados para a determinação do grau de contato com as demais variedades do PB – intenso e moderado – foram mensurados pela quantidade de horas de uso de televisão diária, pela presença de professores oriundos de comunidades brasileiras não-fronteiriças nas escolas e pela participação diária na vida de outra comunidade brasileira que não estivesse localizada em zona de fronteira.

Na cidade investigada, Espiga (1997) observou maior frequência de ocorrência da variante alveolar (54%) em comparação às ocorrências das variantes velarizada (39%) e vocalizada (7%). Para a variante [l], as duas variáveis mais significantes foram o *ponto de articulação da consoante seguinte* (ponto labiodental e alveolar com peso relativo de .77 e .74 respectivamente) e o *modo de articulação da consoante seguinte* (modo plosivo com peso .73). O pesquisador representou o processo de assimilação do ponto de articulação alveolar pela variante alveolar por meio da Geometria dos Traços. Ao representar o contexto favorecedor ponto de articulação alveolar, que inclui os segmentos [t] e [d], explicou que esses segmentos possuem o traço [+anterior] associado ao traço [coronal]. É ao traço [coronal] que o favorecimento é atribuído, uma vez que ele também está presente na variante [l].

Figura 7 – Representação da unificação do traço [coronal, +anterior] pela variante [l]

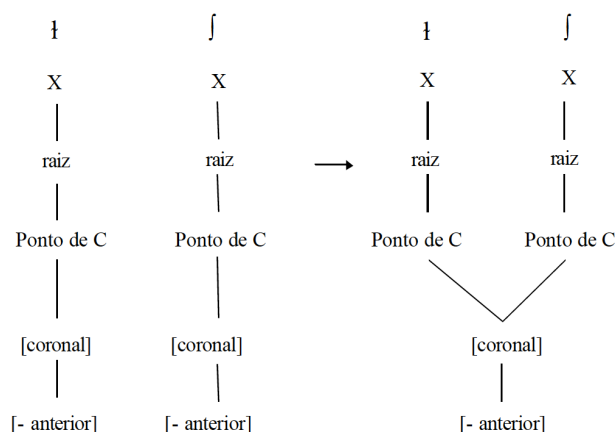


Fonte: Espiga (1997, p. 146)

À esquerda, no primeiro estágio, os dois segmentos coronais [l] e [t] estão posicionados de forma adjacente. À direita, no segundo estágio, é apresentada a estrutura derivada da primeira, seguindo o Princípio do Contorno Obrigatório (CLEMENTS; HUME, 1995). Esse princípio não permite que dois autosssegmentos idênticos estejam em posições adjacentes, daí que o resultado é uma única representação interconectada.

A variante [ɫ] também se mostrou favorecida por diferentes variáveis, incluindo o *ponto de articulação da consoante seguinte* (ponto palatal e velar com peso de .93 e .92 respectivamente), bem como o *modo de articulação da consoante seguinte* (articulação nasal com .90). Espiga (1997) sugeriu que o favorecimento da forma velarizada em relação às consoantes palatais [ʃ, tʃ, ʒ, dʒ, ɲ] pode ser explicado pelo fato de ambos os tipos de segmento possuírem os traços [coronal, -anterior], o que significa que eles compartilham o mesmo ponto de constricção na articulação primária. Isso explicaria o motivo de um segmento palatal ter preferência por uma variante menos anterior com a qual compartilha esse aspecto articulatorio.

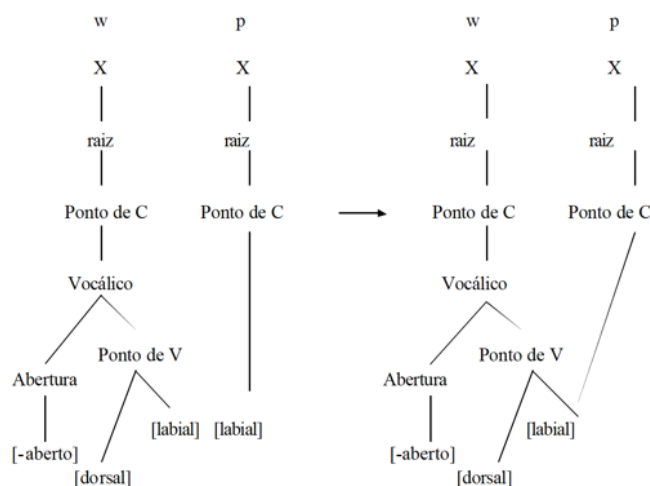
Figura 8 – Representação da unificação do traço [coronal, -anterior] pela variante [ɮ]



Fonte: Espiga (1997, p. 154)

Já a variante [w] foi favorecida principalmente pelo *grau de contato com outras variedades dialetais do PB* (grau intenso com peso .73) e a *faixa etária* (utilizada majoritariamente por falantes com até 25 anos apresentando peso .71). Em segundo plano, foi favorecida pela *vogal precedente* (vogal [a] com peso .61) e pelo *modo de articulação da consoante seguinte* (consoante plosiva com peso .64). A preferência da variante vocalizada quando a vogal [a] está em contexto precedente pode ser atribuída ao compartilhamento do traço [dorsal], representado geometricamente na figura 8.

Figura 9 – Representação da unificação do traço [labial] pela variante [w]



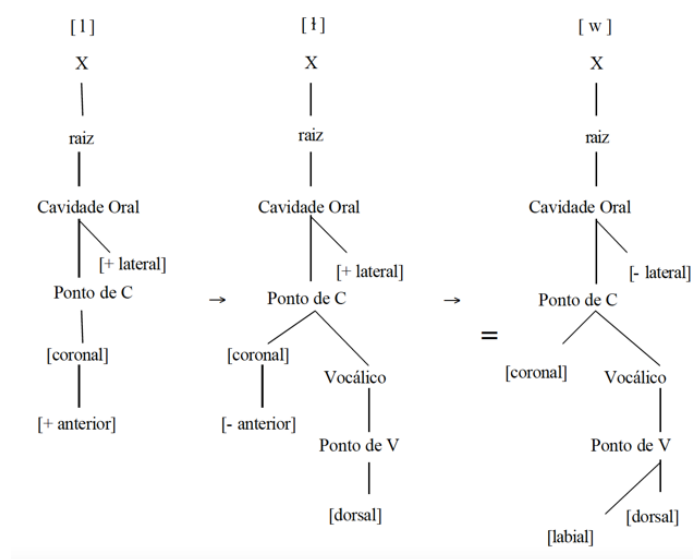
Fonte: Espiga (1997, p. 165)

O estudo de Quednau (1993) já havia identificado a baixa frequência da variante vocalizada em Santana do Livramento (27%). No caso de Chuí, a pesquisa de Espiga

(1997) detectou o predomínio da variante alveolar (54%), característica do Espanhol Uruguaio (EU), em comparação com as demais variantes. A regra telescópica proposta por Quednau (1993), na qual aparecem dois estágios de mudança do /l/ pós-vocálico, foi revisada por Espiga (1997), que encontrou na região da fronteira com o espanhol o primeiro estágio da regra. Com isso, propôs uma regra telescópica composta por três estágios:

$$[l] > [ɫ] > [w]$$

Figura 10 – Representação geométrica dos três estágios da regra telescópica da lateral pós-vocálica



Fonte: Espiga (1997, p. 142)

O resultado encontrado no trabalho de Espiga (1997) é surpreendente, uma vez que a produção alveolar da lateral pós-vocálica do PB é atípica e bastante conservadora, visto que a vocalização deste segmento é considerada a forma padrão nesta língua. Esse achado evidencia que a influência exercida pelo EU no PB falado no Chuí é um fenômeno concreto que pode ser cientificamente quantificado.

Devido à colonização do sul do país ter ocorrido em diferentes períodos e com grupos étnicos diversos, o panorama sociolinguístico da região é bastante diversificado. Outro estudo que analisou a vocalização do /l/ pós-vocálico, considerando diferentes etnias, foi realizado por Dal Mago (1998). Sua pesquisa abrangeu os estados do Paraná (com foco nas cidades de Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco), Santa Catarina (Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages) e Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja). Os dados dos 96 participantes fazem parte do VARSUL, oito indivíduos por cidade, selecionados levando-se em conta suas *etnias* (região

geográfica), *idades*, *sexo* e *escolaridades*. As variáveis linguísticas consideradas foram o *acento*, o *contexto precedente* e o *tamanho do vocábulo*. Por ser um número extenso de participantes, foram utilizados em torno de 25 dados por informante.

Os resultados encontrados foram apresentados por meio de pesos relativos, os quais indicam a tendência à aplicação da regra quando estão mais próximos de 1. Nesse sentido, em um primeiro momento, observou-se que em Florianópolis e, particularmente, em Londrina (0.94), a aplicação da regra da vocalização é praticamente categórica. A utilização da variante vocalizada também é favorecida em Curitiba (.62) e Porto Alegre (0.60). Por outro lado, resultados opostos foram encontrados em Chapecó (0.22), São Borja (0.29), Flores da Cunha (0.20) e Panambi (0.06), sendo que nessa última cidade a velarização é praticamente absoluta.

Focando nas cidades gaúchas analisadas, Dal Mago (1998) atribuiu a predominância da velarização em São Borja ao contato com o espanhol da fronteira. Em Flores da Cunha, a presença do italiano na cidade pareceu ser fator decisivo para o comportamento velarizado do segmento. Já em Panambi, que também apresentou números indicativos de um conservadorismo da lateral pós-vocálica, esse resultado foi atribuído à composição populacional da cidade, onde predomina a descendência de alemães. Nessas três localidades, o contato da variedade de PB falado com as línguas estrangeiras que ali circulam pareceu ser motivo para o comportamento diferenciado da regra variável estudada. Os resultados encontrados apontaram para uma progressão gradual em relação à vocalização nas regiões, em que o Paraná apresenta uma taxa de vocalização maior que Santa Catarina que, por sua vez, possui uma taxa maior do que o Rio Grande do Sul.

A pesquisadora também observou que a variável *escolaridade* desempenhou papel decisivo na modificação do comportamento linguístico, indicando que pessoas com níveis mais elevados de escolaridade tendem a realizar a vocalização com maior frequência em comparação com aquelas com menos escolaridade. Em relação à *faixa etária*, observou-se que indivíduos mais velhos apresentam uma tendência à velarização, enquanto que os mais jovens seguem caminho contrário, utilizando com mais frequência a variante vocalizada. Verificou-se também que, em todas as cidades analisadas, informantes menos escolarizados e com mais idade tendem a evitar a vocalização. Por outro lado, indivíduos mais jovens e mais escolarizados parecem estar adotando um padrão diferente, ou seja, uma provável mudança em direção à vocalização. Quanto ao *sexo*, observou-se que as

mulheres destacaram-se como inovadoras no estudo, uma vez que vocalizaram mais que os homens.

No que diz respeito aos fatores linguísticos, todos foram considerados relevantes pelo programa estatístico utilizado. A vocalização foi influenciada quando a lateral encontrou-se na *sílabo tônica* da palavra. Além disso, houve influência do *tamanho do vocábulo*, em que a aplicação da regra se deu com mais frequência em palavras de até duas sílabas. Quanto ao contexto precedente, as vogais /u/, /e/ e /o/ mostraram-se favorecedoras da vocalização.

Na análise empreendida por Dal Mago (1998), os fatores extralinguísticos demonstraram uma influência significativa na aplicação da regra de vocalização nas localidades consideradas. A *etnia* e a *região geográfica* desempenharam papel proeminente neste trabalho, destacando-se entre todos os grupos de fatores, sendo determinantes na ocorrência das variantes. Por essa razão, a pesquisadora justificou que, embora tenham sido selecionados como relevantes, os fatores linguísticos não desempenharam um papel tão significativo no estudo, uma vez que não foram os mais influentes na determinação da escolha entre uma ou outra variante. Como resultado, concluiu-se, portanto, que, no sul do Brasil, com exceção de Panambi, há uma tendência de seguir o caminho de vocalização do /l/ pós-vocálico, alinhando-se à tendência observada em outras regiões do país.

A tese de Tasca (1999) concentrou-se na ocorrência variável da lateral pós-vocálica nas mesmas cidades gaúchas consideradas por Dal Mago (1998), usando dados de 80 informantes também retirados do VARSUL. Neste estudo, entretanto, a variável resposta foi a preservação da lateral pós-vocálica. A pesquisa se baseou na premissa de que, no Rio Grande do Sul, devido a fatores de colonização, migração e fronteiras geográficas, a lateral pós-vocálica tende a ter comportamento diferenciado do resto do Brasil. Para essa análise, as variáveis sociais consideradas foram a *etnia*, o *sexo*, a *faixa etária* e a *escolaridade*. As variáveis linguísticas foram a *classe gramatical*, a *posição na palavra*, a *vogal precedente*, o *contexto fonológico seguinte* e a *tonicidade da sílabo*.

A preservação da lateral revelou-se um fenômeno generalizado nas cidades gaúchas, com exceção de Porto Alegre. Portanto, optou-se por agrupar Flores da Cunha, Panambi e São Borja e confrontá-las, em um só grupo, com a capital do estado. Dessa forma, foi possível observar com maior clareza a grande diferença no uso das variantes velarizada e alveolar pelos indivíduos das cidades interioranas (.89) comparado com falantes da capital (.00). Esses resultados por si só demonstram a grande influência dos

grupos étnicos que compõem as comunidades de fala, representados pela variável *etnia*. Neste estudo, o *sexo* apareceu como segunda variável mais significante, sendo que os homens preservam mais a lateral velarizada (.65) que as mulheres (.28).

As duas variáveis linguísticas selecionadas foram a *posição na palavra* e a *tonicidade da sílaba*. Observou-se que a lateral em posição final ou no interior de palavra simples retêm mais a lateral (.51) do que aquelas compostas ou derivadas pelo sufixo *mente* e *zinho* (.31), em conformidade com as descobertas de Quednau (1993). Já a lateral em posição tônica favoreceu a preservação da lateral velarizada (.52) quando comparada com as posições átonas pretônicas ou finais (.33).

Tasca (1999) concluiu que os fatores sociais têm mais relevância do que os linguísticos. Assim como observado em Quednau (1993) e Dal Mago (1998), a *etnia*, em especial, exerceu um papel de destaque na conservação das formas alveolar e velarizada da lateral pós-vocálica. A colonização das comunidades de fala influencia diretamente na produção desse segmento, conforme evidenciado pela diferença estatística constatada na comparação entre Porto Alegre e as cidades de colonização alemã (Panambi) e italiana (Flores da Cunha), bem como o município situado em zona fronteira (São Borja).

Em sua tese de doutorado, Espiga (2001) investigou a lateral pós-vocálica na região dos Campos Neutrais, que abrange o Chuí e Santa Vitória do Palmar, ambas as cidades localizadas na região de fronteira com o Uruguai. Utilizou um *corpus* formado por 24 entrevistas, que fazem parte do BDS Pampa. Inicialmente, o pesquisador considerou cinco possíveis realizações da lateral como variáveis de resposta: alveolar, velarizada, labializada, vocalizada e zero. No entanto, com base nos resultados iniciais, a variante alveolar [l] predominou no Chuí, e a labializada [l<sup>w</sup>] foi uma tendência em Santa Vitória do Palmar. Essas foram as variantes definidas para cada um dos dialetos estudados.

As variáveis preditoras foram divididas entre linguísticas e extralinguísticas. As variáveis linguísticas consideradas foram a *vogal precedente*, a *posição na palavra*, a *vogal seguinte* e a *consoante seguinte*. As extralinguísticas foram a *faixa etária* dos participantes, a *escolaridade*, o *sexo* e o *contato com outras variedades dialetais do PB*.

Observando a distribuição das variantes na região dos Campos Neutrais (p. 111), Espiga (2001) primeiramente constatou que todos os estágios da regra telescópica proposta em 1997 estão presentes na região. No Chuí, há a predominância da variante alveolar [l], seguida pelas variantes velarizada [ɫ] e labializada [l<sup>w</sup>]. Já em Santa Vitória do Palmar, a predominância é da variante labializada, seguida pela alveolar [l] e

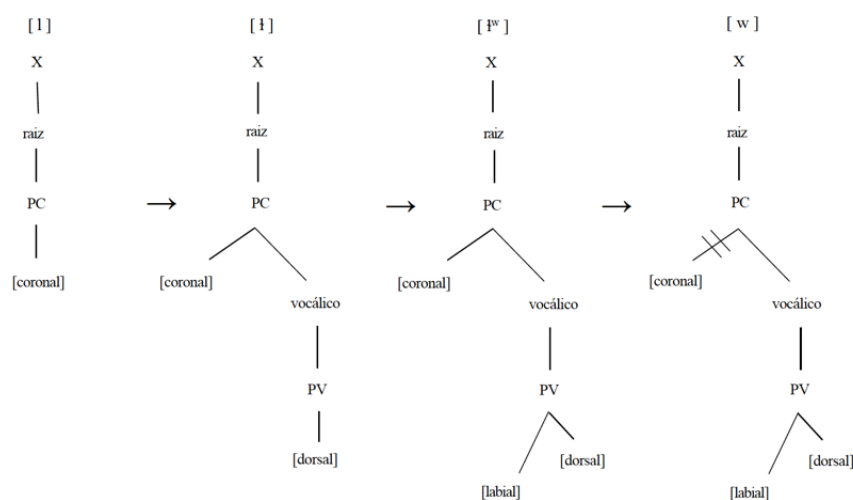


velarizada [ɫ]. Essa análise preliminar indicou que, para além dos estágios considerados em sua regra anterior, uma nova variante manifestou-se nos dados analisados: a variante labializada. Por esse motivo, o autor propôs uma revisão à regra telescópica anteriormente apresentada.

A gradação observada na variação da lateral pós-vocálica é incorporada à regra telescópica como um estágio transicional. Isso significa que a variante labializada [l<sup>w</sup>] serve como uma etapa intermediária entre a velarizada [ɫ] e a vocalizada [w]. Em uma representação utilizando a Geometria dos Traços, a regra telescópica foi reescrita da seguinte maneira:

$$[l] > [ɫ] > [l^w] > [w]$$

Figura 11 – Regra telescópica da lateral pós-vocálica revisada



Fonte: Espiga (2001, p. 63)

A inclusão da variante labializada [l<sup>w</sup>] na regra resulta na divisão do processo de vocalização [ɫ] > [w] em dois processos separados, um de labialização e outro de vocalização. A labialização é agora compreendida como um estágio de transição entre [ɫ] e [w], que envolve a adição de uma articulação secundária - o traço de ponto [labial]. O processo como um todo é visto como uma sequência de etapas

[l] > [ɫ]    velarização

[ɫ] > [l<sup>w</sup>]    labialização

[l<sup>w</sup>] > [w]    vocalização

No dialeto chuiense, em que a variável resposta é a lateral alveolar, as duas variáveis extralinguísticas selecionadas como mais relevantes pelo programa estatístico utilizado foram a *faixa etária* e a *escolaridade*. Os resultados indicaram que os falantes mais velhos favoreceram significativamente o uso dessa variante conservadora (.79), enquanto os mais jovens tendem a desfavorecer essa produção (.18). Quanto à instrução formal dos participantes, observou-se que a escolaridade alta, que corresponde a, no mínimo, primeira série do Ensino Médio, favoreceu a preservação de [l] (.60), ao passo de que a escolaridade baixa, relativa até a 5ª série do Ensino Fundamental, desfavoreceu essa forma linguística tradicional (.40).

Já as duas variáveis linguísticas mais relevantes foram a *consoante seguinte* e a *posição* no vocábulo. A ocorrência de [l] é comprovadamente favorecida pelas consoantes alveolares (.67), como em al[t]os e humil[d]e. Já o contexto mais favorável à preservação da variante alveolar é em final de palavra seguida por vogal (.77), como nas sequências “brasi[l] aí” e “futebo[l] ou”, seguida de posição interna à palavra (.57).

No dialeto vitoriense, em que a variável resposta é a lateral labializada, as duas variáveis extralinguísticas mais significativas, assim como no Chuí, foram a *faixa etária* e a *escolaridade*. No entanto, ao contrário do que foi encontrado entre os chuienses, a aplicação da lateral labializada, que representa o estágio mais avançado da regra telescópica, é maior entre os falantes mais jovens (.76) e menor entre os mais velhos (.12). Além disso, a escolaridade alta favoreceu a aplicação de [l<sup>w</sup>] (.64) enquanto que a baixa a desfavoreceu (.34).

As variáveis linguísticas mais relevantes foram a *vogal precedente* e a *consoante seguinte*. Ao agrupar as vogais entre labiais [u, o, ó] e não-labiais [i, e, é, a], observou-se que a variante labializada é moderadamente favorecida pelas vogais não-labiais (.55). Essa tendência dissimilatória entre a vogal precedente e a lateral encontrada por Espiga (2001) também foi verificada por Quednau (1993). Em seu estudo, foi detectado que as vogais altas desfavoreciam a vocalização, especialmente a vogal posterior [u], porque ambos segmentos compartilhavam a altura e os traços [posterior] e [arredondado].

Os resultados encontrados por Espiga (2001) comprovaram que, em ambos os dialetos, as formas consideradas inovadoras são impulsionadas pelo espírito inovador dos jovens. No dialeto chuiense, observou-se uma posição menos favorável ao PB do que no vitoriense, com o predomínio da forma alveolar da lateral. Já a implementação da mudança linguística da lateral pós-vocálica atingiu Santa Vitória do Palmar com índices

bastante expressivos, tendo em vista o predomínio de [l<sup>w</sup>], que representa o avanço da regra telescópica na região.

O trabalho de Moras (2017) teve como objetivo, a partir de estudo em tempo real, examinar a evolução do processo de vocalização da lateral pós-vocálica ao longo de um período de vinte anos nas localidades de Porto Alegre e Flores da Cunha. A análise desta regra variável por meio da análise em tempo real foi conduzida utilizando dados de fala coletados em entrevistas nas mesmas comunidades em momentos distintos. Para esse estudo, a pesquisadora utilizou 48 entrevistas pertencentes ao Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha (BDSer), VARSUL e LínguaPOA. As variáveis preditoras linguísticas selecionadas incluíram o *contexto fonológico precedente e seguinte*, a *tonicidade da sílaba* e a *posição da lateral*. Além disso, as variáveis extralinguísticas consideradas foram a *faixa etária* e o *sexo*.

Inicialmente foram descritos os resultados encontrados na cidade de Flores da Cunha, revelando um aumento significativo do processo de vocalização na cidade ao longo das duas décadas. Nos dados de 1990 do VARSUL, foi observado percentual de 12% de aplicação da regra variável; nos dados de 2008-2009 do BDSer, essa frequência aumentou para 77%. É importante notar que a variável faixa etária demonstrou ser um fator importante no avanço da regra variável nas duas amostras, conforme também observado em estudos anteriores de Quednau (1993) e Tasca (1999). Esses resultados sugerem que a vocalização é um processo inovador que se estabelece na comunidade de fala da geração mais jovem, sem afetar as gerações anteriores.

Quanto às variáveis linguísticas, o *contexto fonológico seguinte* também se mostrou relevante, com as consoantes altas e labiais exercendo influência na vocalização, corroborando os achados de Quednau (1993). A vocalização ocorreu com maior frequência nas sílabas átonas, corroborando com a ideia de que o avanço da vocalização está diretamente relacionado com a menor proeminência da sílaba na palavra, o que favoreceria o enfraquecimento consonantal.

A análise dos dados de Porto Alegre indicou que o processo de vocalização da lateral nesta capital chegou à sua conclusão. Nos dados do VARSUL de 1990, foi encontrada uma aplicação de 92% desta regra variável. Nos dados de 2016-2017 do LínguaPoA, foram identificados apenas dois casos da lateral não vocalizada, um número considerado insignificante para o programa estatístico, que indicou 100% de aplicação da regra. Portanto, não há variação da lateral nessa região; a regra alcançou seu *status* categórico.

Nesta análise, altas taxas de vocalização foram encontradas em todas as faixas etárias, com maior aplicabilidade entre os mais jovens, o que reafirma a hipótese de que esse grupo desempenha um papel importante na aplicação da regra.

Os resultados relativos ao *contexto fonológico precedente* apontaram para uma influência das vogais posteriores na regra, o que difere dos resultados encontrados por Espiga (2001) e Quednau (1993), nos quais a vogal [u] desfavoreceu a vocalização. Na análise dos dados da capital, o *contexto fonológico seguinte* também se mostrou importante, assim em Flores da Cunha. Aqui, os contextos seguintes envolvendo consoantes altas e labiais também foram os maiores favorecedores da vocalização. Quanto à *posição da lateral*, observou-se que estar em final de morfema no interior da palavra ou simplesmente estar no interior da palavra são posições significativas para a aplicação do processo de vocalização.

Com base nos resultados apresentados por Moras (2017), fica evidente que o processo de vocalização se dissemina rapidamente nas comunidades de fala do sul do Brasil, até mesmo em regiões onde se fala um português com influência de línguas de imigração, como é o caso de Flores da Cunha. Além disso, é possível afirmar que a realização velarizada da lateral já não é mais produtiva em Porto Alegre. A vocalização é agora categórica; nessa cidade, chegou-se ao estágio final da regra telescópica proposta por Lopez (1980) e aperfeiçoada por Quednau (1993) e Espiga (1997; 2001).

Azambuja (2017) conduziu um estudo sobre a velarização e a vocalização da lateral pós-vocálica na comunidade de Antônio Prado, localizada na Serra Gaúcha, região de colonização italiana. Os dados de 20 informantes foram retirados do BDSer. Para a análise, variáveis preditoras foram consideradas, levando em consideração estudos anteriores. Entre essas variáveis, incluíram-se a *escolaridade*; a *faixa etária*; o *local de moradia*; o *sexo/gênero*; o *contexto fonológico e seguinte*; a *posição da variável na palavra*; a *tonicidade da sílaba que contém a lateral* e a *frequência de uso*.

Uma análise preliminar revelou que a forma velarizada da lateral está presente em 69% do total dos dados, enquanto a vocalizada ocorre em apenas 31%. Embora o número de vocalizações seja menor do que o de velarizações, este fenômeno ainda está presente na comunidade de fala. As duas variáveis linguísticas selecionadas como relevantes foram a *faixa etária* e o *local de moradia*. Conforme observado nos estudos descritos anteriormente, as faixas etárias mais jovens favoreceram a vocalização (.89) enquanto que os mais velhos desfavoreceram o fenômeno (.53). Também foi constatado que os moradores da zona urbana de Antônio Prado tendem a vocalizar a lateral (.80) e aqueles

que moram na zona rural tendem a preservar o traço consonantal do segmento (.19), o que os torna não favorecedores da mudança.

Das variáveis linguísticas, duas mostraram-se relevantes. Em relação ao *contexto fonológico precedente*, a vocalização foi favorecida pela vogal posterior [u] (.64), o que coincide com o resultado encontrado por Moras (2017). Já a velarização foi favorecida pela vogal anterior [ɛ] (.41) e a baixa [a] (.45). No contexto em que a vogal precedente é [u], haveria um compartilhamento dos traços de labialidade, arredondamento e altura, influenciando na produção da lateral vocalizada. Já no que diz respeito à *tonicidade* da palavra, a vocalização foi favorecida quando em contexto átono (.55), novamente concordando com o resultado encontrado em Moras (2017). Em contrapartida, a posição tônica favoreceu a velarização (.44).

Embora o programa de estatística não tenha considerado a frequência de uso como significativa, a pesquisadora optou por incluí-la na análise. Como resultado, descobriu que, quando vocábulos apresentaram altos níveis de ocorrência nos dois conjuntos de dados utilizados (neste estudo, o Corpus Brasileiro e o ASPA), houve uma tendência à vocalização desses vocábulos por parte dos informantes de Antônio Prado. Isso sugere conformidade nos dados de frequência e, a partir dessa observação, Azambuja (2017) concluiu que a probabilidade de ocorrer vocalização é maior quando os vocábulos são mais frequentes na língua e os indivíduos estão mais expostos a eles.

O Quadro 1 sintetiza as principais contribuições provenientes das pesquisas conduzidas sobre a lateral pós-vocálica que foram mencionadas até aqui.

Quadro 1 – Relação de estudos que tratam sobre a lateral pós-vocálica no Brasil

<b>Autor</b>	<b>Variável dependente</b>	<b>Número de informantes</b>	<b>Cidades investigadas e realização<sup>4</sup> da variável dependente</b>	<b>Fatores sociais significativos</b>	<b>Fatores linguísticos significativos</b>
Quednau (1993)	Vocalização da lateral.	28.	Porto Alegre (91%), Taquara (20%), Monte Bérico (23%) e Santana do Livramento (27%).	Grupo étnico (favorecida pelos metropolitanos).	Acento (tônicas e pré-tônicas), cont. precedente (/e/, /ɛ/, /a/, /o/, /ɔ/) e seguinte (consoantes alta, alveolar, pausa e lateral) e posição (diante de sufixos -mente e -zinho).

<sup>4</sup> A realização da variável dependente nas localidades será apresentada em termos de percentual de frequência ou em peso relativo.

Espiga (1997)	Realização alveolar, velarizada e vocalizada da lateral.	18.	Chuí ([l] = 54%, [ʎ] = 39%, [w] = 7%).	Lateral alveolar: grau de contato com outras variedades do PB (moderado). Lateral velar: grau de contato com outras variedades do PB (intenso). Lateral vocalizada: grau de contato com outras variedades do PB (intenso).	Lateral alveolar: ponto de articulação da consoante seguinte (alveolar); Lateral velarizada: ponto de articulação da consoante seguinte (velar, palatal e bilabial); Lateral vocalizada: modo de articulação da consoante seguinte (plosiva).
Dal Mago (1998)	Vocalização da lateral.	96.	Porto Alegre (.60), Flores da Cunha (.20), São Borja (.29), Panambi (.06), Florianópolis (.81), Blumenau (.52), Lages (.58), Chapecó (.22), Curitiba (.62), Londrina (.94), Irati (.52) e Pato Branco (.52).	Etnia (Sujeitos do PR vocalizam mais que os de SC que vocalizam mais que os do RS), idade (mais jovens) e escolaridade (mais escolarizados).	Contexto precedente (/u/, /ɛ/, /ɔ/), tonicidade da sílaba (tônica) e tamanho do vocábulo (até duas sílabas).
Tasca (1999)	Porto Alegre: preservação da lateral velarizada. Demais cidades: preservação da lateral alveolar.	80.	Porto Alegre ([ʎ] = 54%), Panambi ([l] = 77%), Flores da Cunha ([l] = 71%), São Borja ([l] = 24%).	Em Porto Alegre, o uso de [ʎ] é influenciado por sexo (masculino), faixa etária (mais velhos), escolaridade (menos escolarizados). Nas cidades interioranas, o [l] é influenciado pela etnia (Panambi utiliza mais que Flores da Cunha que utiliza mais que São Borja), sexo (masculino), faixa etária (+velhos) e escolaridade (-escolarizados).	Em Porto Alegre e nas cidades interioranas, o uso de [ʎ] e [l], respectivamente, é influenciado por posição na palavra (final ou interior de palavra simples) e tonicidade (tônica).
Espiga (2001)	Chuí: preservação da lateral alveolar SVP: uso da variante labializada.	48.	Chuí ([l] = 50%) e Santa Vitória do Palmar ([l <sup>w</sup> ] = 42%).	Idade (em ambas cidades, mais jovens usam a forma inovadora), contato com o PB (no Chuí, contato moderado favorece [l]) e escolaridade (no Chuí, mais escolarizados usam [l], em SVP, mais escolarizados usam [l <sup>w</sup> ]).	No Chuí: Consoante seguinte (alveolar) e posição (final seguida de vogal). Em SVP: Vogal precedente (não-labial) e consoante seguinte (palatais).
Leite, Callou e Moraes (2003)	Vocalização da lateral.	Não foi informado o número de participantes.	Rio de Janeiro, São Paulo Recife, Salvador (em torno de .90 nessas três cidades) e Porto Alegre (em torno de .55).	Faixa etária (mais jovens); gênero (feminino) e região de origem do falante (falantes do RJ, SP, Recife e Salvador)	Vogal precedente (baixa) e ponto de articulação da consoante subsequente (velar).

				vocalizam mais que os de Porto Alegre).	
Costa (2003)	Vocalização da lateral.	12.	Porto Alegre (.97).	Idade (mais jovens).	Contexto fonético seguinte (fricativas labiodentais e alveolares e oclusivas alveolares e dorsais) e contexto vocálico anterior (vogal baixa /a/).
Hora (2006)	Vocalização da lateral.	Não foi informado o número de participantes, apenas que a análise se baseia em 3.703 ocorrências.	João Pessoa (84%).	Faixa etária (mais jovens) e escolaridade (mais escolarizados).	Contexto fonológico precedente (/a/, /e/, /i/), tonicidade (em sílaba tônica) e extensão do vocábulo (até 2 sílabas).
Hahn e Quednau (2007)	Vocalização da lateral.	08.	Londrina (80%).	Informante.	Contexto fonológico precedente (vogal baixa), fronteira morfológica (posição final e em fronteira de palavra em sufixo).
Nedel (2009)	Vocalização da lateral.	16.	Lages (61%).	Faixa etária (mais jovens), sexo (feminino) e escolaridade (mais escolarizados).	Acento (postônico), contexto precedente (vogal média-baixa / ε/) e posição no vocábulo (final de morfema em sufixo).
Pinho e Margotti (2010)	Velarização, vocalização, rotacismo e apagamento da lateral.	200.	Regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul <sup>5</sup> .	Região geográfica (variantes alveolar e velarizada aparecem apenas na Região Sul, enquanto que a variante vocalizada predomina em todas as regiões do Brasil; rotacismo ocorre com mais frequência na Região Centro-Oeste e apagamento nas regiões Nordeste e Norte) e faixa etária (mais velhos utilizam mais das variantes conservadoras na Região Sul).	Apagamento: contexto precedente (favorecido pelas vogais /o/, /ɔ/ e /u/).

<sup>5</sup> As frequências apresentadas no trabalho de Pinho e Margotti (2010) indicam as taxas de realização dos fenômenos para cada uma das cinco cidades consideradas em cada região e não as taxas de realização total dos fenômenos por região do país.

Azambuja (2017)	Vocalização da lateral.	20.	Antônio Prado (31%).	Faixa etária (mais jovens), local de moradia (zona urbana), escolaridade (mais escolarizados) e sexo (feminino).	Contexto precedente (vogal /u/) e tonicidade (átona).
Moras (2017)	Vocalização da lateral.	48.	Flores da Cunha (12% em 1990, 77% em 2008-2009) e Porto Alegre (92% em 1990, 100% em 2016-2017).	Em Flores da Cunha: faixa etária (mais jovens). Em Porto Alegre: faixa etária (mais jovens).	Em Flores da Cunha: contexto fonológico seguinte (consoantes altas e labiais) e tonicidade (sílabas pretônicas) Em Porto Alegre: contexto fonológico precedente (vogais posteriores) e seguinte (consoantes altas e labiais) e posição da lateral (interior da palavra).

Fonte: elaboração própria.

Os estudos descritos investigaram cidades que estão em situação de contato linguístico. Em Quednau (1993), as situações de contato com o alemão, italiano e espanhol em Taquara, Monte Bérico e Santana do Livramento, respectivamente, foram apontadas como explicação para os baixos índices de aplicação da vocalização nessas regiões. Em Espiga (1997; 2001), a localização fronteiriça e o grau de contato dos participantes com o PB foram fatores que explicaram os números encontrados no Chuí e em Santa Vitória do Palmar. Em Panambi, Flores da Cunha e São Borja, Dal Mago (1998) e Tasca (1999) também obtiveram resultados que se diferenciaram do resto das cidades do país, apontando para um alto índice de preservação da forma velarizada da lateral. Ainda analisando o dialeto falado em Flores da Cunha, Moras (2017) também constatou índice predominante de velarização na cidade, embora sua análise em tempo aparente indique que esteja ocorrendo uma mudança linguística na região, com um aumento no uso da forma vocalizada. Por fim, ao analisar a cidade de Antônio Prado, Azambuja (2017) identificou a produção predominante da variante velarizada.

Embora pesquisas diferenciem-se em algum nível na relevância encontrada para as variáveis predictoras, todas compartilham algo em comum: em menor ou maior medida, o contato linguístico é considerado um dos principais fatores que explicam o comportamento diferenciado da lateral pós-vocálica nessas localidades consideradas.



## **2.3 A comunidade de fala escolhida e as variedades linguísticas do contexto fronteiriço**

### **2.3.1 A cidade de Jaguarão: passado e presente**

Conforme apontado por Reichel (2006), as investigações historiográficas que exploram a formação do Rio Grande do Sul geralmente associam sua trajetória à conquista e colonização do território sul-rio-grandense pelos europeus, destacando, em particular, a influência e as ações dos portugueses na região. No entanto, antes da ocupação oficial do litoral gaúcho pelos portugueses no início do século XVII, as terras localizadas nas fronteiras oeste e sul do atual Rio Grande do Sul já faziam parte de um espaço pré-existente na zona da Campanha da América Meridional, conhecido como Região Platina. Essa região, banhada pelos rios da bacia do Rio da Prata, destaca-se por sua geografia singular, caracterizada por extensas planícies que se estendem por todo seu território. Essas planícies apresentam condições favoráveis à pecuária, uma vez que contam com abundantes pastagens e sistemas de irrigações adequados a essa prática.

Apesar de essa Região compartilhar características econômicas, sociais e culturais em comum, não apresenta uniformidade na esfera política, destaca Reichel (2006). Desde sua origem, testemunhou a presença de diversas fronteiras político-administrativas, resultado das intensas disputas entre Portugal e Espanha pelo controle de territórios na América Meridional. Devido à indefinição das linhas demarcatórias, a fronteira desempenhava um papel fundamental como uma zona de intercâmbios, onde predominavam as interações entre diversos grupos sociais. Essa região limítrofe não era apenas um divisor geográfico, mas sim um espaço dinâmico e permeável, propício para o encontro e a convivência de diferentes comunidades. A região de fronteira ainda possui outra característica: a existência das fronteiras secas, onde territórios estão separados por uma linha imaginária. Segundo Reichel (2006), um exemplo representativo desse tipo de fronteira é aquela entre Brasil e Uruguai, em que o que separa os dois países são predominantemente campos de estâncias, sem outras divisões além das político-administrativas. Em alguns casos, como nas cidades de Santana do Livramento (RS) e Rivera (Uruguai), essa fronteira seca assume uma forma ainda mais peculiar, com uma rua dividindo as duas nações, onde cada lado pertence a uma delas.

As linhas demarcatórias não eram claramente definidas, e, muitas vezes, não havia interesse em obedecer a elas. A imprecisão e fluidez das fronteiras refletiam a complexidade geopolítica da época, onde territórios eram frequentemente reivindicados

e disputados por diferentes potências coloniais. Pelo Tratado de Santo Ildefonso de 1777, o atual território do município brasileiro de Jaguarão, foco deste trabalho, pertenceria à coroa espanhola. Apesar desse Tratado, Franco (1980) explica que as comissões demarcadoras não conseguiram chegar a um consenso sobre a delimitação precisa da área territorial, de maneira que a faixa territorial entre o Rio Piratini e o Rio Jaguarão tornou-se uma espécie de jogo estratégico entre espanhóis e portugueses. No entanto, o poder expansionista dos portugueses era consideravelmente superior ao dos espanhóis, cujas bases de apoio eram mais distantes e estavam sujeitas à contínua hostilidade por parte dos indígenas charruas.

No período compreendido entre 1790 e 1792, observou-se a concessão de terras nas proximidades da costa do Rio Jaguarão, da Lagoa Mirim e de seus afluentes, desconsiderando os limites estabelecidos pelo Tratado. A coroa espanhola apresentou fraca reação a essas concessões. De acordo com Franco (1980), foi somente em 1792 que o governo de Buenos Aires tomou medidas para estabelecer postos de guarda espanhóis ao norte do Rio Jaguarão, visando conter o expansionismo português. Em 1798, ainda havia uma persistente revolta dos indígenas charruas contra os espanhóis; os portugueses aproveitaram da debilidade espanhola para estabelecer presença definitiva na região do atual município de Arroio Grande, em direção ao Jaguarão.

A Guerra de 1801, que envolveu as forças coloniais de Portugal e da Espanha, refletiu-se na alteração dos limites territoriais nas províncias ultramarinas. A demora nas comunicações sobre o conflito em curso na Europa tornou-se um fator determinante para uma expansão decisiva dos domínios portugueses no Sul do Brasil. O governador da Capitania Rio Grande de São Pedro da época adotou providências para reunir tropa e aproximar-se da fronteira. Dali sucederam-se um conjunto de combates em direção a Melo, hoje município do atual Uruguai. Foi nesse ano que a configuração geográfica atual do estado do Rio Grande do Sul foi estabelecida. As Missões foram conquistadas, ampliando-se a fronteira oeste de maneira abrangente; assim como os denominados “campos neutrais” entre o Taim e o Chuí; além disso, a divisa do Jaguarão também foi definitivamente consolidada (Franco, 1980). Nesse período, a região onde hoje é a cidade de Jaguarão serviu como acampamento militar, fixando-se ali o quartel da Guarda do Serrito.

Com o fim do conflito, o período de tranquilidade na fronteira prevaleceu até 1811. Conforme Martins (2002), nesse período, as atividades militares se voltaram para atividades pastoris e comerciais na região; essas forças militares desempenharam papel

crucial para o estabelecimento da povoação da área. Até 1810, o comando da Fronteira do Rio Grande proibia a formação de uma povoação nas proximidades da Guarda. Apesar disso, a presença da Guarda e a proximidade com o território da Banda Oriental serviam como fatores incentivadores para o surgimento de um núcleo populacional.

As primeiras concessões de terrenos urbanos na Guarda do Serrito remontam ao ano de 1811. Segundo Franco (1980), desse mesmo ano datam o início da luta pela independência uruguaia e a intervenção luso-brasileira para conquista dos territórios até o Rio da Prata, eventos que colaboraram para o aumento populacional da região. Os conflitos na Banda Oriental resultaram no incremento da ocupação das estâncias e na intensificação das operações nas charqueadas. Enquanto as operações militares contra Artigas se desdobravam no território uruguaio, as margens do Rio Jaguarão eram vigiadas pelas forças brasileiras, uma vez que havia receio da possibilidade de incursões uruguaias em território gaúcho. Do outro lado da fronteira, a sul do Jaguarão, emergiu o Pueblo Arredondo, atual cidade de Rio Branco, no Uruguai.

Durante os anos iniciais de formação de Jaguarão, observavam-se dois tipos distintos de comportamento em relação aos vizinhos do outro lado da fronteira, conforme descrito por Martins (2002): por parte da população local, havia uma clara tendência de aproximação, seja por meio do comércio ou pelos interesses compartilhados na produção pecuária. Por outro lado, o setor oficial da povoação, composto por militares e autoridades vinculadas ao poder central, adotava uma postura característica dos conquistadores, marcada pela constante vigilância para a preservação dos territórios ocupados. A posição geográfica de Jaguarão na linha de fronteira foi influente em todas as fases do desenvolvimento da cidade, desde sua origem até consolidação do território ocupado.

No contexto do Brasil Colonial, as pequenas povoações que mantinham um caráter predominantemente rural eram conhecidas como “arraiais”, e Jaguarão se enquadrava nessa categoria, sendo posteriormente elevada à posição de freguesia em 1814. Conforme Martins (2002), com o crescimento do núcleo populacional, impulsionado pela presença militar, pelas atividades comerciais e pela criação de gado na região, a então freguesia de São Pedro do Rio Grande foi dividida em outras três: a de Pelotas, Canguçu e Jaguarão. É nesse período que surgiu o primeiro plano urbanístico para povoação do território.

Com a anexação da Província Cisplatina em 1820, Jaguarão enfrentou uma situação inédita, uma vez que deixou de fazer fronteira com uma nação estrangeira; o rio Jaguarão deixou de ser uma linha divisória de nações. Desde então e até meados de 1825,

conforme observado por Franco (1980), o intercâmbio social e econômico entre o Rio Grande do Sul e a Cisplatina tornou-se intenso e profundo. Em 1827, durante a Guerra Cisplatina, Jaguarão foi invadida por forças argentino-uruguaias. No entanto, segundo Martins (2002), há indícios de que os habitantes, estreitamente ligados ao lado uruguaio em termos familiares e comerciais, não estavam alinhados com o conflito. Para o autor, diversos fatores contribuíam para confundir estes povos fronteiriços como uma única comunidade.

Em 1832, todo o território ao sul do Piratini foi elevado a nível de município brasileiro, adquirindo suas próprias instâncias de câmara e justiça locais. Neste mesmo ano, Jaguarão foi elevada a Vila, tendo sido realizado um recenseamento da população local, constatando-se um total de 5.457 habitantes. Franco (1980) chamou atenção para o considerável nível de riqueza local, explicado pelo elevado número de escravos, quase metade da população local. É importante ressaltar que, durante as primeiras décadas do século XIX, a Capitania do Rio Grande de São Pedro era composta por áreas predominantemente voltadas à agricultura e pecuária, sendo amplamente utilizada a mão de obra escrava nessas propriedades. Conforme explica Gularte (2015), o trabalho escravo desempenhou papel importante na formação socioeconômica da fronteira do Jaguarão – a força de trabalho escrava possibilitou a exploração econômica da área recentemente ocupada.

Após o término da Revolução Farroupilha, uma crise econômica assolou a região, resultando no despovoamento das estâncias e na ruína das charqueadas; Jaguarão teve que reiniciar suas atividades quase que despovoada, com grande número de lotes urbanos desocupados e residências abandonadas (Martins, 2002).

A imigração é destacada por Martins (2002) por ter desempenhado papel crucial na diversificação e expansão da economia de Jaguarão. A questão militar na região atraiu soldados estrangeiros; alguns permaneceram na Vila no pós-guerra, assim como a questão dos limites territoriais acarretou a vinda de membros de comissões demarcadoras. O comércio na fronteira, impulsionado pela demanda local, também serviu de estímulo para a chegada de diversas origens. A fronteira desempenhava, assim, um papel central na atração de uma população diversificada que chegava e se fixava na região.

A reestruturação da cidade após a Revolução Farroupilha revelou-se desafiadora, marcada pelo desânimo da população diante da vila em declínio. Eventualmente, a situação econômica local melhorou, e a Vila foi elevada à categoria de cidade em 1855. No entanto, nesse mesmo ano, a cidade foi atingida por uma epidemia de cólera, que

interferiu no seu crescimento. As autoridades públicas de Jaguarão fugiram para outros municípios; todos os vereadores desapareceram da cidade. As charqueadas foram proibidas de produzir e distribuir carne, o que impactou diretamente na economia local. Foi somente no ano seguinte que a cidade lentamente começou a retomar suas atividades normais (Martins, 2002).

Os danos advindos da Guerra do Paraguai, ocorrida entre 1864 e 1870, também impactaram Jaguarão, que viu uma parcela significativa de sua população masculina ser mobilizada para os confrontos. No mesmo período, a cidade foi novamente assolada por uma nova epidemia de cólera, levando muitos residentes a abandonarem a área urbana em busca de refúgio no campo. Conforme explicitado por Martins (2002), a retomada do desenvolvimento da cidade ocorreu nos primeiros anos da década de 1870, impulsionada pela expansão do comércio facilitada pelo porto. Jaguarão iniciou a década de 1880 impulsionada pelo sólido desempenho econômico que teve na década anterior, e base da atividade econômica continuava sendo as áreas de pecuária e comércio. O aumento no número de solicitações de lotes endereçadas à Câmara Municipal era indicativo de um cenário de progresso.

Jaguarão experimentou seu auge econômico durante as últimas décadas do século XIX. No início do século XX, já contava com quase 20.000 habitantes e, segundo Cunha (2012), dispunha de energia elétrica e muitas das ruas eram calçadas, o que era considerado incomum para aquele tempo. Também foi instituído um sistema de transporte terrestre que facilitou a comunicação de Jaguarão com Pelotas, Rio Grande e outras regiões do Brasil. Contudo, a mudança socioeconômica drástica ocorrida com o fim da escravidão teve implicações diretas na principal atividade econômica da região, centrada na criação, exportação, comércio, e contrabando de gado. Junto a esse evento e ao acelerado desenvolvimento da região norte do estado, a crise na indústria charqueadora também contribuiu para o início de um lento e gradual declínio econômico de Jaguarão (Serres; Jasper, 2015). Jaguarão, antes detentora de significativa vitalidade econômica, encontrou dificuldade em recuperar a mesma força que ostentava em períodos anteriores.

Na década de 1930, iniciou-se a construção da Ponte Internacional Mauá entre Jaguarão e o município uruguaio de Rio Branco, empreendimento este que impulsionou de maneira substancial a circulação de pessoas e mercadorias. Em 2011, foi o primeiro tombamento de um bem binacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Nesse mesmo ano, o Instituto também tombou o centro urbano da

cidade, reconhecido como o maior conjunto histórico e paisagístico protegido no estado do Rio Grande do Sul (Dossiê de Tombamento da cidade de Jaguarão, 2009).

Na metade do século XX, com a introdução da cultura da soja e do arroz, Jaguarão experimentou uma recuperação parcial do seu ímpeto econômico, impulsionada pela mecanização dos processos agrícolas e consequente obtenção de maiores lucros. No entanto, essa tendência foi abruptamente interrompida nos anos 1980, marcado pelo fim da ditadura militar (Villas Bôas, 2021). Os dados provenientes pelos censos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre os anos de 1991 e 2010 evidenciam a tendência de êxodo rural em Jaguarão. Em 1991, a população rural representava 17,3% do total, uma cifra que declinou para 9,7% em 2000 e atingiu 6,5% em 2010.

As entrevistas sociolinguísticas utilizadas nesta pesquisa foram coletadas entre 2001 e 2002. A população de Jaguarão nessa época era de 30.093 habitantes, a maior registrada nos últimos trinta anos, de acordo com o censo do IBGE realizado no ano de 2000. Entretanto, pesquisas demográficas subsequentes revelaram uma tendência decrescente na população ao longo das décadas seguintes. No censo de 2010, a população total reduziu para 27.931 habitantes, e o censo mais recente, realizado em 2022, evidenciou uma continuidade nesse declínio demográfico, com 26.603 habitantes residindo na cidade.

Atualmente, a sustentabilidade econômica de Jaguarão é fundamentada em diversos setores, destacando-se o comércio, especialmente no segmento de vestuário e alimentação. A atividade agropecuária também desempenha um papel relevante na matriz econômica da cidade, contribuindo para a geração de recursos e empregos. O turismo emerge como outro componente vital para a economia local, sendo especialmente alimentado pelos *free shops* da vizinha cidade uruguaia de Rio Branco. No Uruguai, os comércios chamados *free shops*<sup>6</sup> são uma realidade desde 1986. Em 2004, iniciaram-se as operações com esse tipo de lojas no município de Rio Branco, de maneira que grande parte dos turistas que circulam por Jaguarão deslocam-se com o objetivo de fazer compras na fronteira.

---

<sup>6</sup> *Free shops* são estabelecimentos comerciais que se caracterizam por oferecer produtos de marcas importadas com isenção ou redução de impostos. Essas lojas são geralmente localizadas em áreas de fronteira ou em aeroportos internacionais, visando atrair consumidores que desejam adquirir mercadorias estrangeiras de forma mais vantajosa em termos tributários.

### 2.3.2 O contato linguístico e as variedades da fronteira Brasil-Uruguaí

De acordo com Hickey (2010), nos departamentos de universidades menores, que trabalhavam com a análise de línguas não indo-europeias ou com línguas indo-europeias não germânicas e românicas, a questão do contato linguístico sempre foi fundamental. No entanto, durante as décadas de 1960 e 1970, essa questão não foi uma preocupação para os estudiosos de língua inglesa e de suas variedades. Nesse período, o domínio de outras abordagens para a análise linguística desviou o foco acadêmico da questão dos contatos e moldou as prioridades de investigação da época, que não levavam em consideração esse assunto. Além disto, a literatura da época assumia que o contato era sempre resultado de novas características que eram registradas em línguas especificadas, devendo haver, ao menos, a presença de duas delas em qualquer cenário de contato considerado.

Foi somente a partir da década de 1970 que aumentou o número de publicações de trabalhos que levavam em consideração os contatos linguísticos. Esse aumento pode ser atribuído ao apogeu da linguística gerativa e à ascensão da sociolinguística, áreas que dominaram e direcionaram a pesquisa linguística por várias décadas. A abordagem sociolinguística, em particular, desempenhou um papel crucial na compreensão do contato linguístico como um fenômeno abrangente, que vai além dos fatores puramente linguísticos e incorpora-se a elementos sociais e culturais (Hickey, 2010). A publicação do clássico estudo de Uriel Weinreich, *Languages in Contact: Findings and Problems*, em 1953, sedimentou os fundamentos teóricos e as prioridades da área que investiga os contatos linguísticos, integrando a análise linguística a explicações sociais e psicológicas.

O interesse de Weinreich pelo contato linguístico foi uma consequência natural de sua educação multilíngue. Segundo Kim (2011), foi sua formação linguística diversificada que influenciou suas investigações acadêmicas sobre bilinguismo e multilinguismo. Weinreich foi criado falando polonês, hebraico e iídiche, e, desde muito jovem, conheceu o russo, o alemão e, mais tarde, o inglês, além de outros idiomas europeus e não europeus. Suas vivências pessoais e suas atividades de campo o levaram à defesa da tese de que o bilinguismo não é prejudicial e à convicção de que qualquer análise abrangente de uma língua, e mais ainda quando envolve múltiplas línguas, demanda uma compreensão aprofundada dos seus falantes.

Antes da publicação do seu trabalho seminal, não havia uma teoria sistematizada para abordar os contatos linguísticos. Para Winford (2003), a maior contribuição da sua pesquisa foi o desenvolvimento de uma teoria cujo objetivo era examinar os contatos

dentro dos seus contextos sociais, uma vez que é somente em um “amplo ambiente psicológico e sociocultural que o contato linguístico pode ser melhor compreendido” (Weinreich, 1953, p. 4). Logo, os estudos de línguas em situação de contato têm como finalidade “prever formas típicas de interferência a partir da descrição sociolinguística de uma comunidade bilíngue e de uma descrição estrutural de suas línguas” (Weinreich, 1953, p. 86). Ainda que a definição privilegie o bilinguismo e, com isso, os sujeitos bilíngues, o objetivo delimitado pelo linguista pode ser aplicado para todos os outros estudos que envolvem situações de contato.

Nesse estudo, o termo *interferência* é empregado para caracterizar os desvios da norma que se manifestam na fala dos indivíduos como resultado do contato com outras línguas. Esses desvios normalmente decorrem da introdução de elementos estrangeiros nas estruturas linguísticas, especialmente afetando o léxico e os sistemas fonético-fonológico, morfológico e sintático. Para Weinreich (1953), uma abordagem interdisciplinar permite uma análise mais profunda e confiável sobre os fenômenos. Logo, uma descrição completa das interferências derivadas de contato, como se difundem e se mantêm ativas, só é possível se levando em conta a interação entre fatores estruturais e não estruturais, definidos como:

“Os fatores estruturais são aqueles que resultam da organização das formas linguísticas num sistema definido, diferente para cada língua, e que são, num grau considerável, independentes das experiências e do comportamento não linguísticos. Os fatores não estruturais derivam do contato do sistema com o mundo exterior, da familiaridade de determinados indivíduos com o sistema e do valor simbólico que o sistema como um todo é capaz de adquirir, e das emoções que pode evocar.” (WEINREICH, 1953, p. 5, tradução nossa).<sup>7</sup>

Alguns dos fatores não estruturais dizem respeito apenas ao sujeito, como, por exemplo, a facilidade de expressão verbal do falante e sua capacidade de manter as duas línguas separadas; a proficiência dele em cada uma das línguas; sua maneira de aprendê-las e sua atitude em relação a elas. No entanto, como as interferências não estão restritas a indivíduos, também podem afetar grupos de pessoas. Ao considerá-los, é preciso atentar-se a outros fatores relevantes, como o tamanho do grupo e sua homogeneidade e

---

<sup>7</sup> “The structural factors are those which stem from the organization of linguistic forms into a definite system, different for every language and to a considerable degree independent of non-linguistic experience and behavior. The non-structural factors are derived from the contact of the system with the outer world, from given individuals’ familiarity with the system, and from the symbolic value which the system as a whole is capable of acquiring and the emotions it can evoke.”



diferenciação cultural; as atitudes e estereótipos sobre as línguas em questão e as comunidades que as utilizam; e as tolerâncias ou intolerâncias quanto ao contato linguístico e o uso “incorreto” das formas linguísticas.

Essas interações entre línguas podem ocorrer por uma série de motivos, alguns voluntários e outros forçados por circunstâncias exteriores às escolhas dos falantes. Aos fatores externos citados por Weinreich (1953), podem ser acrescentados também as considerações de Wei (2000), que mencionou outras situações que podem contribuir para o contato entre línguas, que podem ser: políticos (como no caso de colonizações, anexações e reassentamentos); desastres naturais (nos casos de fome, inundações e erupções vulcânicas); religião (quando os indivíduos optam por residir ou afastar de um país por motivos religiosos); cultura (no caso de afiliações e identificações que implicam na aquisição de uma língua de um grupo étnico específico); economia (nos casos das migrações globais); educação (na aquisição de outras línguas) e tecnologia (que facilitou a expansão significativa no uso global do inglês).

Weinreich (1953), citando em sua obra, dentre outros, o exemplo do bilinguismo entre o romanche e o alemão na Suíça, mostrou que a maior parte das interferências linguísticas encontradas eram largamente influenciadas por fatores sociais. No debate acerca da importância da consideração dos fatores sociais em contraste com fatores linguísticos, as ideias nem sempre levavam em consideração um possível lado sociológico de uma análise (WINFORD, 2003). Para Jakobson (1938), as restrições estruturais (linguísticas) eram os principais determinantes da mudança induzida pelo contato. Ou seja, ao se comparar os inventários fonêmicos de duas línguas em contato, acreditava-se ser possível prever os possíveis efeitos de um sistema sob outro. Por outro lado, Thomason e Kaufman (1988) chegaram a argumentar que os fatores internos da língua eram irrelevantes no contexto do contato linguístico, uma vez que o que determina as consequências do contato é a história sociolinguística dos falantes, e não os aspectos estruturais da sua língua. No entanto, por considerarem ambas concepções radicais, a maior parte dos linguistas concordam com a visão de Weinreich, de que ambos fatores estruturais e sociais condicionam os resultados linguísticos resultantes do contato, assim como eles influenciam a mudança linguística de forma mais geral (Kim, 2011).

Thomason (2008) apresenta etapas que devem ser consideradas antes de se afirmar que houve mudança linguística estrutural por causa de contato entre línguas. Em primeiro momento, para determinar o estado da mudança, é essencial examinar ambas as línguas envolvidas no contato como sistemas completos. Se houve alguma forma de interferência

estrutural, é improvável que esteja limitada a apenas um aspecto isolado da linguagem. A melhor abordagem é procurar uma série de mudanças estruturais independentes e não relacionadas dentro da língua que está sendo influenciada pelo contato. O segundo passo é investigar se há contato intenso e significativo entre ambas as línguas, que é o que torna possível a interferência estrutural. Em seguida, deve identificar-se estruturas compartilhadas tanto na língua de origem quanto na receptora; localizar essas características é necessário para saber onde a interferência linguística pode ocorrer. O quarto passo é fornecer evidências de que os resultados da interferência não existiam na língua receptora antes dela entrar em contato linguístico. Por fim, o quinto e último passo é estabelecer provas de que as características da interferência proposta já estava presente na língua de origem antes dela entrar em contato com a língua receptora. Se forem encontradas evidências de que houve contato linguístico em uma comunidade de fala, então motivações externas e internas devem ser consideradas para explicação dos fenômenos encontrados.

Para Elizaincín (2008), assim como para Thomason (2008), o contato linguístico está relacionado à variação e mudança linguística. Esses três aspectos estão interconectados por meio de uma complexa rede de motivações e objetivos. O contato deve ser percebido como elemento central, uma vez que desencadeia a variação e essa, como se sabe, sinaliza o início da mudança. O autor ilustra esse processo com o exemplo do adjetivo “caprichoso” a partir da observação de seu uso na zona de contato entre Brasil e Uruguai.

Tanto em português como em espanhol, esse adjetivo está relacionado às características pessoais das pessoas a quem se aplica, e essas características são distintas nas duas línguas. Em português, é aplicado a pessoas habilidosas que desempenham bem o seu trabalho, enquanto em espanhol refere-se a pessoas, frequentemente crianças, que são obsessivas e irracionais. A questão que se coloca é que, nesses contextos de zona de contato, é comum encontrar falantes de espanhol que utilizam a palavra “caprichoso” no sentido português. O encadeamento do fenômeno se dá, inicialmente, com o contato da forma “caprichoso” e seus significados originais de cada língua. A variação inicialmente observada foi a alternância, entre os falantes monolíngues de espanhol, de ambos os significados; nesse momento, tem-se um inevitável conflito gramatical. Posteriormente, a mudança constatada foi a transição do significado do português para o espanhol na região de contato. Isso ocorreu primeiramente nas áreas próximas às fronteiras brasileiras, e, em seguida, estima-se que a mudança tenha atingido o restante da região. Espiga (2008)

observou que a mistura das línguas na fronteira se manifesta especialmente na ocorrência de fenômenos de interferência e *code switching*, muito frequentes no Português Uruguaio (PU) e também observados, embora em menor número, nos dialetos fronteiriços do português gaúcho.

Ao longo das últimas cinco décadas, as situações linguística e cultural que caracterizam a região fronteiriça entre o Brasil e o Uruguai têm suscitado interesse por parte de estudiosos. Entre todas as delimitações territoriais que o Brasil partilha com as nações latinas falantes de língua espanhola, nenhuma foi palco de uma interação mais profunda e de longa duração do que a fronteira que divide o estado do Rio Grande do Sul e a República Oriental do Uruguai (Hensey, 1969).

Para Elizaincín (1972), fatores históricos, políticos e sociológicos definem os fenômenos de contato dessa fronteira. É preciso levar em consideração a história da colonização, disputa e delimitação das fronteiras entre os dois países. Uma parcela significativa do Uruguai foi povoada por falantes de português, resultando em uma base étnica predominantemente lusa. Também se faz relevante ponderar a respeito da extensão da fronteira, a qual se estende por mais de mil quilômetros e é caracterizada por ser uma “fronteira aberta”, uma vez que não se apresentam acidentes geográficos notáveis que possam servir como limites entre ambos os países. A população residente na região fronteiriça se concentra predominantemente em cidades uruguaias que têm uma cidade gêmea brasileira do outro lado da fronteira, como é o caso de Bella União/Barra, Artigas/Quaraí, Rivera/Santana do Livramento, Acegua/Aceguá, Rio Branco/Jaguarão e Chuy/Chuí. Por fim, os aspectos sociológicos mostram que o predomínio e prestígio que o português possui nas zonas fronteiriças parece derivar-se do fato de que o Brasil conta com uma população muito maior do que a do país uruguaio, o que influencia no domínio do uso de uma língua e não de outra. O português parece ser a língua do superstrato enquanto que o espanhol é a do substrato (Meeuwis; Östman, 2010).

Grande parte do território gaúcho, até quase o término do Período Colonial, integrou a área de dominação do Império Espanhol, um espaço que abarcava as campanhas do Uruguai e da Argentina. Nesse sentido, conforme Reichel (2006), as fronteiras que existiram e foram importantes no passado colonial dos impérios ibéricos, localizavam-se no interior de um espaço maior, numa região que esteve marcada pela mobilidade e pela indefinição. A fronteira não era só uma linha que definia onde um território iniciava e terminava, mas uma zona de intercâmbios em que predominavam interações entre grupos sociais. É essa interação entre os grupos que possibilita que ocorra

o contato entre a língua portuguesa e espanhola; a zona de fronteira entre os dois países é o local onde essas línguas relacionam-se.

O primeiro linguista que identificou a existência de um dialeto misto em território uruguaio foi José Rona na metade da década de 1960. Surpreso com o que encontrou na região, o pesquisador expôs que, ao pesquisar o espanhol falado no norte e nordeste do Uruguai, não esperava encontrar um dialeto português naquele território (Rona, 1965). Esse contato recém descoberto na fronteira entre o Uruguai e o Brasil foi abordado em seu relatório de pesquisa. Nesse documento, constatou que, na região de fronteira da área uruguaia, a base linguística observada tinha sua fonologia e léxico basicamente advindos do português. Atribuiu à variedade encontrada, a partir da designação utilizada pelos próprios falantes, o nome de *dialecto fronteirizo*. Propôs a existência de dois dialetos fronteiriços distintos: um deles de base portuguesa, que tem um sistema fonológico praticamente português, assim como um léxico onde também predominam elementos portugueses; e um de base espanhola, parecido com aquele falado no resto do Uruguai, o qual sofre influência portuguesa, mas ela não é predominante. O *fronteirizo* caracterizado por Rona (1965) é resultante do cruzamento de uma variedade do português – português gaúcho – com uma língua nacional – o espanhol uruguaio. Possui características dessas línguas, mas seu sistema não corresponde ao sistema delas, sendo o *fronteirizo* um dialeto misto utilizado por falantes monolíngues.

Em 1979, Elizaincín relacionou o bilinguismo português-espanhol com aquele falado na classe alta dos centros urbanos enquanto o monolinguismo *fronteirizo* seria utilizado pela população rural e de classe baixa. Pouco tempo depois, Elizaincín e Behares (1981) propuseram uma nomenclatura alternativa para o considerado *fronteirizo* e chamaram as variedades linguísticas da fronteira *Dialectos Portugueses del Uruguay* (DPU). *Dialeto* seria um termo neutro para se referir à determinada zona de um país e *portugueses* explicaria se tratar de formas de base portuguesa que possuem grande influência do espanhol. Na terminologia dos autores, dialetos, no plural, reflete o entendimento de que não há língua homogênea, mas sim que há diversidade linguística, conforme constatado por Rona (1965). Não há apenas um dialeto fronteiriço, mas existem múltiplos, dada a fronteira quilométrica entre os dois países e as diferenças das zonas do território fronteiriço.

Em sua pesquisa, Carvalho (2003) observou que o repertório linguístico dos cidadãos de Rivera contém características das variedades do Português Brasileiro Urbano (PBU) e do Português Uruguaio Rural (PUR), e que o uso de uma ou outra não é

categorico, mas sim condicionado por fatores extralinguísticos. Nesse sentido, constatou que o português de Rivera oscila num *continuum* entre o PBU e o PUR a depender das características sociais do falante e estilísticas do contexto. Entendendo que a dicotomia português (língua falado por bilíngues das classes médias urbanas) e DPU/*fronteirizo* (dialeto utilizado por monolíngues da zona rural) era mais social do que linguística, Carvalho (2003) propôs o termo Português Uruguaio, que acabou por se tornar a nomenclatura predominante nos estudos posteriores que visaram analisar a variedade falada na fronteira uruguaia dos dois países.

De acordo com Espiga (2008), ao longo da história, a transformação do PU ocorreu dentro de um contínuo de interação entre dois polos linguísticos distintos. O diagrama proposto pelo autor (Figura 12) mostra que tanto o PU quanto o português falado na fronteira são influenciados pela constante tensão entre as alternativas linguísticas de ambos os extremos desse contínuo. No diagrama, a língua portuguesa e a espanhola estão como pólos opostos em um contínuo, indicando que os dialetos de ambas as línguas estão posicionados ao longo do eixo que as conecta. Além disso, mesmo que em certos pontos do contínuo haja formas ou elementos compartilhados, Espiga (2008) enfatiza que, no contínuo proposto, o pólo E tende a ser categorico em relação ao português, assim como o pólo P é um espaço categorico em relação ao espanhol.

Figura 12 – Diagrama do contínuo português-espanhol



Fonte: Espiga (2008, p. 374)

Em relação à região fronteira brasileira, Sturza (2005) observou que a maior parte dos estudos que investigam o falar dessa zona são de base dialetológica e sociolinguística. As pesquisas centram-se nas influências do espanhol, na penetração da língua no léxico gaúcho e na entonação e pronúncia do dialeto fronteiro gaúcho. No entanto, os resultados encontrados no lado brasileiro da fronteira não permitiram a constatação de que ali havia uma terceira variedade linguística, conforme encontrado por pesquisadores na fronteira uruguaia. Concordando com Sturza (2005), Behares (2010) destacou que a variedade falada na fronteira brasileira é composta por falantes de um português que é, muitas vezes, marcado por ser “de fronteira” devido à influência no léxico e na fonologia do espanhol falado nessa zona fronteira. O ir e vir da população resulta não só na aquisição de hábitos e tradições do país vizinho, mas também se

evidencia no seu comportamento linguístico. No entanto, ainda que tenha certa influência sobre o PB e seja bastante presente nas interações sociais, o espanhol continua sendo uma língua estrangeira. O português de fronteira é, portanto, a língua falada pelos residentes do lado brasileiro da fronteira, fazendo parte do português gaúcho do extremo sul do Brasil.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Constituição do corpus

Os dados utilizados nessa análise foram retirados do BDS Pampa (Banco de Dados Sociolinguísticos da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense), um projeto acadêmico que se materializou a partir de uma parceria entre a Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPel). As informações apresentadas nesta seção, referentes à constituição e metodologia empregada na construção do banco de dados, foram extraídas do artigo de Borges e Brisolara (2020), ambos docentes envolvidos na concepção e manutenção do referido banco.

O BDS Pampa teve sua origem na necessidade de investigação e exploração de uma ampla gama de fenômenos linguísticos que envolvem o português brasileiro gaúcho. Conforme discutido na seção anterior, essa variedade linguística apresenta uma realidade diversificada e é fortemente influenciada por sua complexa construção sociolinguística, relacionada à história de formação e constituição do Rio Grande do Sul e de suas fronteiras com outros países latino-americanos. O objetivo principal da formação do banco foi a consolidação de um banco de dados interinstitucional destinado a contribuir para o aprimoramento da compreensão da realidade sociolinguística na região de fronteira do Rio Grande do Sul. Para isso, foi necessária a coleta e o registro de dados de fala que retratassem de modo preciso a realidade do português falado em zonas urbanas representativas de distintas realidades geográficas do país. Com a coleta dos dados para composição do BDS Pampa, esperou-se fornecer suporte para projetos de mapeamento dialetológico dos contínuos linguísticos; analisar a influência do espanhol no sistema gramatical do português; investigar aspectos relacionados à formação dos dialetos de contato e contribuir para a atualização da produção científica sociolinguística, especialmente no que diz respeito a estudos que abordem fatores relacionados à variação resultante do contato do português com outras línguas.

Os dados de fala contidos no BDS Pampa abrangem populações de cidades brasileiras localizadas na região da Campanha e da Fronteira Sul-Rio-Grandense. Essas cidades situam-se até 200 quilômetros das linhas de fronteira que delimitam o estado do Rio Grande do Sul com os países vizinhos Uruguai e Argentina. Essas áreas são caracterizadas por zonas, conforme definido por Borges e Brisolara (2020), como do Litoral (que inclui as cidades de Chuí, Santa Vitória do Palmar, Rio Grande, Pelotas, Tavares, Jaguarão e Arroio Grande), Serra do Sudeste (incluindo Piratini, Encruzilhada do Sul, Aceguá e Bagé) e Pampa (incluindo Santana do Livramento, Rosário do Sul, São

Vicente do Sul, Quaraí, Alegrete, São Francisco de Assis, Barra do Quaraí, Uruguaiana, Itaqui e São Borja).

As amostras que integram o BDS Pampa foram constituídas a partir das entrevistas sociolinguísticas realizadas com 24 indivíduos pertencentes a cada uma das localidades consideradas. Os participantes foram agrupados em cinco faixas etárias (16 a 25, 26 a 37, 38 a 49, 50 a 64 e mais de 64 anos) e em dois níveis de escolaridade (a primeira, que englobou participantes analfabetos ou que estudaram até a quinta série, e a segunda, que compreendeu os sujeitos que estudaram a partir do primeiro ano do ensino médio, sem limite de formação).

Antes da realização da entrevista, com o intuito de coletar os dados cadastrais dos participantes, foi solicitado que cada um preenchesse um Questionário Prévio com informações que, posteriormente, foram utilizadas para identificar aspectos sociais relacionados aos indivíduos e às comunidades de fala em estudo. Após o preenchimento do documento, ocorreram as entrevistas, cujas durações variam de 30 a 60 minutos. Nessas entrevistas, foram abordados, entre outros tópicos, assuntos relacionados à cidade, tradições, família, amigos e planos de vida.

Para execução deste trabalho, a intenção inicial era a realização de uma nova coleta de dados atualizada na região escolhida para a investigação científica. No entanto, devido às restrições de tempo e cronograma do curso, não foi possível concretizar essa etapa. Diante dessa limitação e com o objetivo de analisar a lateral em uma cidade fronteiriça ainda não investigada, optou-se por recorrer a dados previamente coletados e disponíveis em um banco de dados existente. Essa decisão resultou na escolha do mencionado acervo e permitiu que se desse andamento à pesquisa empreendida.

Do BDS Pampa, foram fornecidos os dados de fala de 24 indivíduos ou oriundos de Jaguarão ou residentes na cidade há, pelo menos, vinte anos. Do total de falantes inicialmente selecionados para compor a amostra do trabalho, apenas os dados de 20 indivíduos foram efetivamente considerados para análise. Ao realizar uma observação atenta aos dados de fala e das informações neles contidas, identificou-se a presença de inconsistências em quatro dos informantes originalmente selecionados. Foram identificadas incongruências relacionadas ao local de residência, considerado fora dos limites geográficos estabelecidos como escopo da investigação, assim como comportamentos linguísticos que desviaram sistematicamente do padrão da comunidade



de fala da cidade<sup>8</sup>. A exclusão desses informantes visou assegurar a integridade e validade das conclusões obtidas nesse estudo, evitando quaisquer distorções na interpretação dos resultados. Por essa razão, foi realizada uma modificação nas faixas etárias consideradas e posterior reagrupamento dos indivíduos nas novas categorias.

Os dados de Jaguarão disponíveis no banco de dados foram coletados durante os anos de 2001 e 2002. Os questionários originalmente preenchidos pelos informantes, por questões internas de organização do banco, não estavam disponíveis para consulta naquele momento; essa circunstância impossibilitou a análise direta das informações contidas nesses documentos e a possível incorporação de outras variáveis sociais ao projeto. No entanto, nos foi fornecido um documento mais detalhado em relação à escolaridade dos falantes, e, em conjunto com as informações retiradas das próprias entrevistas, foi possível realizar o agrupamento dos indivíduos nessa variável.

Considerando os aspectos mencionados, a amostra de 20 participantes provenientes da cidade de Jaguarão foi distribuída conforme apresentado no Quadro 2 abaixo. Observa-se que a distribuição da amostra não foi uniforme entre todas as variáveis, havendo, por exemplo, a presença de cinco homens em comparação com três mulheres no cruzamento entre as variáveis faixa etária e escolaridade.

Quadro 2 – Caracterização geral dos informantes

<b>Informante</b>	<b>Gênero</b>	<b>Faixa etária</b>	<b>Escolaridade</b>
1	Masculino	16-20 anos	Ensino Fundamental
2	Masculino	21-25 anos	Ensino Fundamental
3	Masculino	26-48 anos	Ensino Fundamental
4	Masculino	49-63 anos	Ensino Fundamental
5	Masculino	+64 anos	Ensino Fundamental
6	Feminino	16-20 anos	Ensino Fundamental
7	Feminino	21-25 anos	Ensino Fundamental
8	Feminino	26-48 anos	Ensino Fundamental
9	Feminino	26-48 anos	Ensino Fundamental
10	Feminino	49-63 anos	Ensino Fundamental
11	Feminino	+64 anos	Ensino Fundamental

<sup>8</sup> Durante a seleção da amostra inicial, foi identificada uma entrevista com um indivíduo de nacionalidade uruguaia. Em consonância com o objetivo de analisar os padrões linguísticos dos brasileiros moradores de Jaguarão, optou-se por excluir essa entrevista da análise.

12	Feminino	16-20 anos	Ensino Fundamental
13	Masculino	21-25 anos	Ensino Médio/Superior
14	Masculino	26-48 anos	Ensino Médio/Superior
15	Masculino	49-63 anos	Ensino Médio/Superior
16	Masculino	+64 anos	Ensino Fundamental
17	Masculino	16-20 anos	Ensino Médio/Superior
18	Feminino	21-25 anos	Ensino Médio/Superior
19	Feminino	49-63 anos	Ensino Médio/Superior
20	Feminino	+64 anos	Ensino Médio/Superior

Fonte: elaboração própria.

### 3.2 Caracterização das variáveis

A análise das ocorrências da lateral pós-vocálica requer cuidadosa caracterização das variáveis linguísticas e sociais que podem influenciá-las, uma vez que é a partir delas que se é possível compreender o panorama sociolinguístico em que essas manifestações ocorrem. Nesta seção, serão expostas e discutidas as variáveis a serem examinadas na investigação do segmento considerado.

A variação sociolinguística caracteriza-se como a alternância de um ou mais elementos do sistema linguístico que pode ser condicionada por fatores sociais e linguísticos. Segundo Moreno Fernández (1998), os fatores linguísticos que são capazes de influenciar a variação fonético-fonológica podem ser divididos em três grupos: distribucionais, contextuais e funcionais. Os fatores distribucionais dizem respeito ao lugar onde o fonema aparece, como sua posição na palavra e na sílaba. Os contextuais referem-se aos elementos que antecedem e seguem a variável, como os contextos precedentes e seguintes. Já os fatores funcionais relacionam-se à natureza das categorias gramaticais em que elas se incluem, como o tipo morfema e a função gramatical da palavra.

Em conjunto com as variáveis linguísticas, as variáveis sociais podem ser capazes de determinar a variação linguística e fornecer uma explicação para a razão de determinadas variações atingirem de modo específico cada comunidade. Aquelas que normalmente influenciam a variação linguística são, dentre outras, o gênero, a idade, a escolaridade, o nível sociocultural e a etnia dos participantes.

A escolha das variáveis deste trabalho se deu com base na análise de pesquisas anteriores realizadas sobre fenômenos fonológicos envolvendo o segmento lateral em posição pós-vocálica, discutidas no terceiro capítulo desta dissertação.

### 3.2.1 Variável resposta

O conceito de variável linguística, como visto anteriormente, foi introduzido por Labov nos anos 1960 como uma ferramenta metodológica capaz de reunir formas de superfície que se alternam no discurso. Para Labov (1966, 2008), a variável linguística escolhida para análise deve ser de uso frequente, sendo que sua utilização deve ocorrer de forma natural, sem que os indivíduos façam esforço para evitar sua produção. Além disso, ela deve fazer parte de estruturas maiores, como palavras, frases ou discursos, e ser passível de mensuração e análise quantitativa. Labov também estipulou que ela deve ser influenciada pela estratificação dos grupos sociais, variando notavelmente entre diferentes grupos e faixas etárias, por exemplo.

Na definição da variável resposta, levou-se em consideração a identificação de duas ou mais expressões variantes de uma forma subjacente comum, no caso, o fonema /l/, em contexto pós-vocálico. No PB, a lateral em posição final de sílaba pode apresentar diferentes realizações fonéticas, sendo possível encontrar as variantes alveolar [l], velarizada [ɫ], vocalizada [w], apagada [ø] ou rótico [r]. Entretanto, nos dados analisados neste trabalho, nem todas as variantes possíveis manifestaram-se de forma consistente; algumas delas, quando presentes, ocorreram de forma pontual e idiossincrática.

Devido à localização geográfica de Jaguarão em uma zona fronteira, acredita-se que a lateral pós-vocálica nessa cidade tenda a se manifestar de forma distinta em comparação com outras regiões do Brasil, uma vez que está em uma região de possível contato linguístico. Segundo Quilis (1979), no espanhol, de maneira geral, o fonema lateral pode se realizar como uma lateral dental [l̪], interdental [l̪], palatalizado [ɭ] ou alveolar [l], dependendo do contexto fonológico em que se encontra. Nessa língua, não estão previstos casos de vocalização da lateral em posição final de sílaba, de maneira que acreditamos que o PB falado em Jaguarão possa sofrer influência da pronúncia lateral do EU falado do outro lado da fronteira. Nesse contexto e com base nos resultados de trabalhos anteriores, foi definida como variável resposta a seguinte variação fonética do segmento:

- a) lateral velarizada [ɫ].

### 3.2.2 Variáveis preditoras

#### 3.2.2.1 Variáveis linguísticas

##### 3.2.2.1.1 Contexto fonológico precedente

Como o fonema analisado localiza-se em final de sílaba, aquele que o precede é sempre vocálico. Na pesquisa de Quednau (1993), o contexto fonológico precedente mostrou-se relevante para a realização das formas mais conservadoras da lateral. Nesse estudo, as vogais altas /i/ e /u/ atuaram como favorecedoras das formas originais enquanto que a vogal baixa /a/ e as médias /o/, /ɔ/, /e/ e /ɛ/ favoreceram a vocalização. Portanto, ao se considerar essa variável na presente análise, optou-se por agrupar as sete vogais do PB de acordo com suas respectivas alturas:

- a) vogais altas: /i/ e /u/ (filme e cultivar);
- b) vogais médias-altas: /e/ e /o/ (saudável e vontade);
- c) vogais médias-baixas: /ɛ/ e /ɔ/ (coquetel e volta);
- d) vogal baixa: /a/ (carnaval).

##### 3.2.2.1.2 Contexto fonológico seguinte

O contexto que segue a lateral pós-vocálica é variado, podendo ser preenchido por consoantes, vogais e pausa. Para Quednau (1993), o contexto que mais desfavoreceu a regra de vocalização foi aquele seguido por consoantes labiais e por vogais. Nos resultados de Espiga (2001), a preservação da lateral alveolar na fala de chuienses foi favorecida pela consoante seguinte também alveolar; esse resultado sugeriria a existência de uma tendência assimilatória por parte deste segmento. Já a variante labializada dos vitorienses foi favorecida pelas consoantes palatais.

Em nosso trabalho, agrupamos os segmentos do contexto seguinte com base em seus pontos de articulação, resultando na seguinte classificação:

- a) alveolar: /t/, /d/, /s/, /z/, /n/, /l/, /r/ (agricultura e calçado);
- b) palato-alveolar: /tʃ/, /ʃ/, /dʒ/, /ʒ/ (último e final de semana);
- c) labiais: /p/, /b/, /m/, /f/, /v/ (culpa e talvez);
- d) velar: /k/, /g/ (balconista e folga);
- e) vogais: /i/, /u/, /ɛ/, /ɔ/, /e/, /o/, /a/ (mil e trezentos e normal assim);
- f) pausa.

### 3.2.2.1.3 Tonicidade da sílaba

Considerando essa variável, objetiva-se investigar se a tonicidade da sílaba pode influenciar na realização da lateral pós-vocálica. Quednau (1993) observou que a vocalização deste segmento é mais favorecida quando o /l/ localiza-se em sílabas tônicas e pretônicas e é menos favorecida quando encontra-se em sílaba átona final. Por outro lado, Tasca (1999) constatou que a realização alveolar nas comunidades do interior do Rio Grande do Sul é favorecida pela sílaba tônica. Como defendemos que, por uma questão de proeminência acentual, a vocalização tende a se manifestar com mais frequência em sílabas átonas, acreditamos que a variante velarizada da lateral ocorra mais frequentemente em sílabas tônicas.

- a) sílaba pretônica: impossível, faculdade;
- b) sílaba tônica: normal, futebol;
- c) sílaba postônica: difícil, rentável;
- d) monossílabos átonos: tal, qual;
- e) monossílabos tônicos: sol, sul.

### 3.2.2.1.4 Posição da lateral na palavra

A posição da lateral na palavra parece afetar a realização da lateral. Quednau (1993) observou que a vocalização foi mais favorecida quando o segmento lateral se encontrava diante dos sufixos -mente e -zinho, enquanto foi menos favorecida quando em final e no interior do vocábulo. Para Tasca (1999), a lateral alveolar foi favorecida quando no final ou interior de palavras simples. No estudo de Espiga (2001), a lateral alveolar foi favorecida quando em final de palavra seguida por vogal. Para Schwindt (2012), a vocalização da lateral é um fenômeno do domínio da sílaba, mas sua ocorrência é observada principalmente em um contexto específico: a fronteira entre palavras fonológicas.

Com o objetivo de analisarmos se a velarização da lateral é um efeito morfológico ou apenas fonológico, procedeu-se à seguinte classificação dos vocábulos da amostra:

- a) final da base: jornal, papel;
- b) final de sufixo: internacional, móvel;
- c) interior da base: cálculo, salto;
- d) entre a base e um sufixo: maldade, humildade;
- e) diantes dos sufixos -mente e -zinho.

### 3.2.2.1.5 Frequência lexical

Palavras com distintas frequências de uso podem ser afetadas diferentemente pelos fenômenos linguísticos variáveis. Fidelholtz (1975) inicialmente sugeriu que os indivíduos enfrentam maior dificuldade ao recuperar palavras menos frequentes em suas memórias em comparação com palavras mais frequentes. Ou seja, a palavra que é utilizada mais frequentemente é mais acessível no léxico mental, e, portanto, mais suscetível a mudanças do que aquelas menos acessadas. Essa ideia foi aprimorada por Phillips (1984), que postulou que mudanças fisiologicamente motivadas afetariam as palavras mais frequentes primeiro enquanto que as mudanças sem motivação fonética afetariam as palavras menos frequentes.

Para contabilização da frequência lexical das palavras deste trabalho, recorremos ao Corpus Brasileiro<sup>9</sup>. Este corpus é uma referência para os estudos linguísticos e disponibiliza as frequências das palavras em uso na língua portuguesa. Atualmente, é composto por uma amostra representativa de 1,074,900,000 *tokens* extraídos de textos escritos e orais, de diversos gêneros textuais e sem limitações regionais.

A busca e subsequente codificação da frequência de cada palavra do trabalho foram realizadas em setembro de 2023. Inicialmente, a frequência das palavras foi registrada em valores brutos, representando o número total de ocorrências de cada palavra no corpus. Devido à considerável variação nas frequências brutas, optamos por converter estes números em logaritmo, possibilitando uma representação mais condizente da distribuição real das ocorrências e minimizando valores extremos.

### 3.2.2.2 Variáveis extralinguísticas

#### 3.2.2.2.1 Gênero/sexo

Nos estudos sociolinguísticos, a variável sexo/gênero é amplamente reconhecida como uma influente condicionadora social, uma vez que exerce papel importante na evolução dos fenômenos e na própria variação, como observou Tasca (1999). Em seu estudo, a variável sexo foi favorecedora para a preservação da variante alveolar. Os homens, em sua análise, mostraram-se mais conservadores do que as mulheres, utilizando-se mais da forma alveolar do que elas. Conforme apontado por Labov (2001), essa variável tem um impacto significativo na mudança linguística e é um importante fator de diferenciação em quase todos os estudos que trabalham com uma amostra

---

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>. Consulta em janeiro/2024.

socialmente estratificada e que analisam a mudança em progresso. Como os resultados de pesquisas sociolinguísticas normalmente apresentam resultados similares à variável sexo/gênero, Labov (2001) propôs princípios gerais que se referem ao comportamento linguístico típico de homens e mulheres.

O primeiro princípio observado foi de que, no uso de variáveis linguísticas estáveis, mulheres, em comparação aos homens, tendem a usar menos as variantes estigmatizadas, utilizando mais frequentemente as variantes com mais prestígio social. Para comprovar essa afirmação, foram citados estudos, entre outros, dos casos da variação entre nasal alveolar [n] e a velar [ŋ] na partícula -ing em sílabas átonas. O estudo de Nova York (Labov, 1966) mostrou que entrevistados do sexo feminino utilizaram a nasal velar [ŋ], de maior prestígio social nessas comunidades, com mais frequência do que os falantes do sexo masculino.

O segundo princípio proposto por Labov (2001) foi que, no caso de mudanças que vêm de cima (*change from above*) – aquelas em que há elevado nível de consciência social – e que envolvem fenômenos sujeitos à avaliação social, as mulheres adquirem as formas de prestígio mais rapidamente do que os homens. A hipótese de Trudgill (1972) é de que, porque a posição social das mulheres na sociedade é normalmente inferior à dos homens, elas podem estar mais inclinadas a usar a linguagem como um meio de garantir e sinalizar sua posição social. Logo, a adoção da norma utilizada pelas classes sociais mais altas é vista como uma forma de elas afirmarem seu *status* social, o que indicaria sua consciência da importância dos padrões linguísticos no reconhecimento e influência na sociedade.

O último princípio diz que, no caso das mudanças que vêm de baixo (*change from below*) — aquelas que estão abaixo do nível da consciência —, as mulheres utilizam mais as formas inovadoras que os homens. Esse comportamento duplo, expresso no segundo e terceiro princípios propostos por Labov (2001) é o que ele chama de *Paradoxo de Gênero*, uma vez que “as mulheres parecem se conformar às normas sociolinguísticas explicitamente prescritas mais fortemente que os homens, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas”.

Como se percebe, a variável sexo/gênero é essencial nos estudos sociolinguísticos e na explicação da mudança linguística. Homens e mulheres apresentam padrões linguísticos distintos e estão influenciados por diferentes noções de prestígio linguístico, atribuídos socialmente. Para Eckert (1989), o uso da linguagem é reflexo das relações culturais e sociais. O sexo de uma pessoa não determina diretamente como ela fala; em

vez disso, reflete as complexas práticas e normas sociais relacionadas ao seu gênero. Tradicionalmente, o termo “sexo” tem sido utilizado para denotar as disparidades fisiológicas entre mulheres e homens enquanto o “gênero” abrange os aspectos sociais e culturais que se desenvolvem a partir destas distinções biológicas (CHESIRE, 2003). Este processo sociocultural, que começa no nascimento do indivíduo, comprova que “gênero” parece ser a designação mais adequada para essa categoria. Nas pesquisas variacionistas, ambos os termos são utilizados, às vezes como sinônimas, outras vezes de maneira distinta, a fim de distinguir entre os aspectos biológicos e os fatores sociais que exercem influência na formação do comportamento e das vivências humanas.

Reconhecemos a importância da discussão acerca das considerações sobre gênero sendo resultado de uma construção sociocultural que vai além da distinção binária masculino/feminino (ECKERT, 1989; CHESIRE, 2002; FREITAG, 2015). No entanto, devido à codificação restrita dos participantes ao seu sexo biológico no banco de dados, a divisão dos participantes do trabalho se deu como:

- a) sexo masculino;
- b) sexo feminino.

#### **3.2.2.2.2 Faixa etária**

A idade dos falantes é um dos fatores sociais mais influentes na determinação dos padrões linguísticos em uma comunidade de fala. A idade determina e modifica as características e os hábitos sociais, comunicativos e linguísticos dos sujeitos (Moreno Fernández, 1998). Para Eckert (1997), o estudo da idade em relação à linguagem, especialmente no domínio da variação sociolinguística, envolve a intersecção da fase da vida do indivíduo e da história da comunidade. A estratificação etária ajuda na compreensão não só das mudanças históricas da língua, fornecendo informações sobre como a língua evolui ao longo do tempo dentro de uma comunidade (mudança histórica), mas também revela como a língua muda na vida de um indivíduo à medida que ele passa por diferentes estágios (*age grading*) e experiências.

Ainda de acordo com Eckert (1997), os sistemas etários estão profundamente enraizados nas estruturas culturais e sociais, orientando os indivíduos ao longo das fases da vida e regulando os seus comportamentos de acordo com as normas e expectativas estabelecidas. Acontecimentos significativos da vida podem ter um impacto em vários aspectos. Por exemplo, crianças e adolescentes são fortemente influenciados pela instituição escolar, que impõe normas linguísticas padrão. Chambers (2003) acrescenta



que, na adolescência, os jovens tendem a criar e adotar novas tendências linguísticas e variações no seu uso da língua, que podem diferir significativamente das normas da geração dos seus pais; esta aceleração na mudança linguística é atribuída à influência das extensas redes sociais e da interação entre os adolescentes. Na idade adulta, o local de trabalho torna-se a instituição dominante, enfatizando também a norma linguística padrão. Já os indivíduos idosos normalmente fixaram seus socioletos<sup>10</sup> e não apresentam quaisquer mudanças regulares ou em grande escala (CHAMBERS, 2003).

É possível observar a variação linguística de indivíduos de diferentes idades ao agrupá-los em faixas etárias, ainda que não haja uma unanimidade sobre como defini-las e caracterizá-las. Moreno Fernández (1998) observa que as faixas etárias têm um valor relativo, uma vez que dependem, dentre outros fatores, da sociedade a que estão relacionadas, do tipo de atividade profissional desenvolvida no local, das organizações socioeconômicas e da própria organização social do espaço. Normalmente, os sociolinguistas dividem os indivíduos de uma comunidade em três ou quatro gerações. Agrupa-se um primeiro grupo que corresponde ao que ele chama de “formação individual”, que engloba sujeitos dos 20 aos 25 anos. Ao segundo grupo incorporam-se os indivíduos que estão no início de sua vida profissional e possuem certa independência dos pais, o que normalmente acontece entre os 20 a 35 anos. Um terceiro grupo juntaria indivíduos maduros e que estão no auge da sua vida profissional, entre os 35 a 55 anos. Um quarto grupo, por fim, representaria a maturidade profissional e a aposentadoria.

Como não tivemos acesso à informação sobre a idade absoluta dos informantes, não foi possível considerar a idade como uma variável contínua. Dessa forma, optamos por manter a divisão dos participantes em cinco faixas etárias, seguindo os critérios de estratificação do banco de dados:

- a) participantes de 16-20 anos;
- b) participantes de 21-25 anos;
- c) participantes de 26-48 anos;
- d) participantes de 49-63 anos;
- e) participantes de +64 anos.

---

<sup>10</sup> “Uma variedade que é considerada relacionada mais à origem social dos seus falantes do que à origem geográfica.” (TRUDGILL, 2003, p. 122, tradução nossa).

### 3.2.2.2.3 Escolaridade

Moreno Fernández (1998) aponta que a sociolinguística tem comprovado que o nível de escolaridade dos falantes pode determinar a variação linguística: é comum que pessoas com mais altos níveis de educação formal tendam a fazer maior uso das variantes pertencentes à norma padrão. No Brasil, segundo Freitag (2016), o controle da escolaridade surgiu como uma alternativa para estratificação da classe social nas amostras sociolinguísticas. A ideia era de que níveis mais elevados de escolarização serviriam como um indicador indireto do pertencimento a classes mais altas.

Atualmente, a escolaridade é tratada como uma variável mais geral e é controlada sob a suposição de que a exposição à cultura letrada e o papel normativo da escola podem influenciar a adesão às variantes linguísticas canônicas ou prestigiosas de forma proporcional ao nível de escolarização (Schwindt *et. al*, 2007; Freitag, 2017). A escola costuma preservar as variantes de prestígio porque essas variantes são sujeitas a avaliações sociais, quer sejam conscientes ou não. Quanto maior o nível de escolaridade dos sujeitos, maior a adesão às variantes prestigiosas; o inverso também é passível de observação, como nos estudos sobre a concordância dos sintagmas nominais no PB (Scherre, 1998; Anjos, 1999).

No entanto, determinar os níveis de escolaridade não é uma tarefa fácil, uma vez que os limites entre eles variam entre as comunidades. Embora seja possível realizar uma análise sociolinguística detalhada sobre o grau de escolaridade de cada falante, esse grau de detalhamento não é sempre necessário para descrição dos fenômenos. Logo, os sociolinguistas costumam dividir a escolaridade em categorias gerais, como aqueles analfabetos, aqueles que possuem ensino primário, os que possuem ensino secundário e os que têm formação superior completa. A definição de níveis de escolaridade mais amplos e gerais facilita a comparação e o paralelismo entre os resultados encontrados em comunidades de fala distintas (Moreno Fernández, 1998).

Para nosso estudo, escolhemos delimitar a escolaridade dos participantes em dois níveis distintos:

- a) Ensino Fundamental (incluindo o Ensino Fundamental completo e incompleto);
- b) Ensino Médio/Superior (incluindo Ensino Médio Completo e Ensino Superior).

O quadro a seguir resume as variáveis consideradas no trabalho.

Quadro 3 – Variáveis sociais e linguísticas do trabalho

Variável	Categorias da variável
Contexto fonológico precedente	a) vogais altas: /i/ e /u/; b) vogais médias-altas: /e/ e /o/; c) vogais médias-baixas: /ɛ/ e /ɔ/; c) vogal baixa: /a/.
Contexto fonológico seguinte	a) alveolar: /t/, /d/, /s/, /z/, /n/, /l/, /r/; b) palato-alveolar: /tʃ/, /ʃ/, /dʒ/, /ʒ/; c) labial: /p/, /b/, /m/, /f/, /v/; d) velar: /k/, /g/; e) vogais: /i/, /u/, /ɛ/, /ɔ/, /e/, /o/, /a/; f) pausa.
Tonicidade da sílaba	a) sílaba pretônica: impossível, faculdade; b) sílaba tônica: normal, futebol; c) sílaba postônica: difícil, rentável; d) monossílabos átonos; e) monossílabos tônicos.
Posição da lateral na palavra	a) final da base: jornal, papel; b) final de sufixo: internacional, móvel; c) interior da base: cálculo, salto; d) entre a base e um sufixo: maldade, humildade; e) diante dos sufixos -mente e -zinho.
Frequência lexical	Contabilizada como variável contínua em logaritmo.
Sexo/Gênero	a) sexo masculino; b) sexo feminino.

Faixa etária	a) participantes de 16-20 anos; b) participantes de 21-25 anos; c) participantes de 26-48 anos; d) participantes de 49-63 anos; e) participantes de +64 anos.
Escolaridade	a) Ensino Fundamental (incluindo o ensino fundamental completo e incompleto); b) Ensino Médio/Superior (incluindo ensino médio completo e ensino superior).

Fonte: elaboração própria.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Análise estatística

A presente análise foi realizada com base nos dados obtidos de vinte entrevistas sociolinguísticas disponíveis no banco de dados BDS Pampa. A coleta das ocorrências da lateral pós-vocálica se deu a partir da oitava dessas entrevistas, cada uma com duração aproximada de uma hora por participante. Dada que a diferença entre as variáveis da lateral pode ser bastante sutil, nos casos que suscitaram dúvidas, buscou-se auxílio junto a colegas de estudo, bem como a professores mais experientes, a fim de garantir precisão na identificação da variável em tais palavras. Em seguida, as palavras-alvo deste estudo foram selecionadas e transcritas em uma planilha Excel. Neste documento, procedeu-se à codificação dos dados, levando em consideração as variáveis linguísticas e sociais previamente descritas na seção anterior. Posteriormente, a planilha foi exportada no formato .csv para a Plataforma R (R Core Team, 2023), interface RStudio (versão 2023.12.0), o programa estatístico escolhido para o tratamento quantitativo dos dados.

Na fase inicial da análise estatística, utilizamos técnicas de estatística descritiva para identificar as principais características dos dados, sua organização e distribuição. Elaboramos tabelas de frequência e proporção das variáveis, além de empregar gráficos de barra e dispersão para aprofundar nossa compreensão dos padrões e tendências iniciais.

Num segundo momento, aplicamos métodos de estatística inferencial. Realizamos testes de qui-quadrado e análises univariadas das variáveis, permitindo-nos compreender a relação entre a variável resposta e as variáveis preditoras de forma isolada. A realização destes testes orientou as modificações que foram realizadas inicialmente, visando simplificar a interpretação dos resultados ao tornar as variáveis mais robustas e representativas, assim como evitar células vazias e potenciais problemas de multicolinearidade.

A variabilidade de um fenômeno em relação a um conjunto de fatores pode ser explicada pelos chamados modelos de regressão (Oliveira, 2009). Quando a variável em questão é contínua (como, por exemplo, a duração de uma consoante), é apropriado empregar modelos de regressão linear. No entanto, em nossa situação, como a variável resposta é categórica e binária (composta pelas variantes velarizada *vs.* vocalizada), utilizamos modelos de regressão logística.

A segunda parte deste trabalho envolveu a criação de modelos multivariados utilizando a função *glmer* no programa. Os modelos multivariados, diferentemente dos univariados, possibilitam a análise simultânea do impacto de diversas variáveis preditoras

sobre uma variável resposta. Para investigar se parte da variabilidade identificada decorreu da idiossincrasia dos participantes ou da repetição de determinados itens lexicais, as variáveis “Participante” e “Vocábulo” foram incorporadas como variáveis aleatórias aos modelos.

#### 4.2 Distribuição geral e considerações iniciais sobre as variáveis

Conforme descrito na seção de metodologia deste trabalho, utilizamos, nesta pesquisa, dados de fala provenientes de 20 informantes oriundos da cidade de Jaguarão. A partir dessa amostra, foram extraídas 1.610 ocorrências do segmento lateral em posição pós-vocálica. Inicialmente, destaca-se a predominância da produção da lateral vocalizada na comunidade, totalizando 1.207 ocorrências, o que representa aproximadamente 75,1% do conjunto de dados. Em seguida, observamos que a variante velarizada manifestou-se em 373 das ocorrências, representando 23,2% dos dados. Outras três variantes também foram identificadas, embora em proporções relativamente menores: a alveolar (1,6% dos dados), o rótico (0,2%) e o apagamento (0,1%). A tabela a seguir proporciona uma visualização clara da distribuição das variantes na comunidade de fala estudada:

Tabela 3 – Distribuição inicial do /l/ pós-vocálico

<b>Variantes de /l/</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Frequência (%)</b>
vocalizada (pape[w])	1.207	75%
velarizada (Brasi[ɮ])	373	23,2%
alveolar (natural)	25	1,6%
rótico (so[r]teiro)	03	0,2%
apagamento (descu[ø]pa)	02	0,1%
<b>TOTAL</b>	<b>1.610</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração própria.

Como é possível observar, em Jaguarão, a variante vocalizada predomina. Em seguida, a variante velarizada foi a mais frequente nas oitavas, apresentando-se em um número considerável de ocorrências. Já a variante alveolar, com a terceira maior

frequência nos dados, foi identificada exclusivamente nos casos de ressilabação com a palavra subsequente. Neste processo, que ocorre na fronteira entre palavras, o /l/ migra da posição pós-vocálica para a posição de ataque da sílaba seguinte, apresentando-se, assim, como alveolar, que é a produção padrão da lateral no início de uma sílaba no PB. Exemplos desse fenômeno foram encontrados entre palavras como “qual é” (pronunciada [kwa. 'lɛ]) e “mil habitantes” (produzida [mi.la.bi. 'tã.tʃis]). Como o /l/ deixou de ocupar a posição pós-vocálica nesses casos, saindo do escopo desta pesquisa, optamos por excluí-los da análise. Portanto, não foram encontradas ocorrências da lateral alveolar, exceto no contexto de sândi.

Conforme evidenciado na tabela, as variantes de menor ocorrência nos dados foram o rotacismo e o apagamento. O fenômeno do rotacismo foi identificado na fala de dois participantes, sendo que o falante 06 apresentou duas instâncias desse fenômeno, enquanto o participante 18 demonstrou a substituição de /l/ por /r/ em uma única ocorrência em sua fala. No que diz respeito ao apagamento, esse processo foi observado exclusivamente na fala do participante 04, em duas ocasiões distintas. Devido à escassez de ocorrências desses fenômenos nos dados analisados, bem como sua manifestação na fala de um número limitado de participantes, decidimos excluí-los da análise. Defendemos que, em virtude de sua presença limitada e de sua natureza idiossincrática, tais fenômenos tendem a não representar de maneira abrangente a comunidade de fala estudada neste trabalho.

Após a exclusão das variantes alveolar, apagamento e rótico, conforme justificado anteriormente, as variantes remanescentes foram a velarizada e a vocalizada. Diante dessa seleção, optamos por uma abordagem de análise binomial, com o objetivo de contrastar a ocorrência das variantes velarizada e vocalizada. A variável resposta do estudo foi a velarização da lateral pós-vocálica. A distribuição das duas variantes na amostra está detalhada na Tabela 4.

Tabela 4 – Distribuição da variável resposta nos dados

<b>Variantes de /l/</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Frequência (%)</b>
vocalizada (pape[w])	1.207	76,4%
velarizada (Brasi[ɬ])	373	23,6%
<b>TOTAL</b>	<b>1.580</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração própria.

Os resultados iniciais da análise da distribuição geral da lateral pós-vocálica na comunidade nos surpreenderam, uma vez que nossa expectativa inicial era de que a variante velarizada fosse a predominante em Jaguarão. Esses resultados contrastam diretamente com estudos prévios que abordaram esse segmento em cidades localizadas em zona de fronteira, nas quais as variantes consideradas mais “conservadoras” (alveolar e velarizada) foram predominantes. Em Santana do Livramento, Quednau (1993) encontrou apenas 27% da lateral vocalizada; em São Borja, Dal Mago (1998) e Tasca (1999) observaram o predomínio da velarização; e, na região dos Campos Neutrais, Espiga (2001) encontrou a predominância da lateral alveolar. Esses resultados fundamentaram nossa hipótese de que a velarização também seria predominante em Jaguarão, o que não foi constatado. Na realidade, há um predomínio do uso da variante vocalizada na cidade (76,4%).

No entanto, ao compararmos o índice de velarização encontrado em Jaguarão com outras regiões do Brasil, o resultado surpreende e reforça a constatação de uma produção diferenciada do segmento lateral no português de fronteira. Leite, Callou e Moraes (2003), considerando dados da década de 1970 do NURC, encontraram resultados que indicam a vocalização quase que categórica nas capitais São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Os resultados de Pinho e Margotti (2010) corroboram essas descobertas ao constatarem que a vocalização é predominante em todas as capitais do Brasil. Logo, ao compararmos o resultado encontrado em nosso trabalho com aqueles obtidos em investigações de outras regiões do país, percebemos que 23,6% de ocorrência da variante velarizada em Jaguarão representa um percentual relevante que não pode ser ignorado.

Após a primeira análise exploratória da distribuição das variantes e com o objetivo de obter uma visão mais abrangente da distribuição dos dados, procedemos à análise da distribuição das variantes vocalizada e velarizada em relação ao conjunto de variáveis consideradas neste estudo.

No que diz respeito ao *contexto fonológico precedente*, inspirados em trabalho anteriores, optamos por agrupar os segmentos com base em suas alturas – para Quednau (1993), Dal Mago (1998), Tasca (1999) e Espiga (1997, 2001), a altura das vogais mostrou-se significativa. Assim, inicialmente classificamos as vogais em altas, médias-altas, médias-baixas e baixa. Decidimos não agrupar as vogais médias-altas com as altas,



nem as médias-baixas com as baixas, uma vez que o teste de qui-quadrado indicou haver significância entre esses quatro grupos separados (valor de  $-p < 0.05$ ). No entanto, o mesmo teste indicou haver insignificância estatística entre os grupos de vogais médias ( $\chi^2 = 0.090253$ , valor de  $-p = 0.7639$ ), de maneira que decidimos amalgamá-las numa só categoria chamada “médias”. Quanto à variável contexto fonológico precedente num todo, mesmo com a reformulação das categorias, a análise univariada apontou para a insignificância estatística destas novas categorias consideradas.

Tabela 5 – Distribuição da variável *contexto fonológico precedente* nos dados

<b>Contexto fonológico precedente</b>	<b>Realização velarizada [ɰ]</b>	<b>Realização vocalizada [w]</b>
altas /i/, /u/	106 (22,6%)	364 (77,5%)
médias /e/, /o/, /ɛ/, /ɔ/	78 (22%)	277 (78%)
baixa /a/	189 (25%)	566 (75%)
<b>TOTAL</b>	<b>373</b>	<b>1.207</b>

*Qui-quadrado* = 1.6672, *df* = 2, valor de  $-p = 0.4345$

Fonte: elaboração própria.

Observa-se, conforme a tabela apresentada, que a velarização da lateral é mais frequente quando a vogal que antecede esse segmento é uma vogal baixa (25%), sendo seguido pelas vogais altas (22,6%) e médias (22%).

Quanto ao *contexto fonológico seguinte*, os segmentos foram amalgamados em relação ao ponto de articulação de cada um deles, conforme considerado por Espiga (1997, 2001) e Tasca (1999). Assim, os contextos foram agrupados em alveolar, palato-alveolar, labial, velar, vogais e pausa. O teste de qui-quadrado indicou uma correlação significativa entre essa variável e a variável resposta.

Tabela 6 – Distribuição da variável *contexto fonológico seguinte* nos dados

<b>Contexto fonológico seguinte</b>	<b>Realização velarizada [ɰ]</b>	<b>Realização vocalizada [w]</b>
alveolar	191 (30%)	449 (70,2%)

/t/, /d/, /n/, /l/, /s/, /z/, /r/		
palato-alveolar	9 (15,8%)	48 (84,2%)
/tʃ/, /ʃ/, /dʒ/, /ʒ/		
labial	73 (21%)	274 (79%)
/p/, /b/, /m/, /f/, /v/		
velar	37 (31,6%)	80 (68,4%)
/k/, /g/		
vogais	23 (11,3%)	180 (88,7%)
/i/, /u/, /e/, /o/, /ɛ/, /ɔ/, /a/		
pausa	40 (18,5%)	176 (81,5%)
<b>TOTAL</b>	<b>373</b>	<b>1.207</b>

*Qui-quadrado = 41.242, df = 5, valor de -p < 0.001*

Fonte: elaboração própria.

Conforme evidenciado pela distribuição da lateral na tabela, a ocorrência da velarização é mais frequente nos contextos com ponto de articulação velar (31,6%), seguido pelos contextos alveolares (30%) e labiais (21%). Sua ocorrência foi menos frequente diante dos contextos de pausa (18,5%), palato-alveolar (15,8%) e vogais (11,3%).

A *tonicidade* foi inicialmente considerada sob a classificação de “pretônicas”, “tônicas”, “postônicas”, “monossílabos átonos” e “monossílabos tônicos”. A proporção de distribuição de /l/ nessa variável indicou maior ocorrência da variante velarizada em monossílabos tônicos, sílabas pretônicas e tônicas. No entanto, a diferença no número de ocorrências das variantes, considerando a tonicidade das sílabas na aplicação dos testes de qui-quadrado (valor de  $-p > 0.05$ ), mostrou não haver correlação entre a tonicidade e a velarização. Isso nos levou a reorganizá-la em duas categorias: tônicas e átonas. Mesmo diante do novo agrupamento das categorias, a distinção entre tônicas e átonas continuou mostrando-se não significativa estatisticamente.

Tabela 7 – Distribuição da variável *tonicidade* nos dados

<b>Tonicidade</b>	<b>Realização velarizada [ɮ]</b>	<b>Realização vocalizada [w]</b>
átonas	163 (24,7%)	496 (75,3%)
tônicas	210 (22,8%)	711 (77,2%)
<b>TOTAL</b>	373	1.207

*Qui-quadrado* = 0.69242, *df* = 1, valor de *-p* = 0.4053

Fonte: elaboração própria.

A velarização da lateral mostrou ser ligeiramente mais frequente quando o segmento está localizado em sílabas átonas (24,7%) em comparação com sílabas tônicas (22,8%).

No que diz respeito à *posição da lateral na palavra*, inicialmente realizamos uma separação mais detalhada para verificar se havia interação entre os processos de formação de palavra e os fenômenos de vocalização e velarização da lateral pós-vocálica. Para isso, dividimos os resultados encontrados considerando se a lateral estava em: a) final da base, b) final de sufixo, c) interior da base, d) entre a base e um sufixo, e, por fim, e) diante dos sufixos *-mente* e *-zinho*. Observamos que a variante velarizada se distribuiu de maneira semelhante entre esses grupos, indicando a ausência de influência do sufixo na produção dessa variante. Diante desse resultado inicial, amalgamamos a lateral em final da base e em final do sufixo em uma categoria chamada “final”, e a lateral no interior da base e a lateral entre a base e o sufixo na categoria “interior”. Escolhemos manter separada a categoria “diante dos sufixos *-mente* e *-zinho*” com o intuito de verificar se a lateral é sensível à fronteira de palavra fonológica. Com o novo reagrupamento das variáveis, a nova rodada de testes indicou efeito estatístico significativo da posição na realização da variável dependente ( $\chi^2 = 9.0383$ , valor de *-p* = 0.0109).

Tabela 8 – Distribuição da variável *posição da lateral na palavra* nos dados

<b>Posição</b>	<b>Realização velarizada [ɮ]</b>	<b>Realização vocalizada [w]</b>
interior	175 (27,5%)	461 (72,5%)
final	186 (20,1%)	703 (79,1%)

diante de sufixo - mente e -zinho	12 (21,8%)	43 (78,2%)
<b>TOTAL</b>	373	1.207

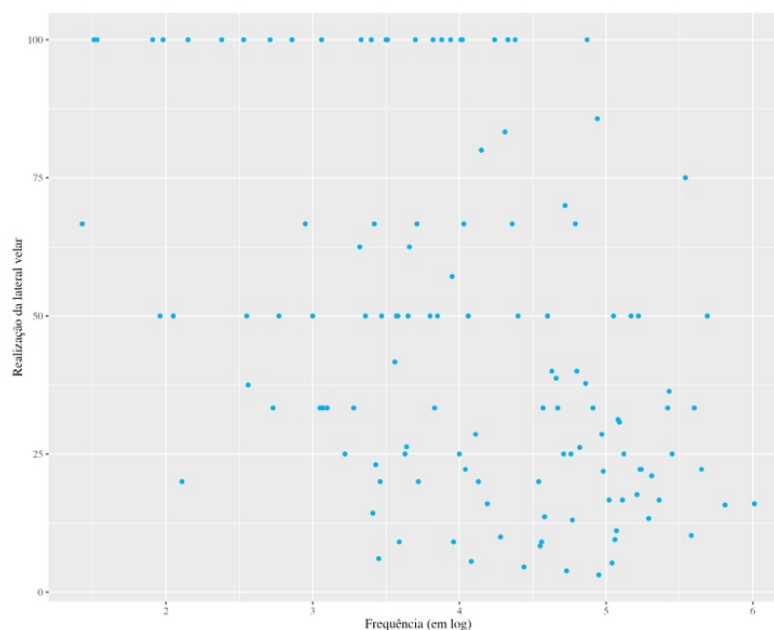
*Qui-quadrado = 9.0383, df = 2, valor de -p = 0.0109*

Fonte: elaboração própria.

Observa-se que a lateral velarizada é mais frequente quando se encontra no interior da palavra (27,5%), seguida por sua ocorrência diante dos sufixos -mente e -zinho (21,8%) e no final das palavras (20,1%).

A frequência lexical das palavras foi medida a partir de uma variável contínua representada pela frequência bruta dos itens extraída do Corpus Brasileiro e convertida em escala de logaritmo. Realizamos um modelo univariado para explorar a relação entre a frequência lexical das palavras e a variável resposta, e o resultado obtido (valor de  $-p = 0.19857$ ) indicou a falta de significância estatística dessa variável em relação à ocorrência da velarização da lateral pós-vocálica.

Gráfico 1 – Correlação entre o /l/ velarizada e a *frequência lexical* dos vocábulos



Fonte: elaboração própria.

A primeira variável social que analisamos foi o gênero dos participantes, classificado como feminino e masculino de acordo com a categorização do banco de dados utilizado. Os resultados dos testes iniciais aplicados sobre essa variável indicaram haver diferença significativa entre os sexos no que concerne à velarização da lateral (valor

de  $-p < 0.001$ ), com os homens (28,2%) aplicando a regra variável com mais frequência do que as mulheres (19%).

Tabela 9 – Distribuição da variável *gênero* nos dados

<b>Gênero</b>	<b>Realização velarizada [ʔ]</b>	<b>Realização vocalizada [w]</b>
feminino	149 (19%)	637 (81%)
masculino	224 (28,2%)	570 (71,8%)
<b>TOTAL</b>	373	1.207

*Qui-quadrado = 18.25, df = 1, valor de  $-p < 0.0001$*

Fonte: elaboração própria.

Em seguida, analisamos a faixa etária dos participantes e sua relação com o processo de velarização. Inicialmente, consideramos cinco faixas etárias: a) de 16 a 20 anos; b) de 21 a 25 anos; c) de 26 a 48 anos; d) de 49 a 63 anos; e) mais de 64 anos. Os resultados dos testes preliminares apontaram para insignificância estatística entre os dois primeiros grupos ( $\chi^2 = 0.013373$ , valor de  $-p = 0.9079$ ); fez sentido, em nossa pesquisa, amalgamar essas duas primeiras categorias em uma só, passando a considerar os participantes de 16 a 25 anos num mesmo grupo. A variável faixa etária mostrou-se expressiva (valor de  $-p < 0.05$ ), indicando haver interação direta entre a idade dos participantes e a velarização da lateral pós-vocálica. Nesse sentido, em nosso trabalho, a faixa etária distribui-se da seguinte maneira:

Tabela 10 – Distribuição da variável *faixa etária* nos dados

<b>Faixa etária</b>	<b>Realização velarizada [ʔ]</b>	<b>Realização vocalizada [w]</b>
16 a 25 anos	4 (0,6%)	693 (99,4%)
26 a 48 anos	19 (6,2%)	288 (93,8%)
49 a 63 anos	78 (29,4%)	187 (70,6%)
Mais de 64 anos	272 (82,2%)	59 (17,8%)
<b>TOTAL</b>	373	1.207

*Qui-quadrado = 885.11, df = 4, valor de  $-p = < 0.0001$*

Fonte: elaboração própria.

A utilização da lateral velarizada é mais frequente entre os indivíduos de faixas etárias mais elevadas, entre 49 a 63 anos (29,4%) e com mais de 64 anos (82,2%), sendo a variável predominante deste último grupo. Seu uso é menos favorecido pelos falantes de 16 a 25 anos (0,6%) e de 26 a 48 anos (6,2%).

Por fim, analisamos os resultados encontrados para a variável *escolaridade*. Para essa análise, agrupamos os níveis de escolaridade dos falantes em dois mais representativos: o Ensino Fundamental (contendo os falantes que possuíam Ensino Fundamental incompleto e completo) e o Ensino Médio/Superior (composto por indivíduos com Ensino Médio e Superior completos). A realização de testes indicou haver significância estatística da escolaridade em relação à velarização da lateral.

A distribuição da escolaridade em nosso trabalho se deu conforme a tabela abaixo:

Tabela 11 – Distribuição da variável *escolaridade* nos dados

<b>Escolaridade</b>	<b>Realização velarizada [ʎ]</b>	<b>Realização vocalizada [w]</b>
Ensino Fundamental	303 (34,2%)	583 (65,8%)
Ensino Médio/Superior	70 (10,1)	624 (89,9%)
<b>TOTAL</b>	373	1.207

*Qui-quadrado* = 885.11, *df* = 4, valor de *-p* = < 0.0001

Fonte: elaboração própria.

Conforme evidenciam os resultados para a variável escolaridade, os sujeitos que possuem apenas Ensino Fundamental utilizam com maior frequência (34,2%) a variante velarizada em comparação com aqueles que possuem Ensino Médio/Superior (10,1%).

### 4.3 Análise multivariada

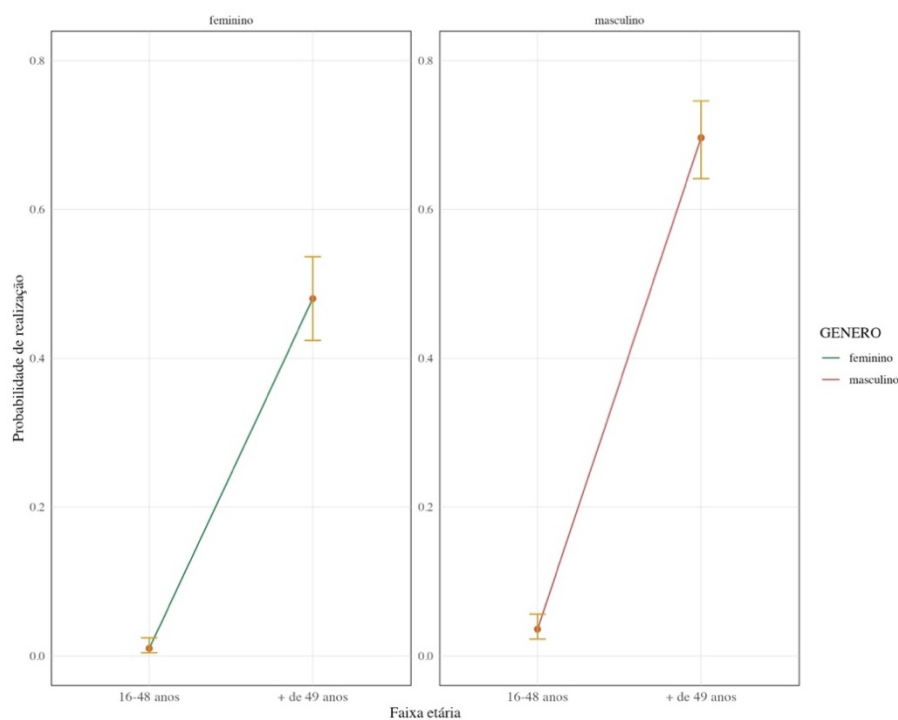
Após a realização dos procedimentos iniciais, que se concentraram na análise da distribuição dos dados e resultaram no agrupamento de categorias, avançamos para a etapa seguinte de nosso trabalho, que consistiu na análise multivariada dos dados. Enquanto os modelos univariados previamente testados se limitaram a examinar a relação de apenas uma variável com a velarização da lateral pós-vocálica na amostra, os modelos multivariados possibilitaram a incorporação de mais de uma variável preditora. Isso nos

permitiu uma análise mais abrangente das interações entre múltiplos fatores na ocorrência do fenômeno linguístico em questão.

Em nosso trabalho, primeiramente testamos um primeiro modelo de efeitos mistos incluindo todas as variáveis do trabalho individualmente. Escolhemos incluir todas as variáveis inicialmente consideradas para observarmos a relação existente entre todas elas. Em seguida, criamos outros modelos com o propósito de avaliar como o acréscimo ou exclusão de determinadas variáveis impactaria o desempenho global do modelo inicial.

Também realizamos testes de modelos que envolviam interações entre variáveis sociais. Escolhemos testar a interação entre gênero e faixa etária, uma vez que a variável gênero sozinha não se mostrou relevante no modelo final deste trabalho. Para melhor visualização no gráfico, optamos por agrupar os participantes em faixas etárias mais amplas: aqueles com 16 a 48 anos e aqueles com mais de 49 anos. Como pode ser observado no gráfico de efeitos a seguir, há uma maior probabilidade de falantes com mais de 49 anos utilizarem a lateral velarizada. No entanto, o resultado da inclusão dessa interação em modelos multivariados posteriores demonstrou que ela não é estatisticamente significativa (valor de  $-p > 0.05$ ).

Gráfico 2 – Efeito da interação entre as variáveis *faixa etária* e *gênero* na realização da lateral velarizada



Fonte: elaboração própria.

Para seleção das variáveis preditoras a compor o modelo final, seguimos a abordagem baseada em Hosmer e Lemeshow (2000), citada por Oliveira (2012). De acordo com essa abordagem, após inserir as variáveis em um modelo de regressão inicial, devem fazer parte do modelo final apenas aquelas que apresentam um valor de  $-p < 0.05$ ; as restantes devem ser excluídas do modelo. Para testar a significância do modelo, é necessário excluir individualmente cada uma das variáveis preditoras com valor de significância menor que 0.05 e comparar com um modelo que as mantém; essa análise permite avaliar como a exclusão dessas variáveis pode impactar o poder explicativo do modelo. Se o teste entre esses modelos não revelar significância, a indicação é optar pelo modelo com menos variáveis. O modelo deve ser parcimonioso, visando alcançar maior estabilidade e facilidade de generalização.

Apresentamos, a seguir, o modelo de regressão logística inicialmente testado, que incluiu todas as variáveis descritas no capítulo de metodologia desse trabalho.

Tabela 12 – Modelo de regressão inicial – Realização da lateral velarizada pós-vocálica em Jaguarão: análise multivariada de efeitos mistos

Modelo: `glmer(CONTPREC_ALT2 + CONTSEG_PA2 + TONICIDADE3 + POSICAO2 + LOG + GENERO + ESCOLARIDADE2 + FAIXATARIA2 + (1|VOCABULO) + (1|INFORMANTE))`

Variável	Estimativa dos coeficientes	Erro padrão	Valor-z	Valor-p	Apl./N (%)
<i>Intercept</i>	-12.40	1.88	-6.58	<0.001	
Cont. Fon. Precedente					
<i>Vogais baixas<sup>11</sup></i>					189/755 (25%)
Vogais médias	0.01	0.47	0.02	0.988	78/355 (22%)
Vogais altas	-0.22	0.46	-0.48	0.630	106/470 (22,6%)
Cont. Fon. Seguinte					
<i>Labial</i>					73/347 (21%)
Alveolar	1.87	0.45	4.18	<0.001	191/640 (29,8%)
Palato-alveolar	0.65	0.83	0.78	0.436	9/57 (15,8%)
Velar	2.19	0.68	3.23	0.001	37/117 (31,6%)

<sup>11</sup> As categorias em itálico são as categorias de referência de cada uma das variáveis.



Pausa	0.37	0.54	0.68	0.497	40/216 (18,5%)
Vogais	0.60	0.63	0.96	0.337	23/203 (11,3%)
Tonicidade					
<i>Átona</i>					163/659 (24,7%)
Tônica	0.09	0.40	0.24	0.813	210/921 (22,8%)
Posição da lateral na palavra					
<i>Final</i>					186/889 (20,9%)
Interior	0.52	0.42	1.22	0.223	175/636 (21,8%)
Diante dos sufixos -mente e -zinho	1.22	0.88	1.38	0.166	12/55 (27,5%)
Frequência lexical	0.23	0.20	1.16	0.245	
Gênero					
<i>Feminino</i>					149/786 (19%)
Masculino	1.43	0.91	3.61	0.117	224/794 (28,2%)
Faixa etária					
<i>16 a 25 anos</i>					4/677 (0,58%)
26 a 48 anos	1.55	1.33	1.17	0.243	19/307 (6,19%)
49 a 63 anos	6.14	1.32	4.66	<b>&lt;0.001</b>	78/265 (29,5%)
Mais de 64 anos	9.32	1.39	6.68	<b>&lt;0.001</b>	272/331 (82,2%)
Escolaridade					
<i>Ensino Médio/Superior</i>					70/694 (10,1%)
Ensino Fundamental	3.88	1.07	3.61	<b>&lt;0.001</b>	303/886 (34,2%)

**Efeitos Aleatórios**

$\sigma^2$	3.29
$\tau_{00}$ VOCABULO	1.17
$\tau_{00}$ INFORMANTE	2.67
ICC	0.54
N VOCABULO	345
N INFORMANTE	20
Observações	1.580
R2 Marginal / R2 Conditional	0.737 / 0.879
AIC	518.344

Fonte: elaboração própria.

Ao incorporar todas as variáveis nesse primeiro modelo de regressão, obtivemos uma visão geral da relação estabelecida entre as variáveis consideradas. Dessas, apenas três mostraram-se significativas, com valores de  $p = < 0.05$ : o *contexto fonológico*, a *faixa etária* e a *escolaridade*. As demais variáveis apresentaram valores acima do limiar de referência estatística.

Posteriormente, procedemos à seleção das variáveis que compõem o modelo final deste estudo. Essa seleção se deu através da avaliação dos efeitos individuais de cada variável preditora por meio da comparação manual de modelos com determinada variável vs. modelos em que ela não estava presente. O desempenho dos modelos foi avaliado através da comparação dos valores de  $R^2$  e do Critério de Informação de Akaike (AIC).

Testamos um modelo (Apêndice A) em que a variável *contexto fonológico precedente* foi retirada. Em nosso estudo, a altura das variáveis não foi determinante para a realização da lateral velarizada. Esperávamos que as vogais altas pudessem ser favorecedoras das formas conservadoras da lateral. No estudo de Quednau (1993), as vogais altas são favorecedoras da velarização. A justificativa para esse resultado reside no fato de que, no contexto de vogais altas precedentes, caso ocorra vocalização do /l/ e subsequente ditongação, a combinação resultante de duas vogais altas poderia conduzir a interpretações ambíguas; isso seria um fator que poderia reter o processo de vocalização e favorecer o uso de formas mais conservadoras. Em nossa análise, a altura da vogal precedente não foi favorecedora da velarização. O modelo que não considerou essa

variável mostrou um desempenho melhor ( $R^2$  0.879, AIC 514.6) do que um que a considerou, o que motivou a exclusão dessa variável do modelo final.

Outra variável que não demonstrou significância estatística para a velarização da lateral foi a tonicidade da sílaba. Nossa hipótese inicial sugeria que a lateral vocalizada tenderia a se manifestar em sílabas átonas devido a questões de proeminência acentual e consequente enfraquecimento consonantal. Ao contrário, a lateral velarizada tenderia a se realizar em sílabas tônicas. Contudo, essa relação não se confirmou na amostra analisada; o acento da sílaba não se mostrou significativo para a ocorrência da lateral velarizada. Com isso, testamos um outro modelo (Apêndice B) no qual excluímos, além do contexto fonológico precedente, a variável tonicidade. Esse terceiro modelo apresentou um melhor ajuste à variação observada ( $R^2$  0.879, AIC 512.7).

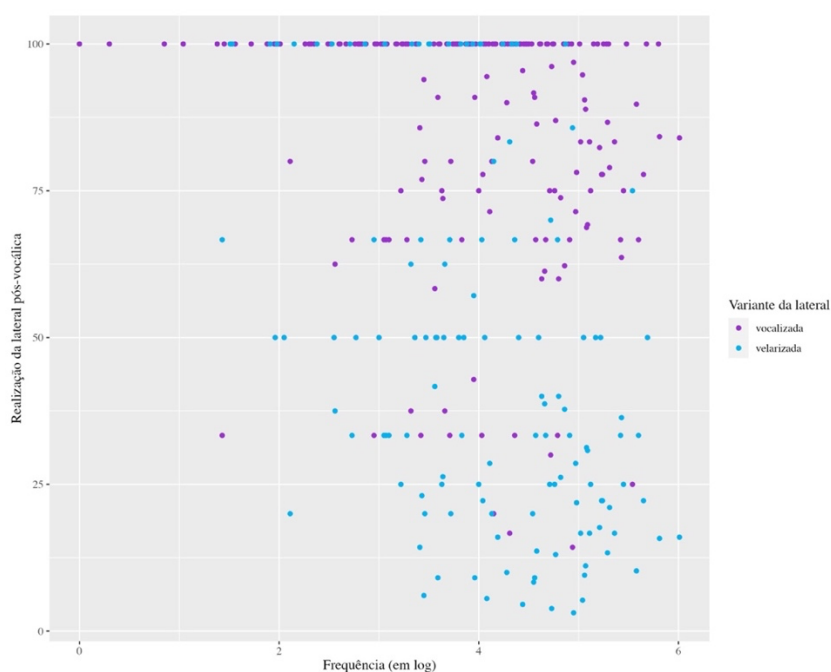
Quanto à *posição da lateral na palavra*, as ocorrências da lateral foram classificadas nas categorias final, interior e diante de sufixo -mente e -zinho. Conforme descrito na metodologia, no início desse trabalho, buscamos observar a relação entre a produção da lateral velarizada e os processos de sufixação das palavras. Analisamos se a lateral velarizada poderia ser influenciada por sua posição em final de sufixo, o que não acabou se confirmando, já que sua distribuição foi similar tanto em final de base como em final de sufixo. Também observamos esse mesmo padrão para a lateral no interior da base e entre a base e um sufixo; o resultado também não foi significativo. Em seguida, agrupamos essas categorias em *final* e *interior* respectivamente. Deixamos separada a categoria *diante de sufixo -mente e -zinho* para observar a relação da velarização com esses dois sufixos. Quednau (1993) observou que a vocalização da lateral se mostrou mais atuante diante desses sufixos, indicando que esse processo seria sensível a eles. Para Schwindt (2012), a vocalização é um fenômeno que ocorre em fronteira de palavras fonológicas. Levando-se em consideração que os sufixos -mente e -zinho, por sua proeminência acentual, podem ser considerados palavras fonológicas independentes no português, nossa expectativa é de que houvesse menor preservação da lateral nesses contextos.

Não encontramos diferença significativa entre o processo de velarização e vocalização da lateral levando em consideração sua posição na palavra. O modelo de regressão multivariado inicial indicou que as posições final, interior e diante dos sufixos -mente e zinho não influenciam a realização da variante velarizada, com todas as categorias apresentando valores de  $-p = > 0.05$ . A exclusão dessa variável do modelo

(Apêndice C) apresentou resultados positivos, com melhor ajuste do AIC se comparado com um modelo que a mantém ( $R^2$  0.877, AIC 511.4)

A variável frequência lexical também não se revelou estatisticamente significativa para a velarização (valor de  $-p > 0.05$ ). Incorporamos essa variável à nossa análise com o intuito de compreender a relação entre a velarização e a vocalização da lateral pós-vocálica com a frequência de uso das palavras com base em suas incidências em um *corpus* de referência. Nossa expectativa inicial era de que palavras mais frequentemente utilizadas poderiam estar mais suscetíveis à preservação da lateral — como estratégia de fixação desses itens na memória — do que aquelas menos utilizadas, indicando uma possível diferença nos usos das variantes velarizada e vocalizada nesse sentido.

Gráfico 3 – Realização dos vocábulos da amostra e suas frequências lexicais



Fonte: elaboração própria.

No entanto, conforme apresenta o Gráfico 3, identificou-se uma tendência semelhante entre as duas variantes em relação à sua frequência lexical. As ocorrências da lateral vocalizada na amostra estão predominantemente associadas aos níveis mais altos de frequência lexical, extraídos do Corpus Brasileiro. Já as ocorrências da variante velarizada, embora menos frequentes na amostra devido à sua utilização geral, também se concentram, em sua maioria, nas faixas mais elevadas de frequência. Contudo, é importante ressaltar que essa observação considera o uso geral das variantes da lateral na comunidade de Jaguarão; a análise das variações intraindividuais não foi realizada. A

retirada dessa variável do modelo de regressão (Apêndice D) resultou em uma melhoria do poder explicativo dele sobre a velarização ( $R^2$  0.877, AIC 510), levando-nos a decidir por sua exclusão do modelo final.

O gênero, que na análise univariada revelou-se significativo para a velarização da lateral, perdeu sua significância estatística quando incorporado a um modelo multivariado. Nossa hipótese inicial sugeria que as mulheres impulsionariam a mudança, adotando a forma da lateral considerada inovadora. Por outro lado, esperava-se que os homens optassem por variantes mais conservadoras, o que se confirmou em termos de frequência, uma vez que os homens utilizaram a variante velarizada com maior frequência do que as mulheres. No entanto, esse resultado não se mostrou significativo, impossibilitando a generalização dessa observação atestada em trabalhos anteriores para os participantes da amostra desse estudo. Ao retirarmos o gênero do modelo inicialmente considerado (Apêndice E), obtivemos um melhor índice de ajuste do modelo ao fenômeno investigado ( $R^2$  0.879, AIC 510.2).

A partir da exclusão gradual das variáveis inicialmente consideradas e a comparação entre diversos modelos para encontrar aquele que melhor se ajusta ao *corpus* utilizado, chegamos ao modelo de regressão logística final deste trabalho, apresentado e discutido a seguir.

Tabela 13 – Modelo de regressão final – Realização da lateral velarizada pós-vocálica em Jaguarão: análise multivariada de efeitos mistos

Modelo: `glmer(REALIZACAOR ~ CONTSEG_PA2 + FAIXAETARIA3 + ESCOLARIDADE2 + (1|VOCABULO) + (1|INFORMANTE))`

Variável	Estimativa dos coeficientes	Erro padrão	Valor-z	Valor-p	Apl./N (%)
<i>Intercept</i>	-10.19	1.47	-6.92	<0.001	
Cont. Fon. Seguinte					
<i>Labial</i>					73/347 (21%)
Alveolar	1.70	0.42	4.00	<0.001	191/640 (29,8%)
Palato-alveolar	0.55	0.80	0.69	0.489	9/57 (15,8%)
Velar	2.00	0.65	3.07	0.002	37/117 (31,6%)
Pausa	0.06	0.50	0.13	0.898	40/216 (18,5%)

Vogais	0.33	0.59	0.55	0.583	23/203 (11,3%)
<b>Faixa etária</b>					
<i>16 a 25 anos</i>					4/677 (0,58%)
26 a 48 anos	1.53	1.48	1.04	0.300	19/307 (6,19%)
49 a 63 anos	6.11	1.45	4.21	<0.001	78/265 (29,5%)
Mais de 64 anos	9.35	1.38	5.45	<0.001	272/331 (82,2%)
<b>Escolaridade</b>					
<i>Ensino Médio/Superior</i>					70/694 (10,1%)
Ensino Fundamental	3.69	1.18	3.12	0.002	303/886 (34,2%)

### Efeitos Aleatórios

$\sigma^2$	3.29
$\tau_{00}$ VOCABULO	1.19
$\tau_{00}$ INFORMANTE	3.48
ICC	0.59
$N_{\text{VOCABULO}}$	345
$N_{\text{INFORMANTE}}$	20
Observações	1.580
R2 Marginal / R2 Conditional	0.707 / 0.879
AIC	510.248

Fonte: elaboração própria.

A este modelo final, também aplicamos a função GVIF (Apêndice F) para avaliar a possível multicolinearidade entre as variáveis preditoras. Os valores abaixo de 2 (OUSHIRO, 2017) apontaram para a ortogonalidade entre as variáveis.

O resultado das comparações entre diferentes modelos, na procura daquele que tivesse maior poder explicativo sobre amostra, convergiu para a manutenção de apenas três das dez variáveis inicialmente consideradas no trabalho: foram conservados o *contexto fonológico*, a *faixa etária* e a *escolaridade*.

O *contexto fonológico seguinte* foi a única variável linguística que se mostrou significativa para a ocorrência da lateral velarizada em Jaguarão. Conforme observado pelos valores de *-p* expostos na tabela acima, em relação à categoria de referência *labial*, a lateral velarizada é influenciada pelos pontos de articulação *velar* e *alveolar* da

consoante seguinte, sendo desfavorecida pelos pontos *palato-alveolar*, pelas *vogais* e nos contextos de *pausa*.

Essa variável também se mostrou significativa na investigação da vocalização da lateral pós-vocálica de Quednau (1993). A autora observou que a lateral vocalizada foi desfavorecida pelos contextos seguintes labial e alveolar; esses contextos favorecem a produção velarizada da lateral.

Para a pesquisa de Espiga (1997) sobre a preservação da lateral alveolar, essa variável também se revelou relevante. O contexto que mais favoreceu a produção do /l/ alveolar foram as consoantes alveolares e labiodentais. Já a variante velarizada apresentou melhores índices probabilísticos quando seguida por consoante de ponto palatal, bilabial e velar. O autor observa que, no que diz respeito aos contextos palatal e velar, é compreensível inferir que a maioria dos falantes tem uma tendência a inicialmente produzir a forma velarizada. Isso ocorre devido à elevação da língua durante a produção de ambos os segmentos, seja na sequência velar-velar ou velar-palatal, onde a língua busca o palato. Em relação ao fator bilabial, os resultados sugerem que a articulação da lateral em uma posição menos anterior na cavidade oral talvez seja mais fácil para a articulação imediata do segmento bilabial subsequente.

O *contexto fonológico seguinte* também foi selecionado como relevante para a posterior pesquisa de Espiga (2001) sobre a lateral na região dos Campos Neutrais. Neste trabalho, o contexto alveolar favoreceu a lateral alveolar, o que é justificado pela homorganicidade buscada pelos falantes, uma vez que os dois segmentos têm ponto de articulação em comum. Já a lateral labializada, presente em maior número em Santa Vitória do Palmar, é favorecida pelas consoantes palatais.

Em nosso trabalho, como vimos, a variante velar é influenciada pelo contexto seguinte alveolar e velar. A influência desses pontos na produção da lateral velarizada encontra embasamento teórico tanto nas observações articulatórias de Sproat e Fujimura (1993) quanto na proposta de representação da regra telescópica da lateral pós-vocálica no português gaúcho de Quednau (1993) e Espiga (1997, 2001).

Para Sproat e Fujimura (1993), a articulação da lateral velarizada é dividida nos movimentos *consonantal apical* e *vocálico dorsal*. Na produção desse segmento há primeiro o abaixamento do dorso da língua e depois o movimento da ponta da língua em direção aos alvéolos; a diferença entre a variante velarizada e alveolar se dá porque a primeira possui um gesto apical menos extremo e uma retração dorsal mais significativa.

Quednau (1993) e Espiga (1997, 2001) formalizaram a regra telescópica da lateral pós-vocálica no português gaúcho por meio da Geometria dos Traços. Nos termos da Fonologia Autossegmental, a variante alveolar é uma consoante plena, constituída de traços primários e ligada somente a um ponto de consoante coronal. Já a variante velarizada é considerada uma consoante complexa, porque possui traços de ponto de consoante assim como traços de ponto de vogal. O que difere essas duas variantes é, portanto, o acréscimo do traço [dorsal] à variante velarizada.

Importante notar que a representação arbórea difere das observações feitas por Sproat e Fujimura (1993), onde a articulação primária da variante velarizada é considerada dorsal, seguida pela articulação coronal. No entanto, uma discussão mais aprofundada sobre as propriedades articulatórias da lateral velarizada não é o objetivo deste trabalho. Aqui, interessa-nos destacar que, para a produção da variante velarizada, há tanto um movimento coronal quanto dorsal.

O favorecimento da implementação de certa variável da lateral por parte da consoante seguinte com traços articulatórios em comum pode revelar, conforme apontado por Espiga (2001), a existência de um processo assimilatório do ponto de articulação da consoante que segue a lateral em questão. Neste trabalho, mostraram-se estatisticamente significativas para a implementação da variante velarizada as consoantes seguintes alveolares e velares. As consoantes alveolares, que são aquelas cuja articulação envolve o contato da língua com os alvéolos, são caracterizadas pelo traço [coronal]. Já as consoantes velares são produzidas com a parte posterior da língua, que vai em direção ao véu palatino; são, portanto, caracterizadas pelo traço [dorsal].

A afirmação de que a implementação de uma determinada variante da lateral pós-vocálica ocorre por meio de um processo de assimilação não é trivial. Por exemplo, ao considerarmos que a forma subjacente da lateral pós-vocálica é o fonema alveolar /l/, como propomos neste trabalho, seria esperado que a presença de uma consoante seguinte de ponto alveolar favorecesse a manutenção da variante alveolar. No entanto, os resultados obtidos indicam uma tendência contrária a essa expectativa, uma vez que esse contexto linguístico favorece a manifestação da variante velar. Por outro lado, se partíssemos da hipótese de que a forma subjacente é o fonema /w/, então faria mais sentido afirmar que a consoante seguinte de ponto alveolar desempenharia o papel de introduzir uma lateralidade a partir de um segmento que não a possui. Interpretamos, portanto, que o papel assimilatório que a consoante seguinte alveolar pode ter sobre a lateral é o de manutenção da lateralidade, independente do processo de velarização que



acontece simultaneamente e que atinge tanto a lateral velarizada quanto a vocalizada. A presença do segmento alveolar subsequente freia o processo de vocalização, preservando o traço alveolar que a forma subjacente da lateral apresenta.

Passemos, agora, à análise da *faixa etária*, uma das variáveis sociais que se mostrou significativa para a ocorrência da variante velarizada. Nossos resultados indicam que a terceira e quarta faixa etária são significativas para a velarização da lateral pós-vocálica (valor de  $-p < 0.001$  para ambas categorias). Em outras palavras, em nosso estudo, a velarização é favorecida pelos falantes mais velhos. À medida que a idade dos indivíduos aumenta, a chance de utilização da lateral velarizada cresce, tendo em vista o aumento de 9.35 *log-odds* do evento ocorrer na categoria de mais de 64 anos.

Esse resultado era esperado e está de acordo com pesquisas anteriores que tratam sobre a lateral pós-vocálica. Espiga (1997, 2001) constatou que, no Chuí, a preservação da variante alveolar está diretamente relacionada à faixa etária. A geração de falantes mais velhos utilizou da variante alveolar com mais frequência do que a mais jovem. Na fala dos moradores de Santa Vitória do Palmar, a labialização apresentou-se com mais frequência na fala dos mais jovens, sendo que os mais idosos foram o grupo de menor aplicação desta regra variável na comunidade mencionada. Em Tasca (1999), os resultados também indicaram haver uma tendência de preservação da lateral por parte de falantes mais velhos enquanto que os mais jovens tenderam a desfavorecer o seu uso, o que poderia indicar mudança em andamento nas comunidades interioranas analisadas. Resultados que indicam a relevância da faixa etária no processo de mudança da lateral pós-vocálica também são encontrados nos trabalhos de Dal Mago (1998), Costa (2003), Hora (2006), Nedel (2009), Battisti e Moras (2016) e Azambuja (2017).

Analisar a mudança linguística em tempo aparente fundamenta-se na distribuição dos participantes da pesquisa em faixas etárias partindo de uma amostra sincrônica. Assim, busca-se observar as ocorrências de variação linguística ao longo de diversas faixas etárias para identificar padrões e inferir possíveis direções para a mudança linguística. Ao comparar a prevalência de certas variantes em diferentes grupos etários, torna-se possível examinar se uma determinada forma está ganhando ou perdendo aceitação ao longo do tempo. De acordo com Oliveira e Silva e Paiva (1996), a investigação da correlação entre idade e variação linguística se desdobra em duas direções fundamentais: a relação de estabilidade entre variantes linguísticas, caracterizada pela variação de fenômenos linguísticos sem necessariamente provocar mudanças significativas na língua; ou, alternativamente, a existência de mudanças efetivas na

língua. Freitag (2005), fundamentando-se nos princípios propostos por Labov (2001), adiciona que a análise em tempo aparente, ao examinar a distribuição das ocorrências do fenômeno em estudo em relação às faixas etárias, permite a categorização de uma situação linguística como estável, mudança incipiente, em progresso ou completa.

A tendência dos estudos acima citados aponta para a grande influência da *faixa etária* no processo de mudança linguística. Em casos de potenciais mudanças em curso, os falantes mais jovens exibem, com maior frequência, a variante inovadora em relação aos mais velhos. A mudança é, portanto, impulsionada pelos jovens e tem por motivação um caráter inovador.

Nossos resultados corroboram com essa tendência, alinhando-se com a constatação de que a variação linguística em curso está fortemente relacionada à dinâmica geracional. Os resultados indicam uma mudança em andamento na cidade de Jaguarão, onde a utilização da variante vocalizada também é impulsionada pelos falantes mais jovens. Esses achados sugerem que, à medida que novas gerações emergem e as mais antigas desaparecem, a tendência é que o fenômeno da vocalização aumente em frequência na comunidade. Essas são as suposições que ousamos fazer com base em nosso resultado. No entanto, é importante ressaltar que ainda que um estudo em tempo aparente possa sugerir indícios de uma mudança linguística em curso, a conclusão definitiva sobre desse fenômeno só pode ser alcançada por meio de um estudo em tempo real (Brandão, 2018).

A última variável que foi selecionada como estatisticamente significativa para a velarização em nossa amostra foi a *escolaridade*. Agrupamos os sujeitos da pesquisa em duas grandes categorias: aqueles que tinham Ensino Fundamental e aqueles que tinham Ensino Médio ou Superior. A análise estatística mostrou que a produção da variante velarizada é a preferida dos participantes de nível de escolaridade mais baixo, com chance de 4.27 *log-odds* da velarização ocorrer nessa categoria.

Na pesquisa de Tasca (1999), a autora também observou a influência da escolaridade para a preservação da lateral alveolar. Seus resultados apontaram que os falantes de nível de escolaridade mais baixo (ensino primário) foram os que mais utilizaram a forma alveolar. Aqueles com nível de escolaridade mais alto (ginásio e segundo grau) apresentaram maiores índices de utilização da variante vocalizada. À medida que o nível de instrução era mais elevado, a tendência a reter a lateral alveolar diminuiu. A forma vocalizada sendo preferência dos indivíduos mais escolarizados também foi encontrada nos trabalhos de Dal Mago (1998), Hora (2006), Nedel (2009) e Azambuja (2017).

Resultado um pouco diferente foi encontrado por Espiga (2001), que constatou que os chuienses mais escolarizados utilizaram mais a variante alveolar enquanto que os vitorienses de maior escolaridade favoreceram a utilização da variante labializada. A esse achado controverso, o autor justificou que a atitude conservadora dos participantes mais escolarizados do Chuí pode ser explicada pelo prestígio atribuído às formas compartilhadas entre o Português e o Espanhol na fronteira. Nesse contexto fronteiriço, a preservação das formas conservadoras ganha maior valor em comparação a outras regiões do estado.

Os resultados de nossa pesquisa sugerem uma associação entre o nível de escolaridade dos participantes e sua preferência pelo uso da variante velar. Observamos que níveis mais elevados de escolaridade desempenham um papel significativo na disseminação de formas linguísticas inovadoras (representadas pela variante vocalizada), enquanto níveis mais baixos tendem a influenciar o uso da variante conservadora (representada pela variante velarizada).

Mensurar o impacto da escolaridade sobre a velarização da lateral pós-vocálica é uma tarefa desafiadora, principalmente devido à falta de informação acerca de um possível estigma social associado à variante velarizada na comunidade linguística investigada. A ausência de dados sobre a percepção social dos participantes em relação a essa variante dificulta a compreensão dos fatores subjacentes que poderiam influenciar sua adoção. No entanto, o que pudemos observar é que os indivíduos com maior grau de instrução mostraram-se mais propensos a adotar e difundir a variante linguística inovadora. Acreditamos que isso se deve, em parte, ao fato de que esses sujeitos frequentemente têm maior acesso à informação e são expostos a ambientes nos quais variantes inovadoras são introduzidas e adotadas, assim como tendem a ter maior contato com pessoas de outras localidades que utilizem dessas variantes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, nosso objetivo principal foi analisar o comportamento variável da lateral pós-vocálica na cidade de Jaguarão/RS. Como este é um trabalho de cunho variacionista (Labov, 2008), foi de nosso interesse investigar quais variáveis linguísticas e sociais relacionam-se com a utilização da variante velarizada desse segmento. Inicialmente, formulamos nossas hipóteses de pesquisa, fundamentadas em estudos prévios sobre o tema, como aqueles conduzidos por Quednau (1993), Espiga (1997, 2001), Dal Mago (1998), Tasca (1999), entre outros. A análise desses trabalhos não apenas enriqueceu nosso embasamento teórico, como também desempenhou um papel importante na orientação da escolha das variáveis pertinentes para a nossa investigação.

Para empreender nossa análise, utilizamos 20 entrevistas sociolinguísticas retiradas do BDS Pampa. Após realização do processo de oitiva da amostra selecionada, procedemos à codificação dos dados, em que cada ocorrência da lateral pós-vocálica foi identificada e categorizada com base nas variáveis previamente estabelecidas. Foram consideradas as variáveis linguísticas *contexto fonológico precedente*, *contexto fonológico seguinte*, *tonicidade da sílaba*, *posição da lateral na palavra* e *frequência lexical* e as variáveis sociais *gênero/sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*.

Todas as realizações típicas da lateral foram constatadas nos dados analisados: identificamos as variantes alveolar [l], velarizada [ɫ], vocalizada [w], assim como o apagamento [Ø] e o rótico. No entanto, devido à baixa frequência de ocorrência de certas variantes e à idiosincrasia observadas em seu emprego por alguns falantes, decidimos realizar uma análise binária, focando especificamente na comparação entre a ocorrência da lateral velarizada e da lateral vocalizada. A amostra somou, ao final da escuta e codificação, 1.580 ocorrências da lateral, dos quais 1.207 ocorrências eram da variante vocalizada e 373 eram da variante velarizada.

Para conduzir a análise estatística dos dados, utilizamos a plataforma R e empregamos um modelo de regressão logística. A escolha da regressão logística nos permitiu estimar o efeito das variáveis preditoras na ocorrência da lateral velarizada, identificando padrões e correlações significativas. Para discutir os resultados encontrados na análise estatística, retomamos aqui as hipóteses iniciais do trabalho, que nortearam nossa investigação e foram delineadas no capítulo introdutório. A partir delas, discorreremos sobre os resultados encontrados, destacando as constatações a que chegamos ao longo do estudo.

Na primeira hipótese de nosso trabalho, postulamos que as formas mais conservadoras da lateral pós-vocálica seriam encontradas com maior frequência em Jaguarão, considerando seu histórico de colonização e localização geográfica. Os resultados obtidos contradisseram nossa expectativa inicial. Observamos a predominância da lateral vocalizada (76,4%), considerada uma variante inovadora e o último estágio da regra telescópica de variação da lateral no PB (Quednau, 1993; Espiga, 1997, 2001). Ainda assim, é importante mencionar que a variante velarizada, embora em menor número (23,6%), também apareceu em nossos dados. Acreditamos que sua ocorrência, mesmo sendo menos frequente, é consistente e demonstra o comportamento linguístico diferenciado encontrado nas regiões fronteiriças do país.

Nossa segunda hipótese está relacionada à terceira e à quarta hipóteses. Nossa premissa central é que fatores linguísticos e sociais desempenham um papel determinante na variação da lateral em Jaguarão. Neste sentido, selecionamos variáveis preditoras que acreditávamos serem fundamentais para explicar o comportamento diferenciado desse segmento na região. Das variáveis linguísticas delimitadas na terceira hipótese, apenas o *contexto fonológico seguinte* se mostrou significativamente relevante no último modelo de análise multivariada que resultou de nosso estudo. Nossos resultados indicam que a variante velarizada é influenciada pelas consoantes seguintes de ponto de articulação alveolar e velar. O resultado obtido sugere que é possível que a variação da lateral pode estar relacionada, em alguma medida, a um processo de natureza assimilatória.

Na quarta hipótese, delineamos as variáveis sociais do trabalho, e os resultados indicaram que a realização da lateral pós-vocálica em Jaguarão é majoritariamente influenciada por fatores sociais. A *faixa etária* foi uma das variáveis significantes. Como esperado, nossos resultados revelaram que a variante velarizada tem maior chance de ser utilizada por falantes mais velhos, pertencentes a faixas etárias mais elevadas, o que evidencia um padrão geracional na implementação desse segmento. A variante conservadora é utilizada pelos mais velhos enquanto que falantes mais jovens fazem uso quase que categórico da variante inovadora, a lateral vocalizada. Esse resultado aponta para uma mudança em progresso na região, com os falantes mais jovens impulsionando as formas inovadoras.

Além da faixa etária, o nível de *escolaridade* dos participantes também se revelou como um fator relevante para a variação da lateral pós-vocálica. Indivíduos com níveis mais baixos de escolaridade mostraram-se mais suscetíveis à realização da variante velarizada, enquanto, inversamente, sujeitos com maior nível de escolaridade utilizaram

a variante vocalizada com mais frequência. Essa associação significativa sugere que o acesso a ambientes escolares de diferentes níveis expõe os indivíduos a diferentes formas linguísticas, o que influenciou na utilização da lateral pós-vocálica neste estudo.

Reconhecemos também as limitações inerentes a este estudo. A falta de informações sociais mais detalhadas sobre os sujeitos foi uma restrição que impossibilitou o controle de variáveis sociais adicionais. A falta de informação mais detalhada sobre o grau de familiaridade dos falantes com o espanhol, especialmente considerando a proximidade geográfica com o Uruguai, e também os diferentes graus de exposição deles a outras variedades do PB, repercutiu na dificuldade de se compreender plenamente a dinâmica do contato linguístico na região.

No entanto, apesar das limitações, consideramos que este estudo alcançou seu objetivo principal ao proporcionar uma análise da influência das variáveis sociais e linguísticas na variação da lateral pós-vocálica. Ao direcionarmos nossa atenção para um dos aspectos fonológicos do português falado na região, buscamos contribuir para os estudos descritivos do português gaúcho da fronteira. Neste contexto, o município de Jaguarão, situado no extremo sul do Rio Grande do Sul, foi escolhido como um microcosmo representativo da variedade linguística comumente encontrada em cidades de localização fronteiriça. Nosso intuito em documentar as particularidades do português falado nessa região não apenas contribui para a compreensão da variação linguística local, mas também para a construção de um panorama mais completo das variedades do PB.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALERS – *Atlas Linguístico-Eatnográfico da Região Sul do Brasil – v.1: introdução; v.2 Cartas Fonéticas; v.3: Cartas Morfossintáticas*. Org. ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S.; KOCH, W. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955 [1920].
- ANJOS, S. E. dos. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.
- AZAMBUJA, C. V. De. *Estudo da vocalização da lateral em posição de coda na região de Antônio Prado*. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Comunicação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4024>> Acesso em: 22 mar. 2023.
- BEHARES, L. E. Educação fronteiriça Brasil/Uruguay, línguas e sujeitos. *Pro-Posições*, Campinas, 2010.
- BELL, A.; SHARMA, D.; BRITAIN, D. Labov in sociolinguistics: an introduction. *Journal of Sociolinguistics*, v. 20, p. 399-408, 2016.
- BLEVINS, J. The Syllable in Phonological Theory. In: GOLDSMITH, J. *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford/Cambridge: Blackwell, p. 206-244, 1995.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. Nova York: Henry Holt, 1933.
- BORGES, P. R. S.; BRISOLARA, L. B. Banco de dados sociolinguísticos da fronteira e da campanha sul-rio-grandense – BDS Pampa – um percurso histórico. *Revista do GEL*, v. 17, n. 2, p. 82-101, 2020.
- BOSCH, A. R. K. Syllable-internal Structure. In: OOSTENDORP, M. V.; EWEN, C. J.; HUME, E.; RICE, K. *The Blackwell Companion to Phonology*. Malden, MA & Oxford: Wiley-Blackwell Blackwell Publishing, p. 781–798, 2011.
- BRAGANÇA, M. L. L. *Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança: reflexões a partir da expressão do futuro do presente*. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- BRIGHT, W. Introduction: The Dimensions of Sociolinguistics. In: BRIGHT, W. (ed). *Sociolinguistics: Proceedings of the UCLA Sociolinguistic Conference, 1964*. Haia: Mouton & Co, 1966.
- CÂMARA JR, J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CAMPOY-HERNANDEZ, J. M. Research methods in Sociolinguistics. *AILA Review* 27, p. 5-29, 2014.

- CARVALHO, A. M. Rumor a uma definição do português uruguaio. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, Madrid, 2003.
- CEDERGREN, H. J.; SANKOFF, D. *Variable rules: Performance as a statistical reflection of competence*. *Language*, 50. p. 333-355. 1974
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2008.
- CHESIRE, J. Sex and gender in variationist research. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). *Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, p. 423-443, 2002.
- CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2002 [1957].
- COLLISCHONN, G. Vocalização de L. In: BISOL, L.; BATTISTI, E. *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- COSTA, C. F. *Fonologia lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- COUTINHO, I. de L. *Pontos de Gramática Histórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- CUNHA, J. B. da. *Jaguarão e os militares: dois séculos na fronteira*. Porto Alegre: Evangraf, 2012.
- CURRIE, H. C. *A projection of sociolinguistics: The relationship of speech to social status*. *Southern Speech Journal* 18:28-37. Reprinted in J. V. Williamson & V. M. Burke (eds.) (197i). *A various language*. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1952.
- DAL MAGO, D. *O comportamento do /l/ pós-vocálico no Sul do país*. Working Papers em Lingüística, Florianópolis, v. 2, p. 31-44, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1913/1672>> Acesso em 02 mar. 2023.
- DEMASI, M. do S. O –l pós-vocálico na fala culta do Rio de Janeiro. In: PEREIRA, C. da C.; PEREIRA, P. R.D. *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DA CIDADE DE JAGUARÃO. *O avanço da fronteira meridional*. Pesquisa de Simone R. Neutzling, Carlos Alberto Avila Santos, Claudia Daiane Garcia Molet, Ester Judite Bendjouya Gutierrez. IPHAN, 2009.
- DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. Barcarena: Editorial Presença, 2007 [1895].
- ECKERT, P. Age as a sociolinguistic variable. In: COULMAS, F. *The Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.
- ECKERT, P. The whole woman: sex and gender differences in variation. *Language Variation and Change*, p. 245-267, 1, 1989.



- ELIZAINCÍN, A. *El bilingüismo de la frontera uruguayo-brasileña*. Letras de Hoje, Porto Alegre, n. 20, p. 65-75, 1975.
- ELIZAINCÍN, A. Oito considerações sobre o contato linguístico. In: ESPIGA, J; ELIZAINCÍN, A. (Org.). *Español y portugués: um (velho) novo mundo de fronteiras e contatos*. Pelotas: Educat, 2008. p. 405-424.
- ELIZAINCÍN, A.; BEHARES, L. E. *Variabilidad morfosintáctica de los dialectos portugueses del Uruguay*. Boletín de Filología de la Universidad de Chile, n. 31, p. 401-417, 1981.
- ESPIGA, J. *Influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português da fronteira*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 1997.
- ESPIGA, J. O contato português-espanhol: contato e variação linguística. In: ESPIGA, J; ELIZAINCÍN, A. (Org.). *Español y portugués: um (velho) novo mundo de fronteiras e contatos*. Pelotas: Educat, 2008. p. 405-424.
- ESPIGA, J. *O Português dos Campos Neutrais: um estudo sociolinguístico da lateral pós-vocálica nos dialetos fronteiriços de Chuí e Santa Vitória do Palmar*. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- FAUSTO, B. *História concisa do Brasil*. 2a ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- FIDELHOLTZ, J. L. Word frequency and vowel reduction in English. *Chicago Linguistic Society*, v. 11, p. 200-123, 1975.
- FRANCO, S. da C. *Origens de Jaguarão (1790 – 1833)*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980.
- FREITAG, R. M. K. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Orgs). *Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*, São Paulo: Blucher, p. 17-74, 2015.
- FREITAG, R. M. K. Idade: uma variável sociolinguística complexa. *Línguas & Letras*, v.6, 2005, p. 105-121.
- FREITAG, R. M. K. A mudança linguística, a gramática e a escola. *PerCursos*, Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 63–91, 2017.
- FREITAG, R. M. K. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras*, v. 18, n. 2, p.66-84, 2016.
- HAHN, L. H.; QUEDNAU, L. R. A lateral pós-vocálica no português de Londrina: análise variacionista e estrutura silábica. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 100-113, 2007. Disponível em: <  
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/169709/000665763.pdf?sequence=1>  
 > Acesso em 14 mar. 2023.

- HORA, D. da. Variação da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12592/9891>> Acesso em 03 mar. 2023.
- LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, MALKIEL, Y. *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdã: John Benjamins, p. 17-92, 1982.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.
- LABOV, W. *The Social History of a Sound Change on the Island of Martha's Vineyard, Massachusetts*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Columbia, Nova York, 1962.
- LADEFOGED, P. *A Course in Phonetics*. Harcourt Brace Jovanovich, 1975.
- LADEFOGED, P. COCHRAN, A. DISNER, S. Laterals and trills. *Journal of the International Phonetic Association*, p. 46–54, 1977. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-the-international-phonetic-association/article/abs/laterals-and-trills/EE82899400E81CEB3F8242CA41A8E940>> Acesso em 14. mar. 2023.
- LADEFOGED, P. MADDIESON, I. *The Sounds of the World's Languages*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.
- LEITE DE VASCONCELLOS, J. *Lições de philologia portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora, 1911.
- LEITE, Y.; CALLOU, D.; MORAES, J. Processos em curso no Português do Brasil: a ditongação. In: HORA, D. da.; COLLISCHONN, G. (orgs.). *Teoria Lingüística: Fonologia e outros temas*. Editora Universitária: UFPB, 2003.
- KIM, R. Uriel Weinreich and the birth of modern contact linguistics. In: CHRUSZCZEWSKI, P. P; WASIK, Z. (eds.), *Languages in Contact 2010*, p. 99-111, 2011.
- KOERNER, K. Toward a history of modern sociolinguistics. *American Speech*, v. 66, n. 1, p. 57-70, 1991.
- GAIES, S. J.; BEEBE, J. D. The matched-guise technique for measuring attitudes and their implications for language education: A critical assessment. In: Sadtano, E. *Language acquisition and the second/foreign language classroom*. Singapore: SEAMEO Regional Language Centre, 1991.
- GIMSON, A. C. *An Introduction to the Pronunciation of English*. London: Edward Arnold (Publishers), 1970.

- GOLDSMITH, J. A; LAKS, B. *Generative Phonology: its origins, its principles, and its successors*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- GORDON, M. J. *Labov: a guide for the perplexed*. London: Bloomsbury, 2013.
- GULARTE, G da S. *Fronteira do Jaguarão: unidades produtivas e trabalho escravo na formação de um espaço fronteiriço, 1801-1835*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- GUMPERZ, J.; COOK-GUMPERZ, J. *Studying language, culture, and society: Sociolinguistics or linguistic anthropology?* *Journals of Sociolinguistics*, p. 532-545, 2008.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HAUGEN, E. The Analysis of Linguistic Borrowing. *Language*, vol. 26., p. 210-231, 1950.
- HENSEY, F. O sociolingüismo da fronteira sul. *Letras de Hoje*, p. 107-115, 1969.
- HERZOG, M. I. *The Yiddish language in northern Poland: its geography and history*. Tese (Doutorado em Língua e Literatura) – Universidade de Columbia, Nova York, 1964.
- HICKEY, R. *The Handbook of Language Contact*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.
- HOCKETT, C. F. *A Manual of Phonology*. Baltimore: Waverly Press, Inc, 1955.
- HORA, D. da. Variação da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12592/9891>> Acesso em 03 mar. 2023.
- HUBACK, A. P. A interferência da frequência em fenômenos linguísticos. *Revista Delta*, v. 29, n. 1, p. 79–94, 2013.
- HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- HUEBNER, T. Introduction. In: HUEBNER, T. (ed.) *Sociolinguistic perspectives: papers on language in society by Charles A. Ferguson, 1959–1994*. New York: Oxford University Press, p. 3-15, 1996.
- JAKOBSON, R. *Observations sur le classement phonologique des consonnes*. Proceedings of the 3rd International Congress of Phonetic Sciences, p. 34-41, 1939.
- JOSEPH, J. E. *Saussure*. Oxford: Oxford University Press, 2012 [1926].
- KAHN, D. *Syllable-based generalizations in English phonology*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Tecnologia de Massachussets. Cambridge, Massachussets, 1976.
- KURYLOWICZ, J. *Contribution à la théorie de la syllabe*. München: Wilhelm Fink, 1948.

- MARROQUIM, N. *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*. Alagoas: Universidade Federal de Alagoas, 2008 [1934].
- MARTINS, R. D. *A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguai: a construção da cidade de Jaguarão*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Politécnica da Catalunha, Barcelona, 2002.
- MEEUWIS, M.; ÖSTMAN, J. O. Contact Linguistics. In: FRIED, M.; OSTMAN, J. O.; VERSCHUEREN, J. *Variation and Change: Pragmatic Perspectives*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2010.
- MEILLET, A. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948[1918].
- MILROY, L.; GORDON, M. *Sociolinguistics: Method and Interpretation*. London: Blackwell, 2003.
- MORAS, V. T. *A vocalização do L em coda silábica: análise em tempo real em duas comunidades do Rio Grande do Sul*. TCC (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro, Simões, 1953 [1922].
- NEDEL, E. L. *A lateral pós-vocálica em Lages/SC: análise variacionista*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 5. ed. Lisboa: Clássica Editora, 1945 [1919].
- OLIVEIRA E SILVA; G. M. de.; PAIVA, M. da C. A. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA e SILVA; SCHERRE (orgs) *Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 336-378, 1996.
- OLIVEIRA, A. J. de. “Comendo o final das palavras”: análise variacionista da haplologia, elisão e apócope em Itaúna/MG. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- OLIVEIRA, A. J. de. Análise quantitativa no estudo da variação lingüística: noções de estatística e análise comparativa entre Varbrul e SPSS. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 17, p. 93-119, 2009.
- OUSHIRO, L. *Introdução à Estatística para Linguistas*, v.1.0.1, 2017. Disponível em DOI <https://doi.org/10.5281/zenodo.822069>. Licença Creative Commons 4.0 Atribuição – Não comercial. Acesso em 14 jun. 2023.
- PHILLIPS, B. *Word frequency and the actuation of sound change*. *Language*, n. 2, p. 320-42, 1984.

PIKE; K. L.; PIKE, E. V. Immediate Constituents of Mazateco Syllables. *International Journal of American Linguistics*, vol. 13, no. 2, pp. 78-91, 1947.

PINHO, A. J.; MARGOTTI, F. W. A variação da lateral pós-vocálica /l/ no português do Brasil. *Work. pap. linguíst.*, n.2. p. 67-88, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2010v11n2p67/17634>> Acesso 02 mar. 2023.

QUEDNAU, L. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

QUILIS, A. Comparación de los sistemas fonológicos del español y del português. *Revista Española de Lingüística*, v. 9, p. 1-22, 1979.

REICHEL, H. J. Fronteiras no Espaço Platino. In: BOEIRA, N.; GOLIN, T. *Colônia*. Passo Fundo: Méritos Editora, 2006.

ROGERS, H. *The Sound of Language: An Introduction to Phonetics*. New York: Oxon, 2000.

RONA, J. P. *El dialecto "fronterizo" del norte del Uruguay*. Montevidéo: Librería Adolfo Lunardi, 1965.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. IN: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1998.

SCHWINDT, L. C.; QUADROS, E. S. de.; TOLEDO, E. E.; GONZALES, C. A. S. A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores. *ReVEL*, n. 5, n. 9, 2007.

SCHWINDT, L. C. Condicionamento morfológico em fenômenos fonológicos variáveis do português brasileiro. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 28, n. 1, 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25852>. Acesso em 23 jan. 2024.

SELKIRK, E. The Syllable. In: HULST, H.; SMITH, V. D. *The structure of phonological representations (part. II)*. Dordrecht-Holland: Foris Publications, p. 337-383, 1982.

SERRES, J. C. P.; JASPER, J. R. O patrimônio local como um fator de desenvolvimento: potencialidades turísticas de Jaguarão-RS. *Redes* (St. Cruz Sul, Online), v. 20, nº 3, p. 332 - 348, set./dez. 2015.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA, A. H. P. *Para a descrição fonético-acústica das Líquidas no Português Brasileiro: dados de um Informante Paulistano*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

SILVA, D. M. da. *Whitney, Saussure, Meillet e Labov: implicações metodológicas e conceituais da noção de língua como um fato social para os estudos linguísticos*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

SPROAT, R.; FUJIMURA, O. Allophonic variation in English /l/ and its implications for phonetic implementation. *Journal of Phonetics*, p. 291-311, 1993. Disponível em: <<http://www.ai.mit.edu/projects/dm/featgeom/sproat-fujimura93-L.pdf>> Acesso em 9 mar. 2023.

STURZA, E. R. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. *Ciência e Cultura*, vol. 57, no.2, abril/junho, 2005.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

TASCA, M. *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2. ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins, 2014.

THOMASON, S. G. Social and linguistic factors as predictors of contact-induced change. *Journal of language contact*, p. 42-56, 2008.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. *Language contact, creolization, and genetic linguistic*. Berkeley: University of California Press, 1988.

TRUBETZKOY, N. S. *Principles of Phonology*. Tradução de Christiane A. M. Baltaxe. Los Angeles: University of California Press, 1969.

TRUDGILL, P. Sex, covert prestige, and linguistic change in the urban British English of Norwich. *Language in Society*, 1, p. 179-196, 1972.

TRUDGILL, P. *A Glossary of Sociolinguistics*. Edimburgo: University Press, 2003.

VILLAS BÔAS, A. dos S. Patrimônio, turismo e fronteira: o projeto Jaguar em Jaguarão/RS. *Historiæ*, 12(1), 193–213, 2021.

WARDHAUGH, R. *An introduction to Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

WEI, L. *Dimension of bilingualism*. In: WEI, L. *The bilingualism reader*. London/New York: Routledge, 2000.

WEINREICH, U. *Languages in Contact: Findings and Problems*. Haia: Mouton & Co., 1953.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WINFORD, D. *Introduction to Contact Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

## 7 APÊNDICE

### Apêndice A – modelo de regressão logística multivariado sem a variável *contexto fonológico precedente*

```

Generalized linear mixed model fit by maximum likelihood (Laplace Approximation) ['glmerMod']
Family: binomial ( logit )
Formula: REALIZACAOL ~ CONTSEG_PA2 + TONICIDADE3 + POSICA02 + LOG + GENERO +
  ESCOLARIDADE2 + FAIXAETARIA2 + (1 | VOCABULO) + (1 | INFORMANTE)
Data: dados
Control: glmerControl(optimizer = "bobyqa")

      AIC      BIC  logLik deviance df.resid
 514.6   605.8  -240.3   480.6   1563

Scaled residuals:
   Min       1Q   Median       3Q      Max
-4.2762 -0.0939 -0.0396 -0.0040  9.8436

Random effects:
 Groups      Name      Variance Std.Dev.
 VOCABULO    (Intercept) 1.171    1.082
 INFORMANTE  (Intercept) 2.699    1.643
Number of obs: 1580, groups: VOCABULO, 345; INFORMANTE, 20

Fixed effects:
              Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
(Intercept)   -12.3281    1.8364  -6.713 1.90e-11 ***
CONTSEG_PA2alveolar    1.8401    0.4432   4.152 3.30e-05 ***
CONTSEG_PA2palatoalveolar  0.5916    0.8228   0.719 0.472145
CONTSEG_PA2velar     2.2090    0.6727   3.284 0.001025 **
CONTSEG_PA2vogal     0.5814    0.6262   0.928 0.353165
CONTSEG_PA2pausa     0.3519    0.5409   0.651 0.515269
TONICIDADE3tonica    0.1345    0.3873   0.347 0.728301
POSICA02diantepfonologica 1.2735    0.8541   1.491 0.135950
POSICA02interior     0.4755    0.4143   1.148 0.251019
LOG                 0.2006    0.1862   1.077 0.281520
GENEROmasculino     1.4434    0.9171   1.574 0.115517
ESCOLARIDADE2ensinobasico 3.8937    1.0786   3.610 0.000306 ***
FAIXAETARIA226-48    1.5308    1.3342   1.147 0.251250
FAIXAETARIA249-63    6.1079    1.3189   4.631 3.64e-06 ***
FAIXAETARIA2mais64   9.3118    1.3965   6.668 2.59e-11 ***
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

```

### Apêndice B - modelo de regressão logística multivariado sem a variável *tonicidade*

```

Generalized linear mixed model fit by maximum likelihood (Laplace Approximation) ['glmerMod']
Family: binomial ( logit )
Formula: REALIZACAOL ~ CONTSEG_PA2 + POSICA02 + LOG + GENERO + ESCOLARIDADE2 +
  FAIXAETARIA2 + (1 | VOCABULO) + (1 | INFORMANTE)
Data: dados
Control: glmerControl(optimizer = "bobyqa")

      AIC      BIC  logLik deviance df.resid
 512.7   598.6  -240.4   480.7   1564

Scaled residuals:
   Min       1Q   Median       3Q      Max
-4.3796 -0.0943 -0.0397 -0.0040 10.1124

Random effects:
 Groups      Name      Variance Std.Dev.
 VOCABULO    (Intercept) 1.176    1.085
 INFORMANTE  (Intercept) 2.690    1.640
Number of obs: 1580, groups: VOCABULO, 345; INFORMANTE, 20

Fixed effects:
              Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
(Intercept)   -12.2236    1.8064  -6.767 1.31e-11 ***
CONTSEG_PA2alveolar    1.8257    0.4412   4.138 3.50e-05 ***
CONTSEG_PA2palatoalveolar  0.5943    0.8223   0.723 0.46987
CONTSEG_PA2velar     2.1963    0.6712   3.272 0.00107 **
CONTSEG_PA2vogal     0.5806    0.6258   0.928 0.35355
CONTSEG_PA2pausa     0.3539    0.5408   0.654 0.51289
POSICA02diantepfonologica 1.1668    0.7956   1.467 0.14248
POSICA02interior     0.4289    0.3921   1.094 0.27401
LOG                 0.2033    0.1862   1.092 0.27478
GENEROmasculino     1.4430    0.9161   1.575 0.11521
ESCOLARIDADE2ensinobasico 3.9054    1.0777   3.624 0.00029 ***
FAIXAETARIA226-48    1.5153    1.3319   1.138 0.25523
FAIXAETARIA249-63    6.1026    1.3174   4.632 3.62e-06 ***
FAIXAETARIA2mais64   9.2984    1.3941   6.670 2.56e-11 ***
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

```

## Apêndice C - modelo de regressão logística multivariado sem a variável *posição da lateral na palavra*

```

Family: binomial ( logit )
Formula: REALIZACAOL ~ CONTSEG_PAZ + LOG + GENERO + ESCOLARIDADEZ + FAIXAETARIAZ + (1 | VOCABULO) + (1 | INFORMANTE)
Data: dados
Control: glmerControl(optimizer = "bobyqa")

      AIC      BIC   logLik deviance df.resid
  511.4   586.5  -241.7   483.4   1566

Scaled residuals:
   Min     1Q   Median     3Q      Max
-4.4469 -0.0953 -0.0403 -0.0042  10.0527

Random effects:
 Groups      Name      Variance Std.Dev.
VOCABULO    (Intercept) 1.229    1.108
INFORMANTE  (Intercept) 2.729    1.652
Number of obs: 1580, groups: VOCABULO, 345; INFORMANTE, 20

Fixed effects:
              Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
(Intercept)   -11.49709    1.72221  -6.676 2.46e-11 ***
CONTSEG_PAZalveolar    1.70387    0.42795   3.981 6.85e-05 ***
CONTSEG_PAZpalatoalveolar  0.49567    0.80640   0.615 0.538774
CONTSEG_PAZvelar      2.01205    0.65367   3.078 0.002083 **
CONTSEG_PAZvogal      0.29820    0.59711   0.499 0.617495
CONTSEG_PAZpausa      0.04098    0.50391   0.081 0.935181
LOG              0.14249    0.18056   0.789 0.430039
GENEROmasculino     1.44559    0.92081   1.570 0.116437
ESCOLARIDADEZensinobasico 3.81334    1.07381   3.551 0.000383 ***
FAIXAETARIAZ26-48    1.53326    1.33712   1.147 0.251513
FAIXAETARIAZ49-63    6.06380    1.32111   4.590 4.43e-06 ***
FAIXAETARIAZmais64    9.28291    1.40242   6.619 3.61e-11 ***
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

```

## Apêndice D - modelo de regressão logística multivariado sem a variável *frequência lexical*

```

Generalized linear mixed model fit by maximum likelihood (Laplace Approximation) ['glmerMod']
Family: binomial ( logit )
Formula: REALIZACAOL ~ CONTSEG_PAZ + GENERO + ESCOLARIDADEZ + FAIXAETARIAZ + (1 | VOCABULO) + (1 | INFORMANTE)
Data: dados
Control: glmerControl(optimizer = "bobyqa")

      AIC      BIC   logLik deviance df.resid
  510.0   579.8  -242.0   484.0   1567

Scaled residuals:
   Min     1Q   Median     3Q      Max
-4.2707 -0.0970 -0.0418 -0.0044  10.3596

Random effects:
 Groups      Name      Variance Std.Dev.
VOCABULO    (Intercept) 1.229    1.109
INFORMANTE  (Intercept) 2.719    1.649
Number of obs: 1580, groups: VOCABULO, 345; INFORMANTE, 20

Fixed effects:
              Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
(Intercept)  -10.85090    1.48312  -7.316 2.55e-13 ***
CONTSEG_PAZalveolar    1.70764    0.42647   4.004 6.22e-05 ***
CONTSEG_PAZpalatoalveolar  0.53300    0.80381   0.663 0.507272
CONTSEG_PAZvelar      2.01695    0.65320   3.088 0.002017 **
CONTSEG_PAZvogal      0.33115    0.59502   0.557 0.577848
CONTSEG_PAZpausa      0.06737    0.50234   0.134 0.893308
GENEROmasculino     1.44746    0.91919   1.575 0.115321
ESCOLARIDADEZensinobasico 3.77048    1.06872   3.528 0.000419 ***
FAIXAETARIAZ26-48    1.53681    1.33442   1.152 0.249460
FAIXAETARIAZ49-63    6.04639    1.31817   4.587 4.50e-06 ***
FAIXAETARIAZmais64    9.27060    1.40029   6.620 3.58e-11 ***
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

```



## Apêndice E – modelo de regressão logística multivariado sem a variável *gênero*

```

Generalized linear mixed model fit by maximum likelihood (Laplace Approximation) ['glmerMod']
Family: binomial ( logit )
Formula: REALIZACAOL ~ CONTSEG_PA2 + ESCOLARIDADE2 + FAIXAETARIA2 + (1 | VOCABULO) + (1 | INFORMANTE)
Data: dados
Control: glmerControl(optimizer = "bobyqa")

      AIC      BIC    logLik deviance df.resid
  510.2   574.6   -243.1   486.2   1568

Scaled residuals:
   Min       1Q   Median       3Q      Max
-4.0441 -0.0936 -0.0386 -0.0052 10.0283

Random effects:
Groups   Name             Variance Std.Dev.
VOCABULO (Intercept)  1.186    1.089
INFORMANTE (Intercept) 3.478    1.865
Number of obs: 1580, groups: VOCABULO, 345; INFORMANTE, 20

Fixed effects:
              Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
(Intercept)    -10.18985    1.47248  -6.920 4.51e-12 ***
CONTSEG_PA2alveolar    1.69833    0.42418   4.004 6.23e-05 ***
CONTSEG_PA2palatoalveolar  0.55096    0.79682   0.691 0.48928
CONTSEG_PA2velar    2.00279    0.65205   3.072 0.00213 **
CONTSEG_PA2vocal    0.32509    0.59201   0.549 0.58292
CONTSEG_PA2pausa    0.06375    0.49864   0.128 0.89826
ESCOLARIDADE2ensinobasico  3.68998    1.18360   3.118 0.00182 **
FAIXAETARIA226-48    1.53276    1.48009   1.036 0.30040
FAIXAETARIA249-63    6.11452    1.45171   4.212 2.53e-05 ***
FAIXAETARIA2mais64    9.35308    1.52924   6.116 9.58e-10 ***
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

```

## Apêndice F – resultado do teste de multicolineariedade GVIF

	GVIF	Df	GVIF <sup>1/(2*Df)</sup>
CONTSEG_PA2	1.054249	5	1.005297
ESCOLARIDADE2	1.104968	1	1.051175
FAIXAETARIA2	1.137986	3	1.021777